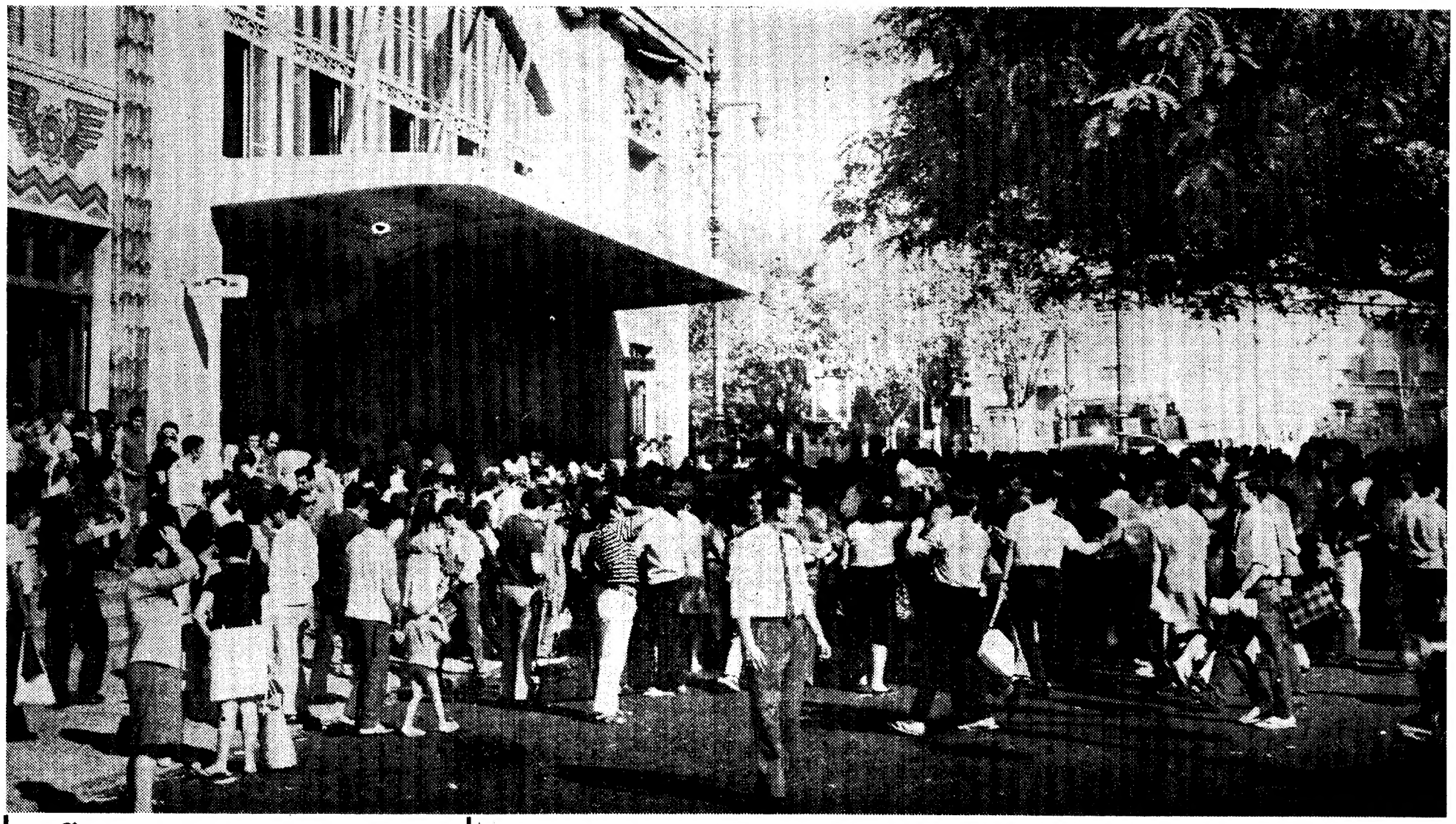
NA 3.ª PÁGINA: «A IMPRENSA DE PRAGA — UMA PRIMAVERA DEPOIS»

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 5 DE JUNHO DE 1969 N.º 16 688 ANO 49.º UM ESCUDO

às sextas-feiras em MESA REDONDA vamos discutir...



NÃO FOI DOMINGO... MAS FOI DIA DE PRAIA

Exactamente: logo às 9 horas, Lisboa começou a despovoar-se. Comboios superlotados. Barcos na mesma. Tudo de pé ligeiro para as praias. Utilizando o feriado, esta quinta-feira azul, redonda de sol, eufórica. Os lisboetas vingaram-se de um Inverno descontente e prolongado...

(Ler na 8.ª página)

RETIRADA PARCIAL NO OUTONO

COMUNICARÁ NIXON A THIEU

COLORADO SPRINGS, 5 — (F. P.) — Nixon tenciona comunicar ao presidente Van Thieu, no próximo domingo, no seu encontro de Midway, que no Outono procederá a uma retirada parcial de certas unidades americanas estacionadas no Vietnam do Sul, soub-se hoje em meios geralmente bem informados (Continua na pág. 11)

MÉDICOS JOGAM FUTEBOL

Autênticas estrelas do futebol revelaram-se hoje na partida entre duas equipas (médicas) do Hospital dos Capuchos. Mas o calor cortou cerce algumas carreiras e aí fez-se aplaudir o homem da máscara de oxigénio.

(Ler na segunda pagina)

A INTERVENÇÃO PORTUGUESA NO CASO DOS ESTRANGEIROS CONDENADOS EM BIAFRA

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 5. — (A. N. I.) — Causou repercussão nos bastidores políticos, tanto na O. N. U. como em Washington, a decisão biafren-

(Continua na ultima página)

HOJE 32 PAGINAS VISADO PELA CENSURA

Edição da noite

O PORTO VAI TER UM NOVO HOSPITAL

Será inaugurado ainda este ano no Porto o novo hospital da celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade, diz o relatório da mesa administrativa referente ao exercício de 1968.

«As novas instalações», lê-se também no relatório, «serão dignas desta Ordem, porquanto, não sendo luxuosas, terão como característica principal o serem perfeitamente funcionais e obedecerem á mais moderna técnica hospitalar, podendo classificar-se do que de melhor existe no género no nosso País.»

O documento analisa em pormenor a situação financeira da Ordem, considerada «satisfatória» (apreciável subida da receita não orçamentada, aumentando o saldo disponível em 237 848$30).

As duas equipas (uma delas incluia o dr. Ferreira de Almeida, médico do Benfica) confraternizando antes do primeiro apito do enfermeiro Sousa

FUTEBOL (A QUANTO OBRIGAS) ENTRE DUAS EQUIPAS DE MÉDICOS DO HOSPITAL DOS CAPUCHOS

Médicos de três Serviços do Hospital dos Capuchos foram, esta manhã, ao Estádio Universitário exercer sevícias sobre uma bola branca, no que se convencionou chamar (e foi a espaços, para regalo da assistência) o desafio de futebol mais culto da temporada.

De um lado alinhava o Serviço 3 (Medicina), com a equipa recheada de óptimos executantes: Simões á baliza; Góis, Rocha e Sampaio á defesa; Ferreira de Almeida e Resina na linha média; e, finalmente, Januário Melo, Andrea, Costa Quinta, Sequeira e Diogo, no ataque.

Opositores: os Serviços 11 (Neurologia) e 12 (Neurocirurgia) misturados, com o guarda-redes Cabral Beirão; os zagueiros Matos, Mário Apolinário e Marcelo Barbosa; os centrocampistas Jorge Manaças e Carlos Macedo; e os avançados Manuel Martins, Canário, Pereira Gonçalves e Orlando Leitão. Dada a confusão estabelecida desde o início, não conseguimos apurar a identidade do 11.º «craque», mas, de qualquer modo, o misto também nos pareceu, senão bom, pelo menos excelente.

Como não há futebol sem árbitro, os vinte e dois jogadores deram o seu apoio moral (e um apito) ao enfermeiro Sousa, que se houve a contento de todos, intrometendo-se muito pouco, e sempre a ver se não prejudicava ninguém.

De vez em quando, a um gesto combinado, saltava da linha de «touche» o misterioso homem da máscara (de oxigénio). Quem é, quem não é, e viemos a saber que era um colega dos futebolistas, o dr. Silva Santos. O seu dispositivo de urgência salvou realmente o espectáculo.

Dentro do rectângulo jogou-se e sofreu-se com aplicação. Denodados, intemeratos, suicidas mesmo, os homens da bata branca integraram-se no espírito do «association», entremeando os seus pontapés de alguns oportunos cortes de relva. Em ponta de lança brilharam Januário Melo (um golo de bandeira ao quarto de hora) e Orlando Leitão (um falhanço primoroso dois minutos depois).

Cá fora, com esposas e filhos a assistir, receou-se pela integridade física dos vinte e dois. Mas também ouvimos palavras confiantes, como estas proferidas pelo «rebento» do dr. Jorge Manaças: — *Ora, o meu pai foi guarda-redes de hóquei!*

Fleumático, o dr. Manaças fingiu que não era com ele e deixou passar o extremo-esquerdo. Infiltração deste, centro a pingar e gooolo!

No final, vencedores e vencidos levaram taças do Instituto Luso-Fármaco

VIII CENTENÁRIO DA ESTADIA E CURA DE D. AFONSO HENRIQUES NAS TERMAS DE ALAFÕES

O VIII Centenário da Estadia e Cura de D. Afonso Henriques nas Caldas de Alafões (hoje, termas de São Pedro do Sul) vai ser comemorado de 1 de Julho a 31 de Outubro com o relevo que a efeméride justifica através de uma série de realizações de natureza cultural, científica e desportiva, na região de Lafões que inclui os concelhos de São Pedro do Sul, Vouzela e Oliveira de Frades.

Do programa já elaborado, consta a realização do I Colóquio Regional de Turismo e Termalismo da Região de Lafões que decorre de 24 a 27 de Julho e tem o apoio técnico da Corporação dos Transportes e Turismo e o patrocínio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, por intermédio da Direcção-Geral do Turismo.

As inscrições para o colóquio podem ser feitas até ao dia 30, no respectivo secretariado que funciona na Corporação dos Transportes e Turismo, á Rua Augusta, 27-1.º, dto., em Lisboa, com os telefones 30489 ou 30480.

tudo
sobre

INDIANAPOLIS

(Reportagem de José Baptista dos Santos e Philippe Toussaint, enviados especiais de MOTOR)

...CORRIDAS DA GRANJA DO MARQUÊS...

(Completa reportagem)

motor

ESTA SEMANA SAI AMANHÃ

...E AINDA:

«Não é assim tão difícil afinar um motor de automóvel, por Bandeira de Lima. Os Mil Quilómetros de Nurburgring. O Circuito de Benguela e o Circuito de Lourenço Marques. Os 45 minutos de Camarate, por Herlander Garcia. Diário do Motor, Cotação dos Usados, Correio dos Leitores, Motonáutica, Direito na Estrada, Aviação e uma completa informação nacional e estrangeira

Não perca este número de Motor

48 PÁGINAS • 2$50

A PARTIR DE AMANHÃ EM LISBOA

CERCA DE 300 BANQUEIROS E ECONOMISTAS DE VÁRIOS PAÍSES NUM SIMPÓSIO PROMOVIDO PELO B. P. A.

Na Sala de Portugal da Sociedade de Geografia, o Chefe do Estado preside amanhã á sessão solene inaugural do simpósio sobre «A política monetária e creditícia como instrumento do desenvolvimento económico» promovido pelo Banco Português do Atlântico, no âmbito das comemorações do seu 50.º aniversário.

No simpósio participam cerca de trezentos banqueiros e economistas estrangeiros que o B. P. A. convidou expressamente.

Na sessão inaugural, usará da palavra o sr. Arthur Cupertino de Miranda, presidente do conselho de administração do Banco Português do Atlântico, o sr. Henry Bizot, presidente do Banco Nacional de Paris e o ministro das Finanças e Economia, sr. dr. Dias Rosas.

Os trabalhos do importante simpósio iniciam-se ainda amanhã, ás 15 e 15, no anfiteatro da Biblioteca Nacional, ao Campo Grande, com a participação de economistas nacionais e dos estrangeiros que, propositadamente, se deslocaram ao nosso País.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

FEIRA DO LIVRO

ENCERRA HOJF

UNIVERSIDADE E DESENVOLVIMENTO — 3

Por FLORESTAN FERNANDES

DEVIDO À CONTINUIDADE da dependência cultural em relação ao exterior, manteve-se a conexão básica da escola superior com a transplantação de conhecimentos. Doutro lado, embora os papéis intelectuais dos profissionais liberais diminuíssem de importância dinâmica como factor socio-cultural do pensamento inventivo e criador, eles sofreram os efeitos directos da concentração urbana. Não só se diferenciaram e pulverizaram em diferentes direcções; aumentaram ràpidamente numa escala ascendente. Além disso, a desagregação do sistema escravista e senhorial não interferiu na alta concentração da renda, do prestígio social e do poder. Apenas os velhos privilégios se desnivelaram socialmente, aos poucos, intensificando a gradual ascenção das classes médias em formação às profissões liberais e aos papéis intelectuais políticos, burocráticos ou técnicos que elas abriam. Assim, as transformações estruturais da sociedade global, associadas à transição para o século XX e à expansão do regime de classes, não repercutiam no antigo padrão de escola superior. No momento em que deveriam entrar em crise, ele conheceu o climax de sua influência histórica. É que, então, se inicia uma nova etapa do desenvolvimento quantitativo do ensino superior. Durante a I República foram criados 64 estabelecimentos de ensino superior; de 1930 a 1949, fundaram-se 160 desses estabelecimentos (duas vezes e meia a cifra anterior); e, apenas numa década, de 1950 a 1960, instalaram-se mais 178 estabelecimentos (quase três vezes aquela cifra). Ora, a rápida multiplicação e a disseminação da escola superior processavam-se em conformidade com o antigo padrão cultural. Primeiro, de maneira directa: os estabelecimentos mencionados nasciam e cresciam como escolas superiores típicas. Em seguida, quando a ideia de universidade **passou a prevalecer (especialmente depois da revolução liberal de 30), de forma mais complexa e tortuosa: as escolas superiores agregadas entre si, mantidas e fortalecidas sua estrutura tradicional e suas tendências autárquicas pelas conglomerações, passaram a ser chamadas de «universidade».**

Todavia, no bôjo desse processo de crescimento quantitativo, a escola superior entrou em colapso. O referido processo respondia a necessidades educacionais mais ou menos novas. Especialmente a partir da década de 50, as comunidades urbanas dotadas de funções metropolitanas requeriam um tipo de ensino superior que fosse capaz de responder ás exigências intelectuais, sociais e culturais da civilização urbano-industrial. Isso acarretava: a expansão do ensino, da ciência e da tecnologia científica; a intensificação da contribuição da escola superior ou da universidade á produção de conhecimentos originais (em particular, no terreno da investigação científica e da pesquisa tecnológica); a formação de uma nova mentalidade, de orientação pragmática e, ao mesmo tempo, «científica» e «universitária», que libertava o pessoal docente dos papéis secundários e marginais dos profissionais liberais. No plano especificamente institucional, o rápido cresci-

(Continua na página seguinte)

A IMPRENSA DE PRAGA — uma Primavera depois

Tal como Maio de 1968 foi em Praga o mês da liberdade recuperada, assim Maio de 1969 é o da desilusão e do estrangulamento. As medidas anunciadas na quinta-feira são de longe as mais severas que têm incidido sobre a Imprensa checoslovaca desde a invasão soviética: os semanários «Listy» e «Reporter», os dois porta-vozes com maior audiência do «Primavera de Praga», estão definitivamente proibidos. Mais três publicações periódicas, e mensário dos escritores «Plamen», o semanário dos jornalistas «Svet v Obrazech» e o órgão da União da Juventude «My 69», estão suspensos por três meses, e o redactor-chefe do diário «Prace», Velensky, se viu obrigado a apresentar a demissão perante as censuras e as pressões.

Deste modo, após a colocação sob «contrôle» dos meios de informação audiovisuais e da agência C. T. K., após o realinhamento do «Rude Pravo», principal diário do Partido, com posições de um conservantismo quase novotniano, a «normalização» desejada pelos soviéticos está quase acabada neste domínio. Estes não tiveram muito mérito por seu lado em suprimir a sua folha de ocupação, «Spravy», pois a condição que nisso punham — a publicação de jornais checoslovacos do mesmo conteudo — está satisfeita no essencial.

Entre todos os periódicos sancionados, o caso do «Listy» é o mais notável. Publicado até 1967 sob o título de «Literarni Noviny», o jornal havia causado muitas noites em branco a Novotny. Entre outras circunstancias, foi ao querer amordaçá-lo retirando-o ao então seu proprietário, a União dos Escritores, para o entregar ao Ministério da Cultura — que o antigo homem forte da Checoslováquia, no Outono de 1967, precipitou a sua queda. A reaparição do semanário sob o nome de «Literarni Listy», em 1 de Março de 1968, foi uma das primeiras manifestações da «renovação». O seu papel até Agosto de 1968 não foi de facto nem mais nem menos importante que o de todos os outros jornais checoslovacos por fim libertos da censura («Reporter», o outro periódico agora proibido, foi talvez ainda mais influente); más teve o condão de atrair primeiro sobre si a cólera de Moscovo, designadamente aquando da publicação nas suas colunas do famoso «Duas mil palavras» de Ludvik Vaculik. Após a invasão, transformou-se novamente em «Listy», procurando não sem êxito defender, através da meia censura oficial, o ideal de liberdade que é o dos intelectuais checoslovacos.

A medida brutal tomada para ele ilustra no fundo a fraqueza do poder actual de Husak e dos seus amigos «realistas»: ainda incapaz de fazer vergar toda a Imprensa á sua devoção, como fazia Novotny, o chefe do Partido proibe mais do que reforma. Um dos resultados é que os escritores já não têm agora outros órgãos para se exprimirem além de mensários puramente literários.

«Não é porque as ideias são suprimidas que deixam de existir». Este reparo, feito há um ano por Cisar, então secretário do P. C. checoslovaco, foi igualmente «suprimido», mas nada perdeu da sua força. É verdade que os dirigentes soviéticos não se importam com isso, escondendo cada vez menos que contam com a repressão para «manter o socialismo» — ou pelo menos a concepção que dele fazem — e que devem ter a responsabilidade de primeira das medidas agora tomadas em Praga.

E a que título nos deveríamos admirar de que (segundo os numeros recentemente indicados pelo periódico «Zivot Strany») vinte e um mil membros do P. C. checoslovaco o tenham deixado durante os quatro primeiros meses deste ano (entre os quais uns doze mil foram expulsos, é certo), ou seja, mais do que durante todo o ano de 1968, e que o recrutamento para este tenha caído ao seu mais baixo nível desde 1952? Depois do malogro do socialismo «de face humana», será de falar do socialismo sem face?

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

Nota do dia

UMA CRISE DECLARADA

O PAÍS FICOU SABENDO, através das palavras do presidente da Corporação da Pesca e Conservas, as dimensões do mal de que se queixa aquele sector das nossas actividades económicas, tradicionalmente considerado um dos mais expressivos no nosso comércio com o exterior. Essas palavras, alarmadas e alarmantes, resumem e reflectem uma situação que, se porventura já era do conhecimento do próprio sector a que dizem respeito, foram por assim dizer uma verdadeira surpresa para o resto do País, pois chega a pôr-se em dúvida que possa a indústria conserveira subsistir. Como foi possível cair-se tão no fundo?

O enunciado de razões constante da angustiada comunicação daquele dirigente corporativo responde àquela pergunta. Por aí se verifica que, das causas, umas são-nos directamente imputáveis, outras resultantes da concorrência do mercado internacional, especialmente espanhol e marroquino. A verdade é que não é dos outros, que fazem pela sua vida, que temos de nos queixar, mas de nós próprios, que não nos mostrámos à altura de defrontar contingências que nos iam sendo desfavoráveis e que chegaram a um ponto de crise que não afecta já, apenas, o sector directamente interessado.

Alguns dos factos e números citados constituem uma lancinante surpresa Mas surpresa, parece-nos, apenas para o público, que vive habitualmente longe do conhecimento destas evoluções. Surpresa não foi, evidentemente, para os próprios interessados que bem sabiam as diferenças de tratamento: em Espanha os exportadores são estimulados por prémios de exportação da ordem de um dólar por caixa, ao passo que entre nós cada caixa é onerada por trinta cêntimos de dólar de taxa corporativa. Vizinhos e concorrentes, a diferença de tratamento havia de fazer recear as consequências agora convertidas em queixumes.

Mas então se se sabia, se os interessados sabiam e sentiam, que faltou para agir, que faltou ao menos para que se tentasse desencadear uma acção oportuna? Que faltou para que se decidissem a tempo de conseguir alguma coisa? O presidente da Corporação responde: «Dentro do espírito a que acabo de aludir, não poderia ir mais longe, pois me arriscaria a ser, eu próprio, um elemento perturbador na busca de soluções, justas e harmónicas, livremente ponderadas e livremente aceites». E esperou até agora.

O presidente de uma corporação, pelas qualidades que hão-de recomendar a sua escolha, pelo conhecimento que há-de ter dos limites e finalidades da acção que lhe é confiada, pela capacidade de intervenção de que há-de dispor, não pode, para usar a expressão de que ele próprio se socorreu, não pode ficar impávido e sereno à espera de ver o que é que vai acontecer. Mas foi o que ele fez, decidindo-se, poderá responder-se. Sim, mas quanto tempo levou a decidir-se pela decisão? Há situações e problemas em que deixar passar o tempo não é remédio. Nem deixar passar o tempo nem panos quentes.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

RECTÂNGULOS DA VIDA

NUM CONSULTÓRIO

No dia 5 de Junho de 1968

— Pois não acha, senhora Donana?

— Claro que sim. Até já disse lá em casa. Penso exactamente o mesmo, senhora Donalda. Exactamente.

— Somos pessoas sensatas.

— A vida já nos ensinou muitas coisas.

— Eu costumo dizer que já lemos muito no livro da vida.

— Ora aí é que está.

— Um homem que tinha tudo!

— E bonito ainda por cima. Parecia um artista de cinema, não acha?

— É verdade que parecia. E de muito boa gente. Fina. Era católico, sabe?

— Li no jornal e até fiquei espantada. Julguei que os americanos eram... Mas os americanos não são...?

— Também há católicos. Já o irmão, não se lembra?, foi recebido pelo Papa. Mas o que quer? É a ambição de que os conheçam, de que os discutam. É a ambição, senhora Donana.

— É isso mesmo. Querem, como direi? a glória.

— A glória, diz muito bem. Um homem que tinha tudo. Riquíssimo, ainda por cima. Milionário. E olhe que a mãe é que o ajudava, andava pelas ruas a fazer comícios. Veja lá. A mãe.

— Parece impossível. Uma mãe.

— Li eu. Ela mesma. Depois queixam-se.

— É. Depois queixam-se.

— Claro que faz pena.

— Sem dúvida. Tinha dez filhos. Ou onze.

— Pobres crianças. Pobres inocentes, eles é que vão sofrer.

— É a vida.

— É o critério que eles têm da vida. Gostam de dar que falar, de ser conhecidos...

— Ora aí é que está, senhora Donalda.

— Um homem que tinha tudo.

— E bonito ainda por cima. Parecia um artista de cinema.

(Etc., etc., etc.).

por **MARIA JUDITE DE CARVALHO**

UNIVERSIDADE E DESENVOLVIMENTO

(Continuação da pág. anterior)

mento quantitativo provocou consequências de duas ordens. Pôs em evidência a incapacidade do velho padrão de escola superior de crescer, diferenciar-se e adaptar-se á situação nova. O congestionamento quantitativo e estrutural-funcional serviu para demonstrar a rigidez da instituição e sua inexequibilidade nos tempos presentes. Além disso, revelou as fontes congénitas de sua impotência cultural: adaptada ao ensino magistral e dogmático, a escola superior tradicional não possuía condições internas para evoluir no sentido do ensino pluridimensionado, nos moldes de concepções científicas, democráticas e utilitárias de educação escolarizada. O seu teor arcaico e os seus dinamismos arcaizantes chocavam-se com as exigências da situação histórico-social emergente em três níveis distintos. O novo universitário entrou em conflito irreconciliável com sua existência e perpetuação; o homem de acção moderno, que exprimia o jogo de interesses do mundo urbano-industrial, também passou a criticar os seus altos custos e seus baixos rendimentos; por fim, os jovens de classes médias ou altas, nas quais se recrutam seus alunos, mostraram seu desencanto através de uma repulsa total. No fundo, o ensino superior está sendo redefinido social e culturalmente. O diploma já não conta como no passado. Ainda é perseguido, mas não tanto como «símbolo social»: como requisito e índice valiosos na competição intelectual ou profissional. A sociedade brasileira não chegou a equacionar o *desenvolvimento* como o equivalente da revolução dentro da ordem e acelerador da revolução burguesa nos limites da independência nacional. Não obstante, volta-se para a universidade com expectativas que permitem representá-la, socialmente, como uma agência de ensino e de produção cultural. E seu fénix não é posto no saber conspícuo, honorável mas inoperante. Ele é colocado, um tanto ingénuamente, na contribuição que a universidade está sendo chamada a dar, educacional e culturalmente, para a aceleração do desenvolvimento.

FASE DE TRANSIÇÃO

Nessa fase de transição confusa e desordenada, em que a crise da escola superior tomou proporções dramáticas e irreversíveis, o velho padrão de ensino superior iria exercer influências desorientadoras e funestas. Na medida em que a situação de dependência em relação ao exterior apenas se redefiniu em novas bases, ele próprio não ficou totalmente condenado.

Revitalizou-se provisóriamente, através da dissemiação dos estabelecimentos de ensino superior e, principalmente, da formação da universidade conglomerada. Nesta, realmente, é que se trava a última batalha. Modificado e fortalecido pelo efeito acumulativo da solidariedade activa (administrativa e politicamente actuante) (1), esse padrão de ensino práticamente renasceu, como dinamismo socio-cultural. O que importa assinalar, aqui, é que ele está na raiz das resistências aos movimentos de reforma universitária e da obstrução sistemática ás tentativas mais integras de construção de uma universidade nova. Na verdade, como o que existe é a escola superior tradicional e a universidade conglomerada, as atitudes e opiniões acabam exprimindo, de modo directo ou indirecto e de maneira visível ou invisível, as deformações produzidas por aquele padrão cultural. Não só a maior parte dos professores — mesmo quando sinceramente engajados na renovação da universidade — se acha contaminada; os jovens, na ânsia de destruir a escola superior tradicional e a «universidade arcaica», acabam apegando-se a soluções que dão continuidade e revigoram, sob novas roupagens, ás «estruturas arcáicas» (2). Uns e outros estão imersos nas mesmas estruturas educacionais, que operam, também, como estruturas de poder. Os que lutam entre si, «contra» ou a «favor» das soluções arcáicas, ou seja, «contra» ou a «favor» do conservantismo cultural, têm de apoiar-se naquelas mesmas estruturas. Assim, ocorre um paradoxo digno de especial atenção. A irracionalidade do comportamento conservador condiciona e acaba calibrando a irracionalidade simétrica do comportamento radical. Em termos de atitudes, opiniões e acções médias, tal circunstância é terrivelmente nociva. O Brasil, que pagou um preço tão alto, na esfera do ensino como em outras coisas, ao carrancismo e ao imobilismo conservador, na época da mudança acelerada sofre a mesma consequência de onde ela seria inesperada. A incongruência, a imaturidade ou o oportunismo conduzem os defensores das soluções inovadoras e reformistas por caminhos que não levam, por si mesmos, á universidade nova. Cedem ás confusões reinantes, quando deveriam efectuar uma revolução coperniana, que a meio não realizou. Teriam de pensar e de lutar pela universidade nova fora e acima do próprio contexto histórico-cultural, negando e repudiando, socialmente, as fórmulas de transacção educacional ou política, decorrentes da presença invisível do velho padrão de ensino superior em todas as consciências.

A UNIVERSIDADE APTA

Essas reflexões possuem uma importância que não precisa ser exagerada. A escola superior tradicional e a universidade conglomerada são produtos de uma sociedade que se adaptou, estrutural e históricamente, a uma situação de dependência cultural imposta de fora para dentro. Os interesses e os valores sociais que orientaram o apontado crescimento institucional do ensino superior nasciam dessa situação de dependência, mobilizando a expansão do ensino na direcção da continuidade da dependência educacional e cultural. Portanto, nem a escola superior tradicional nem a universidade conglomerada tinham forças para romper o imobilismo e as limitações dinâmicas do meio. Nasceram, ao contrário, para se adaptarem ás exigências educacionais e culturais que as tornavam uma realidade histórica, como «má escola» e «universidade problema». Permitiam e estimulavam o crescimento dentro da ordem. Mas, esta ordem dinamizava-se, estrutural e históricamente, como a ordem económica, social e cultural de uma sociedade de classes dependente. Os que pensam e lutam pelo «destino nacional» do Brasil em outros termos, precisam subverter as bases do seu pensamento e de suas actividades sociais inconformistas. A universidade apta para o desenvolvimento não foi nem podia ser herdada dos modelos institucionais que vêm do passado. Ou ela será forjada aqui e agora, sob a previsão das exigências educacionais e culturais do futuro, ou nunca teremos uma universidade brasileira capaz de responder, *por si mesma*, aos requisitos da «civilização industrial» e de atuar, *por si mesma*, como um factor de desenvolvimento acelerado mas independente.

---

(1) A conglomeração deu origem a órgãos (como o concelho universitário e a reitoria) que aumentaram o poder de preservação, de crescimento e de influência da antiga escola superior. Como não quebraram sua estrutura autárquica, engendrando uma ordem que se adapta integralmente aos requisitos funcionais da escola superior tradicional, esta se fortaleceu e ganhou novos alentos, até criar a universidade emergente á sua imagem.

(2) A melhor ilustração, a respeito, pode ser extraída das comissões paritárias das várias secções da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Em vez de se voltarem decididamente para o modelo ideal de universidade e ser criada, fixaram-se, obstinadamente, na reorganização departamental das antigas secções, como se a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras não estivesse fadada a desaparecer.

ora diga-nos...

Frequenta piscinas?

Estamos a entrar no Verão, pelo menos no verão climatérico, que não ainda no do calendário, que só começará a 21. Pertinente, pois, saber se as pessoas se refrescam mesmo na cidade ou só o fazem quando, aos domingos e feriados, se deslocam em romaria para as praias dos arredores. Em suma, se utilizam as (poucas) piscinas à sua disposição.

● *O sr. Manuel João Araújo, jovem empregado de escritório, disse-nos:*

— Frequento, sim senhor. Tanto no Inverno como no Verão. Agora na piscina do Areeiro, porque fechou a do Nacional, em S. Bento, onde costumava nadar.

— Sabe nadar desde quando?

— Desde os 14 anos. Não, não tive professor, aprendi por mim próprio.

— E já interveio em alguma competição desportiva?

— Não. Desporto, só pratico o bilhar.

● *Com o nosso anterior inquirido vinha uma jovem, também empregada de escritório, a sr.ª D. Aurora do Céu. Não se escusou a depor. Assim:*

— Às vezes. Aí umas duas vezes por mês, mas só no Verão.

— Sabe nadar?

— Não sei. Mas gostava. Porquê Talvez porque tenha medo...

— Também costuma ir á praia?

— Também (ao Estoril, principalmente). E tomo banho — mas só enquanto tenho pé...

● *A empregada doméstica sr.ª D. Maria Elizete Cardoso Teresa encerrou o naipe das respostas de hoje.*

— Não. E não sei nadar. Porque não aprendi, mas olhe que gostava de aprender.

— E conta aprender em breve?

— Este ano, na Foz do Arelho. Serei ensinada pelo meu namorado. Aliás, pelo meu marido, porque então já estaremos casados...

— Pratica alguma modalidade desportiva com regularidade?

— Não. Mas gosto de jogar á bola. Com o pé, sim senhor, com o pé — mas não jogo nada de especial.

Artes plásticas

Margarida Tamegão expõe nas Arcadas do Estoril

Na sede da Junta de Turismo da Costa do Sol, ás Arcadas do Estoril, encontra-se patente a exposição da artista Margarida Tamegão.

Margarida Tamegão tem sido várias vezes premiada nas exposições daquele organismo, tendo sido muito visitada esta sua apresentação individual com assinalado êxito.

A exposição acha-se aberta ao publico todos os dias das 10 ás 22 horas.

Vítor Belém vai expor na S. N. B. A.

O artista Vítor Belém inaugura na sexta-feira próxima a sua exposição de pintura nas saletas da S. N. B. A.

Vítor Belém, bolseiro da Fundação Gulbenkian, tem participado em diversas exposições colectivas.

A exposição na S. N. B. A. ficará aberta ao publico até o dia 15 de Junho.

Maria Fernanda Amado no Casino Estoril

A pintora Maria Fernanda Amado, que ultimamente tem obtido êxitos marcantes, na sua nova forma, entre eles o prémio do salão na ultima exposição de Primavera da Junta de Turismo da Costa do Sol, volta a expor no Casino Estoril.

Por várias vezes a artista ali se tem apresentado e com o êxito conhecido. A nova exposição abre ao publico no sábado próximo, ás 19 e 30.

João Fragoso e Figueiredo Sobral na Galeria Interforma

Na Galeria Interforma, á Avenida Casal Ribeiro, é inaugurada amanhã a exposição dos artistas João Fragoso e Figueiredo Sobral.

A inauguração efectua-se pelas 21 e 30 horas, estando a exposição a suscitar considerável interesse.

O «Acampamento Rali do Sol» realiza-se no Parque de Peniche

Realiza-se nos próximos dias 13, 14 e 15 o tradicional «Acampamento Rali do Sol», uma das organizações mais características do Clube de Campismo de Lisboa, habitualmente á beira-mar e de um modo especial na Costa da Caparica ou no Guincho. Esta manifestação de puro campismo desportivo foi recebida por parte dos adeptos da modalidade com o maior agrado, na medida em que fora interrompido por motivos vários, há já alguns anos. Desta vez, o local escolhido foi o parque de campismo de Peniche para o que terá o patrocínio da Camara Municipal e Comissão Municipal de Turismo daquela vila.

UMA CARTA DA CÂMARA DOS DESPACHANTES OFICIAIS

Em referência á carta publicada, no nosso jornal, a 6 de Janeiro, subordinada ao título «Faltam despachantes de Alfândega», recebemos, da Câmara dos Despachantes Oficiais, com o pedido de publicação, a seguinte resposta:

«No número desse conceituado jornal, de 6 do mês de Janeiro último, foi publicada uma carta de um leitor, subordinada ao título «Faltam despachantes de alfândega» na qual se contêm referências inverídicas e assaz desprimorosas para os despachantes oficiais, designadamente na medida em que assevera que as tarefas que a estes competiriam são cometidas aos ajudantes, que os despachantes estão reduzidos a máquinas de produzir assinaturas e, ainda, quando diz entender «que um despachante oficial deve ser um indivíduo devidamente habilitado para proceder a todo o expediente aduaneiro», inculcando, assim, que os actuais despachantes o não são.

Esta Câmara, a quem, nos termos dos art.os 1.º e 2.º dos seus Estatutos, aprovados pelo Decreto n.º 40.363, de 25 de Outubro de 1955, incumbe a representação legal de todos os despachantes oficiais das alfândegas do continente e das ilhas adjacentes e a sua defesa em todos os assuntos que digam respeito ás suas funções, tem o dever de vir repudiar, públicamente, como o faz, aquelas afirmações e outras contidas na dita carta, informando, ainda, que está em curso, contra o autor da mesma, o adequado procedimento.»

Atrás do reposteiro

- *Eduardo Damas não desistiu da ideia de formar a sua companhia teatral.*
- *Volta a insistir-se no regresso ao teatro da popular Hermínia Silva.*
- *A peça «O jovem mentiroso» só deve ser apresentada em Luanda na segunda passagem por aquela cidade da companhia Laura Alves.*
- *A época de Inverno do Teatro Experimental de Cascais vai ser inaugurada com uma peça de Natália Correia.*
- *Está a trabalhar numa nova peça teatral a escritora Luzia Maria Martins.*
- *É muito provável que volte á cena no Teatro da Estufa Fria a peça «Bicha de rabiar».*
- *Parece posta de parte a deslocação ao Ultramar do actor Carlos Coelho, comprometido para actuar numa revista destinada ao Variedades.*
- *O novo Teatro Maria Matos deve estar concluido dentro de dois meses.*

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

NO POLITEAMA

TÍTULO: «O voo fatal».
REALIZAÇÃO: William Graham.
INTÉRPRETES: Jack Lord, Edmond O'Brian, Katherine Crawford e Van Johnson.

Na página de cinema da revista *«Rádio e Televisão»*, Adelino Cardoso fazia há dias notar a espantosa quantidade de filmes importados para Portugal: 441 durante o ano de 1968 (tendo sido exibidos 360). E observava ainda um pormenor interessante: são as salas que exibem cinema de pior qualidade que menos tempo têm os seus filmes no cartaz. Poder-se-ia tentar explicar a programação do Aviz ou do Politeama pelas solicitações de um determinado público. Mas, na verdade, na maior parte das vezes, esse público não é suficiente para manter tais filmes mais de uma semana em exibição. Deste modo, no ano de 1968, o Olímpia estreou 36 filmes, o Avis 32, o Europa 32, o Eden 28 e o Politeama 24. É evidente que estas avaliações deverão ter em conta as lotações de cada cinema (que em parte explicam os excelentes resultados do Estúdio e do Estudio 444). Mas isto não chega para alterar o que Adelino Cardoso pertinentemente nota. E não conseguimos entender as razões que levam a exibir em semanas sucessivas os mesmos *westerns* muito estereotipados e de origem italiana, as mesmas histórias de espionagem sem um mínimo de invenção, as mesmas aventuras na selva, em aviões ameaçados, na última guerra, etc.. É que tais filmes não parecem satisfazer ninguém.

Estreou-se ontem no Politeama mais uma aventura, esta arrepiante, entre nuvens. Segundo o programa, trata-se da «mais emocionante odisseia de todos os tempos». Resta-nos acrescentar que não é.

E. P. C.

Debate sobre cinema em Vila Franca

VILA FRANCA DE XIRA, 5 — No salão dos Bombeiros Voluntários desta vila prossegue amanhã á noite (21 e 30) o ciclo de debates sobre «A situação da arte em Portugal», promovido pela secção cultural da União Desportiva Vila-franquense. Sobre cinema falam Fernando Lopes, Seixas Santos, António Pedro de Vasconcelos e João César Santos.

VIDA MUSICAL

A ópera «Serrana» de Alfredo Keil no Teatro da Trindade

Realiza-se amanhã (e não hoje como estava anunciado) ás 21 e 30, a estreia do 3.º espectáculo da 7.ª temporada da Companhia Portuguesa de Opera do Teatro da Trindade (F. N. A. T.)

Será apresentada mais uma vez a obra-prima do maestro Alfredo Keil *«Serrana»*, uma das jóias do repertório lírico nacional, numa encenação de Alvaro Benamor, estando a direcção musical a cargo do maestro Jaime Silva (Filho). A interpretação está a cargo de um elenco com alguns dos maiores cantores portugueses: Ana Lagoa, João Rosa, Luís França, Carlos Fonseca, Guilherme Kjolner e João Pessanha. Os cenários são da autoria de Raul de Campos. Colaboram a Orquestra de Opera da Emissora Nacional e o Coro do Teatro Nacional de S. Carlos preparado pelos maestros Mário Pellegrini e Carlo Pasquali.

MARIA VITÓRIA
Hoje às 20,45 e às 23 horas
A SENSACIONAL REVISTA
• MÃOS À OBRA! •

VITOR MENDES no «Cozinheiro»
■ SALVADOR ■ VIANA ■ MARIEMA
● MAX ● ANITA ● DORA ● VÍTOR MENDES ● HELENA CARDINALI ● MARIANO FRANCO ● VÍTOR ESPADINHA ● DINA MARIA E A ATRACÇÃO ■ MAY AVRIL
(ADULTOS)

MONUMENTAL DE SANTARÉM

DOMINGO, 8 DE JUNHO ÀS 18 HORAS
M/ 6 ANOS
UMA CORRIDA PARA AFICIONADOS
CAVALEIROS
DAVID R. TELLES
J. MESTRE BATISTA
ESPADAS
«SERRANITO»
TRIUNFADOR DE S. ISIDRO — 1968
MANOLO CORTÉS
TRIUNFADOR DA FEIRA DE SEVILHA — 1969

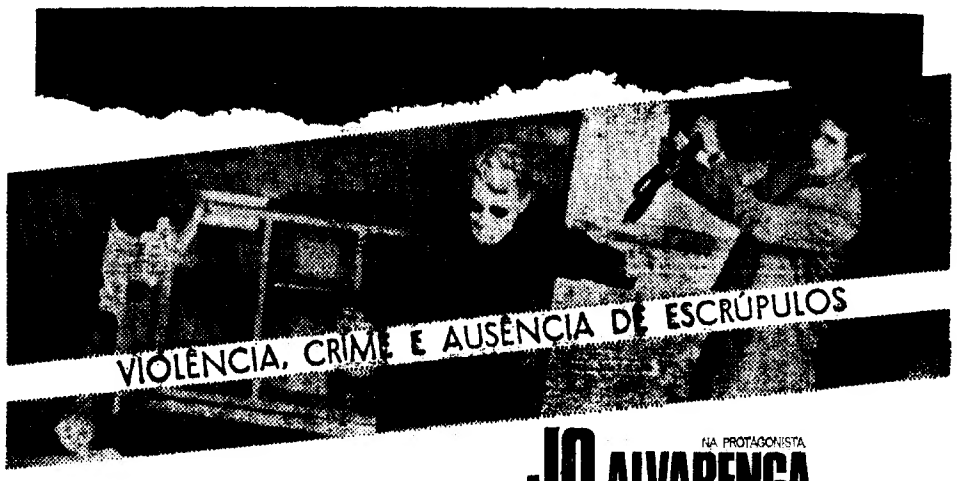
DAVID TELLES

MESTRE BAPTISTA
FORCADOS AMADORES DE LISBOA comandados por NUNO SALVAÇÃO BARRETO
4 TOIROS DE JOSÉ LUPI
4 TOIROS DE HERDEIROS DE PAULINO DA CUNHA E SILVA
VENDA DE BILHETES
EM LISBOA: AGÊNCIA ABEP — PRAÇA RESTAURADORES
EM SANTARÉM: RUA GUILHERME DE AZEVEDO, N.º 10 E BILHETEIRAS NA PRAÇA

UMA OBRA-PRIMA DE
VITTORIO DE SICA
NA GRANDE RETROSPECTIVA DO
estúdio 444
M/ 12 ANOS
UM DOS MAIS BELOS FILMES DE TODOS OS TEMPOS

MILAGRE DE MILÃO
UM FILME PRODIGIOSO
com argumento de CESARE ZAVATTINI
HOJE, ÀS 21.45
EXCLUSIVO TALMA FILMES

UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO E RAUL SOLNADO
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa
HOJE, ÀS 21.45
ADULTOS

DE FREDERICK KNOTT
BLACK-OUT


NA PROTAGONISTA
JO ALVARENGA
E POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA
ADRIANO REIS / JOÃO GUEDES / SINDE FILIPE
ROLANDO ALVES / CÉLIA DE SOUSA / DAVID SILVA / COSTA WAZ

UMA PEÇA DO ARGUMENTISTA PREFERIDO DE ALFRED HITCHCOCK, O MESTRE DO "SUSPENSE"
DIRECÇÃO DE ARTUR RAMOS EM CENÁRIO DE OCTÁVIO CLERIGO

NOVO CASINO ESTORIL

apresenta

LOS PAYADORES com GIOVANNA

vedetas da Rádio e da TV espanhola

SAGITTO

original malabarista e equilibrista

VERONICA

BENTYBER DANCERS

com CLAUDETTE WALKER e LINDSAY DOLAN

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto

JIRINA'S COMBO

FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/7 anos — no wonder bar à 1.00h m/21anos

FLAMME D'OR

só no Wonder Bar

NO CINEMA, as ...

UM HOMEM SEM MEDO

M ...

A temporada de Verão da Companhia do Nacional

A Companhia do Teatro Nacional não terá férias — a sua temporada prolongar-se-á pelo Verão dentro sem interrupção, tendo como base do programa primeiro a peça policial «O segundo tiro» e depois «Os quarenta quilates». Uma curiosidade: «O segundo tiro», peça policial de Robert Thomas, estreia-se na 6.ª feira, 13 (do corrente)... Não há duvida que se trata de um bom dia para uma estreia de peça policial!

A temporada de Verão da Companhia do Nacional representa um esforço para que Lisboa se mantenha sempre com teatro:

— *Faremos um teatro um pouco mais ligeiro do que aquele que habitualmente integra o nosso repertório* — diz-nos Amélia Rey-Colaço, que depois acrescenta — *Esperamos que o público corresponda.*

«O segundo tiro» tem encenação de Varela Silva e é representado por Maria Dulce, na figura da protagonista feminina, Varela Silva e Paiva Raposo. Disse-nos o encenador-intérprete:

— *É uma peça, no seu género, muito bem feita e organizada. Em Paris, encenada pelo autor e tendo como protagonista Pierre Dux, constituiu um grande êxito — que gostaria se repetisse entre nós.*

Quanto a «Os quarenta quilates», de Barillet — Grédy, uma conhecida dupla de teatro de «boulevard» (autor, entre muitas outras peças, de «A flor do cacto») que é a história risonha dos 40 anos, terá encenação de Pedro Lemos e interpretações de Amélia Rey-Colaço, Mariana Rey-Monteiro, Maria Dulce, Glória de Matos, Guida Maria, João Perry, Varela Silva, Paiva Raposo e Baptista Fernandes.

PAULA RIBAS regressa ao teatro em «Ri-te, Ri-te»

A cançonetista Paula Ribas volta ao teatro de revista, agora a convite de Vasco Morgado para colaborar em dois numeros da primeira revista dos Parodiantes de Lisboa, «Ri-te, Ri-te», a subir á cena dentro de dias no Monumental.

Paula Ribas apresentar-se-á em dois luxuosos cenários de que são autores os irmãos Rui e Hernani Martins e magníficamente vestida segundo figurinos de Mário Alberto que esboçou todas as maquetas desta revista. «Ri-te, Ri-te» é mais um grande espectáculo para a história do Teatro Monumental, na qual se reune a maior Companhia de artistas nacionais e internacionais até hoje apresentado numa revista portuguesa. No elenco, nomes consagrados como Camilo de Oliveira e Florbela Queirós ao lado dos novos Delfina Cruz e Octávio de Matos, a revelação Alice Carla, a anunciada atracção Paula Ribas, um elenco de mais de vinte figuras e um «ballet» sob a direcção de Paulo José formado por cerca de 35 elementos de diversos países. A parte musical está a cargo de Carlos Dias, José Mesquita e canções de Alberto Janes.

TEATRO LAURA ALVES

Telef. 86 47 56 (ADULTOS)

HOJE, 2 sessões (20.45 e 23 h.)

2 HORAS DE RISO ABSOLUTO

7.ª SEMANA

Pepsie

tradução de R. Lobato Faria

com JACINTO RAMOS, IRENE CRUZ, JOÃO LOURENÇO, GRAÇA LOBO, LUÍS PINHÃO

cenário de João Vieira

Direcção de JACINTO RAMOS

AMANHÃ, DESCANSO DA COMPANHIA

A SURDEZ

A audição é recuperável com um aparelho auditivo adequado. Se não ouve bem consulte sem compromisso MICROSOM, casa especializada

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º, E.

PORTO: Praça da Batalha, 3

Cinema LIDO

AMADORA

TEL. 92 75 93

Às 21.30

Agora em 70 mm e som estereofónico

Se V. ainda não viu este filme nas 10 semanas de exibição na capital, não perca agora a oportunidade que lhe damos!

(Em últimos dias de exibição)

E TUDO O VENTO LEVOU

Gone With the Wind

com

CLARK GABLE ● VIVIEN LEIGH ● LESLIE HOWARD ● OLIVIA DE HAVILLAND ● ADULTOS

HOJE-FERIADO NACIONAL

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

ABRE ÀS 15 HORAS

Um dia inteiro de festa por quinze tostões

BOA COZINHA E PETISCOS VARIADOS — VINHOS DE TODAS AS REGIÕES — NOS «BARS» CERVEJA, MARISCOS E GULOSEIMAS — FARTURAS — SONHOS E DOÇARIAS

DIVERTIMENTOS DE TODOS OS GÉNEROS — ATRACÇÕES INFANTIS — SORTEIOS, ETC.

UM MUNDO DE COISAS LINDAS — UMA FEIRA PARA TODOS

TRANSPORTES FÁCEIS, DIRECTOS E ASSEGURADOS

DESCONTRAÍDO, SORRIDENTE CONFIANTE...

...ESTE É O «NOVO»

PAUL NEWMAN

QUE, AO LADO DA BELA

SYLVA KOSCINA,

DESENCADEIA A MAIS INCONCEBÍVEL DAS «GUERRAS»:

— LIBERTA 5 GENERAIS!
— PROVOCA CONFUSÃO NO INIMIGO!

E

— CASA COM UMA ESTRANHA CONDESSA!

VEJAM-NO EM

A "GUERRA" SECRETA DE HARRY FRIGG

AGORA EM

4.ª SEMANA

TECHNICOLOR

UNIVERSAL-FILMES LUSOMUNDO

MUNDIAL

MAIORES DE 12 ANOS

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO

Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

Em LAGOS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café Portugal.

COMBOIOS ESPECIAIS PARA MILITARES

Comunica-nos a C. P. que além dos comboios normais para transporte de militares que realiza ás sextas-feiras e sábados, para serviço na linha do Norte, efectua também na próxima quarta-feira, dia 4, dois comboios nas mesmas condições, sendo um com partida da estação de Lisboa (Santa Apolónia) ás 17.40 h., e outro com partida da estação de Entroncamento ás 17.53 horas.

Merza nasceu a 25 de Maio de 1952 em Malta. Aos 12 anos entrou para o «Tourist Revues», agrupamento musical composto por jovens. Estudou francês, inglês e italiano e aprendeu canto. Este ano concorreu ao Festival Internacional do Atlântico, realizado em Puerto de la Cruz (Tenerife): classificou em quarto lugar a composição «Johny» (de John B. Cassar). Merza tem 167 centímetros de altura, cabeleira larga e sedosa, ar alegre e feliz. Pretende realizar uma larga digressão artística. Para já, firmou contratos para surgir na Olimpíada da Canção (em Atenas) e nos Festivais de Malta, Split, Sopot e Rio de Janeiro

VIDA SOCIAL

PROF. AIRES DE SOUSA

O prof. Aires de Sousa, catedrático de Radiologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, partiu para o Rio de Janeiro, onde vai receber as insígnias de doutor «honoris causa» pela Universidade Federal do Brasil.

«BLACK-OUT», de FREDERICK KNOTT NO TEATRO VILLARET

Marca o reaparecimento da actriz Jo Alvarenga a peça de Frederick Knott «Black-Out», ontem estreada no Teatro Villaret. Concebida na linha naturalista que constitui a constante estilística do teatro americano que nos tem sido dado ver em Portugal (e da qual, aliás, nem o mais recente teatro dos jovens autores dos Estados Unidos se libertou completamente) «Black-Out» integra-se nessa corrente como uma obra positiva, de evidente significação moralista e com amplas incidências na esfera do social. Existe mesmo uma certa intenção parabólica na luta a que se assiste entre uma cega e três «gangsters» que, em tudo superiores, a tentam subjugar. Porque a cega sai vencedora desta luta desigual, a moral a extrair parece ser a de que a razão humana pode opor á força bruta, uma táctica sólida baseada na força de vontade, no raciocínio, na inteligência e na lealdade em relação a determinados valores incontestáveis — os valores do humanismo, traduzidos na peça pelo amor da cega *Suzy* a seu marido *Sam*, que a impulsiona a agir e alimenta a sua capacidade de reacção.

Paralelamente, nos três «gangsters» que pretendem subjugar *Suzy* estão bem evidentes as alusões a formas estruturais de ódio e opressão, cujo significado pode perfeitamente generalizar-se. É claro que a luta final do fraco sobre o poderoso conta com factores realistas (a divisão dos três «gangsters» devido aos interesses de carácter individualista que os separam), mas conta, também, com factores de inspiração romântica, decorrentes da transigência com os padrões de gosto do público que se compreendem claramente neste grande êxito da Broadway. Sem atingir, pois, o límpido plano da crítica evidente e de um conceptualismo visível e concreto (servindo-se, nomeadamente, da intriga de tipo policial muito divulgada pelo cinema) a peça de Frederick Knott contém os elementos suficientes para ser considerada uma obra positiva, de fácil comunicação com o grande público e de forte poder de impacto, muito embora as suas alusões e as intenções parabólicas a que aludimos corram o risco de ser compreendidas apenas por uma escassa minoria de público, já que a maioria procurará e encontrará nela uma luta particular, em moldes tradicionais.

Do ponto de vista de construção teatral, «Black-Out» explora muito bem a técnica do *suspense* e do choque, utilizando nesse sentido os cordelinhos e os truques habituais.

Ao encenar a peça de Frederick Knott, Artur Ramos, acusando uma compreensão correcta da natureza do seu trabalho, renunciou a qualquer tipo de habilidades que pudessem pôr em risco o carácter verista (ilusionista) da obra e o estado de tensão progressivamente desenvolvido, até final do espectáculo. Se o primeiro acto nos pareceu um pouco falho de ritmo, com algumas cenas arrastando-se numa lentidão penosa, e outras sem a imprescindível confrontação de temperamentos das personagens, que devia ser dada através de uma riqueza maior de inflexões e de marcações, a verdade é que o segundo acto se desenvolve num ritmo mais rápido e a atmosfera de contensão e de angustia chega a ser completamente traduzida.

Neste trabalho — indesmentìvelmente sério e conseguido — Artur Ramos encontrou uma equipa de actores bastante homogénea. Merece, porém, realce particular Jo Alvarenga que — numa linha diferente da que víramos a Audrey Hepburn, no cinema — compõe com sobriedade, com segurança, com força psicológica, com uma grande riqueza de processos cénicos, que vão desde a magnífica composição da figura até à boa medição de tempos, a personagem de Suzy. Na linha de representação marcadamente naturalista (como se exigia) de Jo Alvarenga, integraram-se os restantes elementos, com uma homogeneidade que não é muito comum. João Guedes dá-nos a figura de Carlino, o cadastrado abrutalhado e pouco inteligente, com um sentido muito louvável das proporções, evitando acentuar o que no seu papel corre o risco de ser dado de maneira caricatural.

Sinde Filipe tem um excelente desempenho, no papel de Klugman, desdobrando-se psicològicamente em vários planos: crueldade, timidez, sadismo, frieza, persuasão, cobardia. Adriano Reis foi, dos três, o mais inseguro, o que pode também ser explicado pela complexidade da sua personagem que exige uma linha evolutiva irregular e hesitante, que só aos poucos e subtilmente se vai definindo. Célia de Sousa, em Glória, a miúda intrometida que retrata muito bem uma certa psicologia juvenil americana, tem uma interpretação óptima, a denumelar um estudo atento do seu trabalho e uma correcta interpretação do significado da personagem. Rolando Alves dá a ternura viril necessária á figura de Sam, o fotógrafo marido de Suzy. David Silva e Costa Vaz aparecem apenas em dois pequenos apontamentos.

O cenário de Octávio Clérigo, um dos elementos definidores da linha da encenação, limita-se a servir, com apuro técnico e qualidade estética, os valores da transcrição naturalista.

Em resumo: um bom espectáculo, bem interpretado, destinado a amplas camadas de publico e para o qual vaticinamos — com base nos elementos de interesse popular que comporta — uma longa carreira.

JOAQUIM BENITE

O Rádio Clube Português vai ser autorizado a utilizar um centro emissor de ondas curtas

O Rádio Clube Português está em vias de conseguir do Governo autorização para criar um centro emissor de ondas curtas de grande potência ou, por outras palavras, para empregar a expressão do sr. Julio Botelho Moniz, «para exportar rádio-frequência».

É isto que se depreende das palavras do secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista, durante a homenagem que ontem foi prestada no Rádio Clube, á memória dos seus fundadores, major Jorge Botelho Moniz e Alberto Lima Basto.

No uso da palavra, o actual presidente da direcção do R. C. P., Julio Botelho, dirigiu-se ao secretário de Estado da Informação recordando que «o Rádio Clube Português há vários anos que luta pela concessão do centro emissor de ondas curtas de grande potência. Quando da inauguração de Porto Alto falei da possibilidade de exportar rádio-frequência. Fi-lo com conhecimento de causa. Hoje afirmo que pode constituir uma riqueza nacional.

E, não querendo compararmos á Rádio Monte-Carlo, por exemplo, posso esclarecer que aquele centro emissor de ondas curtas exportou (é esse o termo) pouco menos de um milhão de contos em 1968. É um numero de respeito, que não estamos em maré de desperdiçar.

Só precisamos do apoio moral do Governo. O financeiro, felizmente, têmo-lo resolvido.»

Respondendo conoretamente, o dr. César Moreira Baptista afirmou:

«Eu sei das aspirações do Rádio Clube Português — as justas aspirações do Rádio Clube Português. Nem sempre, porém, o mecanismo legal permite que tudo se faça imediatamente.

Pois penso poder-lhes anunciar que estão práticamente prontos para estudo do Governo os dispositivos que tornarão certamente viável que o Rádio Clube Português não só leve a mensagem de portuguesismo que sempre tem manifestado, mas seja, simultaneamente, uma fonte de riqueza que anuncia poder ser.»

Perguntar-se-á agora: que pretende o R. C. P. e que significa a expressão «exportar rádio-frequência»?

Actualmente, aquela emissora está limitada ao território português da Europa. Mesmo para o Ultramar, tem apenas um programa semanal, ao domingo, para Angola, via Marconi. Em face destas limitações pretende o R. C. P. passar os limites das fronteiras nacionais mediante o aumento de potência dos emissores e a criação do Centro de Onda Curta que será ouvido na Metrópole, nas províncias ultramarinas e em países estrangeiros, nomeadamente da Europa e das Américas.

Confiada na afirmação ontem feita, a direcção do R. C. P. aguarda, agora, a autorização que pediu há anos. Só depois — e segundo nos informaram esta manhã, daquela emissora — será possível fazer o estudo de emissores a montar e traçar o esquema de trabalho, tendo em vista garantir a recepção nos diversos núcleos de portugueses espalhados pelo mundo.

TOPONÍMIA DA CIDADE

Por edital do Município, foi determinado que os arruamentos, que constituem o prolongamento das Ruas Marquês de Olhão e Nova do Calhariz, fiquem integrados nestas ruas, tomando, consequentemente, a sua denominação: que a rua projectada à Estrada de Moscavide, e que constitui o prolongamento da Travessa da Beirola, fique integrada nesta travessa, tomando, consequentemente, a sua denominação; e que o arruamento ligando a Avenida do Brasil com os Largos do Pote de Água e João Vaz se denomine Travessa do Pote de Água.

— Outros editais determinam: que os Impasses I e II e Rua C, à Estrada da Luz, constituam um único arruamento e se denomine: Rua Conselheiro José Silvestre Ribeiro, estadista e historiador (1807-1891); que a praceta adjacente à Estrada de Benfica, junto ao Instituto Navarro de Paiva, se denomine: Praça Silvestre Pinheiro Ferreira, estadista e publicista (1769-1846); e que a Travessa do Mato Grosso passe a denominar-se Rua do Mato Grosso.

GINA LOLLOBRIGIDA

...«QUEBRA CABEÇA» DE HOMENS CASADOS, «PROBLEMA» PARA A ARISTOCRACIA, «ESCÂNDALO» INTERNACIONAL!...

...É TUDO ISTO E O MAIS QUE SE PODE VER NA COMÉDIA DE QUE TODO O MUNDO FALA:

BOA NOITE SENHORA *Campbell*

com

SHELLEY WINTERS · PHIL SILVERS · PETER LAWFORD

e

TELLY SAVALAS

4.ª SEMANA NO CINEMA

SÃO JORGE

PROGRAMAÇÃO RANK

ADULTOS

RANK FILMES

TEATRO DA TRINDADE

(F. N. A. T.)

AVISO

Por motivo de força maior, o 1.º espectáculo da ópera «Serrana», marcado para hoje, dia 5, é transferido para amanhã, dia 6, são válidos os mesmos bilhetes.

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

OS LISBOETAS MERGULHARAM NO MAR E AFOGARAM A LEMBRANÇA DO INVERNO COM TODO O PRAZER DA VINGANÇA

Hoje, sim, hoje foi o primeiro grande dia de praia. Pode dizer-se que a cidade se despovoou e se aglutinou nos areais. Quer as estações ferroviárias que dão acesso aos banhos, quer as carreiras fluviais que levam as ondas, registaram, esta manhã e durante a tarde, grande afluência de corpos de todos os feitios.

Era uma alegria: cores garridas, peitos descobertos, joelhos á mostra.

— *A mini-saia vai á praia!*

Exactamente: e, uma vez na praia, a mini-saia transformou-se em «bikini».

Foi tudo para as ondas: as ruas da cidade ficaram limpinhas de escarros (por aqui ainda se escarra muito...) e de pontas de cigarros. Uma cidade quase deserta, com a malta toda entregue ao sol, vingando-se de um Inverno prolongado. É assim mesmo! A pele precisa de beijos solares, de sal e de iodo. Até para que se torne elástica e agradável para todos os jogos da vida...

Os comboios, coitados! Os comboios (no Cais do Sodré por exemplo) foram pràticamente assaltados pela multidão. Estava lá a Guarda Nacional Republicana, a suar muito, a tentar manter uma ordem absolutamente necessária para que todos pudessem embarcar.

— *Então o senhor não vai até á praia?* — perguntámos a uma praça da G. N. R.

O homem encolheu os ombros, obediente á farda, talvez entontecido pelas

O sol na pele — é uma força que se vai avolumando dentro de nós, grande e grande...

Um mar de gente no átrio da estação do Cais do Sodré. Objectivo: o mar...

vozes de toda aquela gente.

— *A mini-saia vai á praia!* — E as cores berrantes perpassavam, eufóricas, ferindo os olhos, aquecendo ainda mais o ambiente. Também havia muitas crianças, como cavalinhos selvagens, escapando da mão dos pais, fazendo gaifonas a torto e a direito.

Muita coisa (chinelas, chapéus, gelados, doces empacotados) se vendia a poucos metros das bilheteiras.

— *Isso é que é negócio!* — atirara um tipo de toalha enrolada sob o braço.

E os vendedores:

— *Pois, pois...*

Sinal dado, os comboios partiam, os barcos largavam, á compita com os automóveis pela Marginal e pela ponte.

Ena! Toda a gente ia para a praia! Toda! E o repórter, ali, a ver aquele movimento todo, ébrio já, os olhos no relógio de pulso, a tipografia á espera destas linhas... Que raio de vida!

Para se consolar, disse o repórter de si para si:

— *Deixa lá! O mar hoje deve ficar muito sujo... Não presta!*

E velo-se embora, filosòficamente.

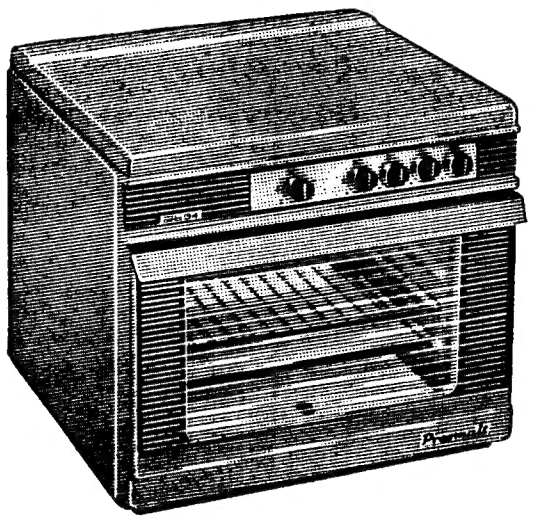
Não te causa inveja, leitor, este mar tão dado que se agarra na mão e se entorna pelos cabelos?

troque o seu fogão "modesto" pelo NOVO

inox Presmalt

Minha Senhora:

A Presmalt acaba de lançar no mercado a última maravilha para cozinhas modernas:
Um fogão em aço inoxidável, com vidro na porta do forno, que é o primeiro do tipo a ser vendido em Portugal.
Mais ainda, a Presmalt valoriza, no acto da compra, o seu fogão antigo. Dirija-se hoje mesmo a um dos estabelecimentos nossos representantes.
Dê à sua cozinha um presente sensacional: Inox-Presmalt.



UMA BELEZA PARA OLHAR... E COZINHAR!

Rotary Clube de Lisboa

Na reunião do Rotary Clube de Lisboa que se realizará no dia 11, no Hotel Tivoli, ás 12 e 45, a dr.ª D. Maria da Graça Campos de Andrada, directora clínica do Centro de Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral, fará uma palestra sobre «Paralisia Cerebral».

A reunião será precedida de uma visita aquele Centro, na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 81.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Poli-grip faz parte da minha «maquillage». Escolher a cor certa de um baton ou usar um bom perfume não basta para me dar um perfeito à vontade. Só Poli-grip me dá esse à vontade. Ponho um pouco de Poli-grip na minha dentadura postiça, logo pela manhã, ela conserva-se impecàvelmente no seu lugar durante todo o dia. Posso comer o que me apetecer, rir, beber... numa palavra: «viver». Sinto-me como nunca. Sou eu própria, segura de mim. Garanto-lhes. Se, como eu, usa dentadura postiça, sentirá que a sua «maquillage» só ficará completa usando Poli-grip.

Peça Poli-grip na sua farmácia habitual.

Nova visita do Chefe do Estado ao Alentejo

O sr almirante Américo Thomaz desloca-se novamente ao Alentejo, no próximo domingo, desta vez para inaugurar os novos tribunais de Moura e Estremoz e para presidir na Barragem do Roxo á cerimónia em que será dado o nome do antigo ministro eng. Arantes e Oliveira áquele empreendimento hidroagrícola.

Acompanham o Chefe do Estado os ministros da Justiça e das Obras Públicas.

A chegada á Barragem do Roxo está prevista para as 10 horas, seguindo-se a cerimónia em que falarão o presidente do Município do respectivo concelho, o ministro das Obras Públicas e o homenageado.

A chegada a Moura está prevista para as 12,30, inaugurando-se logo a seguir o edifício do tribunal. O Chefe do Estado ouvirá missa na igreja matriz e será depois obsequiado com um almoço, em que discursam o presidente da Câmara Municipal, o juiz da comarca e um representante dos advogados.

Partirá ás 15,30 par a cidade de Estremoz, onde, ás 18 horas, preside ao acto inaugural das novas instalações do respectivo tribunal. Na sessão solene falam o presidente da edilidade, o juiz da comarca, um delegado dos advogados e o ministro da Justiça.

Meninos admiram a lição do trabalho colectivo da autoria de outros meninos seus companheiros

A «Voz do Operário» em festa com a exposição de trabalhos dos alunos das suas escolas

«A Voz do Operário» — dezenas e dezenas de anos ao serviço da criança. Uma instituição que, pelo seu esforço, pela sua permanente acção, ao nível da mais pura «carolice» idealista, se integrou perfeitamente no movimento cultural da cidade.

É bom visitar agora «A Voz do Operário». Agora que os seus meninos «operários» demonstram a todo o mundo a capacidade de criar, o poder de apreender a vida nos seus múltiplos aspectos. Apreendê-la, ou surpreendê-la, com olhos pasmados para tudo, em tudo vendo o novo, o maravilhoso, o «nada-é-banal», o «nada-está-morto», o «tudo-está-continuamente - caminhando para-nós».

É essa a principal lição que nos dão, agora, os meninos «operários» que tanto e tanto trabalharam durante o ano e agora vestem as salas da «Voz do Operário» com milhares de seus desenhos, pinturas, redacções. Os alunos do «Infantil», «Pré-Primária» e «Primária» jogam ousadamente com as cores, as linhas, a imaginação delirante. Contam-nos seus trabalhos nunca ingénuos, a sua vida em casa e a escola, a sua vida de convivência, os problemas do dia-a-dia. Não há nunca o jogo-pelo-jogo. Há sempre um compromisso tomado com o real. Há mais subterrâneo do que céu nos trabalhos das crianças...

O «Diário de Lisboa», com obra tão valiosa no sentido de divulgação e do amor pela arte infantil, convida os seus leitores, os educadores, os pais, os jovens interessados nos problemas artísticos e sociais, a visitar agora «A Voz do Operário», barco festivamente embandeirado pelas mãos dos seus meninos e pelo esforço dos seus professores. Tomem particularmente conta no aspecto dos inúmeros trabalhos colectivos espalhados ao longo da exposição e sobre os quais se debruçam outros meninos com os quais podem manter conversas altamente filosóficas, do género:

— *Como te chamas?*

— *Rogério Paulo...*

— *Ah, és o actor de teatro?*

— *Não senhor. Eu ainda não sei quem sou...*

Ficaremos nós a saber um pouco melhor quem somos se visitarmos a exposição da «Voz do Operário».

Mais um trabalho colectivo: areia, pedras, bichos ferozes de cartolina mansa. E em volta um anel de metal precioso: os olhos das crianças

EXPOSIÇÃO DE ARTE NO «LAR DA CRIANÇA»

Os alunos do «Lar da Criança» abrem hoje ao publico a sua exposição de arte infantil que poderá ser visitada também amanhã, das 14 e 30 ás 19 horas.

Esta exposição é um certame didáctico e artístico e destina-se sobretudo a pais e educadores que, através dos trabalhos expostos poderão avaliar o grau de desenvolvimento que a criança pode atingir.

Na exposição podemos observar, dos três aos 10 anos de idade: a evolução artística através de desenho a partir da garatuja, pintura livre e submetida a um tema, interpretação da pintura e gravura, interpretação da musica pelo desenho e pintura, modelação em barro, escultura em gesso, diversas técnicas empregadas na pintura e gravura; *a evolução intelectual* através de texto livre, pensamentos, poesias, contos, jornais.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

IMPORTANTES PROBLEMAS (PRINCIPALMENTE VITIVINÍCOLAS) FORAM DEBATIDOS NA ASSEMBLEIA DO GRÉMIO DE LAVOURA DE ALENQUER

ALENQUER, 5 — Com uma assistência rara, ou talvez nunca atingida em número, reuniu-se a assembleia geral do Grémio da Lavoura, para a eleição dos corpos directivos no triénio de 1969-1972

Presentes 35 eleitores, natos ou eleitos das 14 freguesias do concelho. Apenas 4 faltas, e estas devidamennte justificadas. Por lei, são 20 procuradores natos, os 20 maiores contribuintes do concelho, e outros tantos eleitos.

Presidiu aos trabalhos o sr. António Valdemar de Orey, que, há largos anos, desempenha essas funções com aprumo.

Depois de aprovadas as contas da gerência finda, entrou-se na apreciação do «Relatório», no qual é feita larga dissertação sobre os variadíssimos problemas que interessam á lavoura. O presidente da direcção cessante, sr. Filipe César de Góis, expôs, largamente documentado, toda a sua acção, em especial a actuação perante os diversos organismos vitivinívolas, o que fez com a eficiência que lhe é habitual em tais assuntos e competência reconhecidas, principalmente nas questões vinícolas, com invulgar profusão de conhecimentos.

Como este ramo é o que mais representa na economia do concelho, foi o principal problema debatido, além de outros, como por exemplo, a criação da Delegação do Grémio da Merceana, autorização para a aquisição de acções para ficar associada num empreendimento no Alto Concelho organizado para frigorificação de frutas, sendo o valor de cada acção 1.000$00.

Usaram da palavra diversos sócios, salientando-se os srs. eng. Francisco de Góis du Bocage e Fernando Fevereiro Campeão, este solicitando esclarecimentos sobre dívidas ao Grémio, elevação das quotas, pagamento de ordenados aos funcionários, comodidade da cobrança das quotas na Merceana ou em Alenquer, problema da criação de adegas cooperativas. Foram-lhes dados largos esclarecimentos, pelo director cessante, sr. Filipe Góis.

Por último, foi proposto e aprovado um louvor ao sr. José do Carmo, pela sua inteligente actuação para congraçar idéias com vista á fusão das duas listas que se esboçavam e iriam criar dificuldades futuras, e á sua perseverança, á inteligência e ao sacrifício, com que, noite e dia, actuou durante três dias, conseguindo os seus fins. Igualmente, foi aprovado um voto de louvor à direcção cessante.

o máximo em gravadores!

Diversidade de modelos e de características. e uma a quatro velocidades. De duas a atro pistas. "Duoplay" e "Multiplay". ıvação monoral e estereofónica; em bobinas pelo INSTANTÂNEO SISTEMA OMPACT CASSETTE".

PHILIPS

TODOS OS GRAVADORES PHILIPS SÃO EQUIPADOS COM FITA MAGNÉTICA DE ALTA FIDELIDADE "LOW NOISE"

Actualidade internacional

O Chile pede a Rockefeller que adie a sua visita

SANTIAGO DO CHILE, 5 — (R.) — Cerca de 1000 estudantes universitários entraram ontem em luta com a Polícia, travando recontros que duraram perto de três horas, numa tentativa para invadirem o Consulado dos Estados Unidos e a Embaixada da Argentina na capital do Chile.

Os disturbios estudantis constituíram um protesto contra a projectada visita de Nelson Rockefeller, enviado especial do presidente Nixon, e também contra a repressão do movimento de protesto estudantil pelo Exército na Argentina.

Foi o segundo dia consecutivo de violência dos estudantes em Santiago.

As autoridades policiais anunciaram ter prendido 20 estudantes nos disturbios de ontem.

Entretanto, Jaime Ravinet, presidente da Federação de Estudantes Universitários, de 18 000 membros, reuniu-se com os funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros e pediu formalmente ao Governo que cancelasse a visita do governador Rockefeller, prevista para o fim do mês.

Hoje, o Governo chileno pediu ao enviado especial de Nixon que adie a projectada visita.

O generalíssimo Franco assistindo, em Madrid, ao desfile militar comemorativo do trigésimo aniversário do fim da guerra civil. À esquerda, o príncipe Juan Carlos, que é apontado como futuro rei de Espanha

PRIORIDADE À EDUCAÇÃO E NÃO À DEFESA

— PROPÕE O SENADOR FULBRIGHT

WASHINGTON, 5 — (F. P.) — O senador William Fulbright declarou ontem no Senado que a mais séria ameaça para a paz e para a segurança dos Estados Unidos provém «não de Hanói, de Moscovo ou de Pequim, mas das Universidades e dos «ghettos» das cidades norte-americanas». O presidente da Comissão de Negócios Estrangeiros do Senado pediu aos seus colegas do Congresso que reduzam os créditos militares e aumentem os dos programas sociais.

O apelo do senador Fulbright foi proferido no momento preciso em que o presidente Nixon, discursando na Academia da Aeronáutica de Colorado Springs, criticava as oposições dos «neo-isolacionistas» e insistia por que os Estados Unidos conservem o poderio necessário para assumirem as suas responsabilidades no Mundo.

«Penso que haveria menos divisões e dissídios na nossa sociedade», afirmou Fulbright, «se o Congresso estivesse disposto a votar 85 biliões de dólares de créditos para reconstruir as nossas cidades e criar nelas melhores condições de existência, em vez de os dedicar á desastrosa guerra do Vietnam». O senador insurgiu-se contra o sistema de prioridades do Governo, que o leva a consagrar dez vezes mais dinheiro á defesa nacional do que á educação, apesar de o futuro e o bem-estar da juventude americana serem muito mais importantes que a «Pax Americana» e as «aventuras no estrangeiro».

AS DIFICULDADES DE SEKOU TOURÉ

Onze anos após a proclamação da independência da República da Guiné, Sekou Touré continua a sofrer as consequências da escolha que então fez. Sendo o unico chefe de Estado da Africa de língua francesa a rejeitar a comunidade franco-africana proposta pelo general de Gaulle, Sekou Touré fazia um apelo, em Setembro de 1958, aos seus compatriotas para que votassem «não». Esta atitude valeu-lhe imediatamente uma sólida popularidade em todo o «terceiro mundo». Mas as relações franco-guineenses degradaram-se rápidamente e nenhuma das tentativas feitas para reatar o diálogo entre Paris e Conakry não levaram, até hoje, a qualquer resultado positivo.

Desligada da antiga metrópole, que cessou bruscamente qualquer forma de assistência técnica, a Republica guineense foi igualmente afastada da «família francófona» de Africa. Os seus parceiros da antiga Federação da A. O. F., e nomeadamente a Costa do Marfim, cujo presidente fora um dos principais promotores da Comunidade, voltaram-lhe as costas. Práticamente entregue a si própria, isolada do resto da Africa Ocidental por um verdadeiro «cordão sanitário», a Guiné teria inevitávelmente de atravessar sérias dificuldades.

As tentativas de cooperação com a União Soviética fizeram surgir algumas esperanças logo após a proclamação da independência, mas depressa se revelaram muito decepcionantes. O desconhecimento dos assuntos africanos pelos soviéticos, o carácter inadequado do auxílio que concederam aos guineenses, conduziram, a partir de 1964, a um malogro. Mais recentemente, o recurso ao auxílio americano permitiu aos dirigentes de Conakry manter o ritmo de desenvolvimento de certos sectores da sua economia sem, no entanto, lhes dar os meios apropriados para assegurar uma valorização real do seu país.

A ruptura com a França e as experiências infelizes, ou infrutíferas, tentadas com novos parceiros, contribuíram para o agravamento da crise económica e do mal-estar social. O aumento progressivo do numero de descontentes, que o rigor do regime policial não conseguia conter, explica as multiplas conspirações descobertas no decorrer dos ultimos anos. As condenações á morte, que o Conselho nacional da revolução guineense acaba de decretar, mostram bem que a oposição recusa desarmar, e que persistem os motivos de descontentamento.

A remodelação ministerial, que se seguiu ao anuncio destas condenações revela, no entanto, que a popularidade do presidente da Republica guineense, no seio do seu partido, só está, por enquanto, parcialmente afectada. É certo que Keita Fodeba, antigo secretário de Estado da Economia rural, mais conhecido no estrangeiro como fundador dos «Ballets» africanos, figura entre os condenados. Mas a sua desgraça política remonta a quatro anos, quando aproveitando uma importante remodelação, em Novembro de 1965, Sekou Touré lhe retirou a pasta de ministro do Interior.

É difícil apreender o alcance da ampliação do Governo guineense, cujo numero de secretários de Estado passa de vinte para vinte e quatro, e o dos ministros de cinco para seis. A ausência de correspondentes de Imprensa na Guiné, há muitos anos, não permite fazer um juízo válido quanto aos dois novos ministros, totalmente desconhecidos no estrangeiro. Mas pode, pelo menos, verificar-se que a «velha guarda» do partido democrático da Guiné continua instalada. De facto, as mudanças de pasta não afectam a presença no Governo de homens como El Hadj Diallo Sayfoulaye ou Ismael Touré, por exemplo, militantes nacionalistas da primeira hora, muito próximos do «chefe supremo da revolução guineense».

Resta a supressão do Ministério da Defesa. Mas esta medida visa menos o titular da pasta, o general Lansana Diane, que o conjunto do exército, de que Sekou Touré desconfia muito, sem duvida com motivos para isso, se considerarmos a evolução política recente dos Estados vizinhos da Guiné.

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

COMEÇA HOJE A CONFERÊNCIA DE MOSCOVO

MOSCOVO, 5 — (F. P.) — Setenta delegações comunistas, que participarão na Conferência Internacional dos Partidos Comunistas e Operários, que deve começar os seus trabalhos hoje ás 15 horas locais (13 horas em Lisboa), no Kremlin, chegaram entre anteontem e ontem á capital soviética.

São esperadas ainda mais quatro delegações: da Síria, da Bolívia, da Irlanda e de um Partido Comunista clandestino cujo nome foi mantido em segredo por razões de segurança.

Ignora-se ainda o programa das reuniões de trabalho que terão lugar á volta de uma mesa imensa em forma de rectângulo. Uma conferência de Imprensa, que terá lugar ás 12 e 30 (10 e 30 na hora portuguesa), indicará o funcionamento do Centro de Imprensa e os serviços que serão oferecidos aos 300 jornalistas estrangeiros acreditados junto da conferência. Esta realizar-se-á á porta fechada.

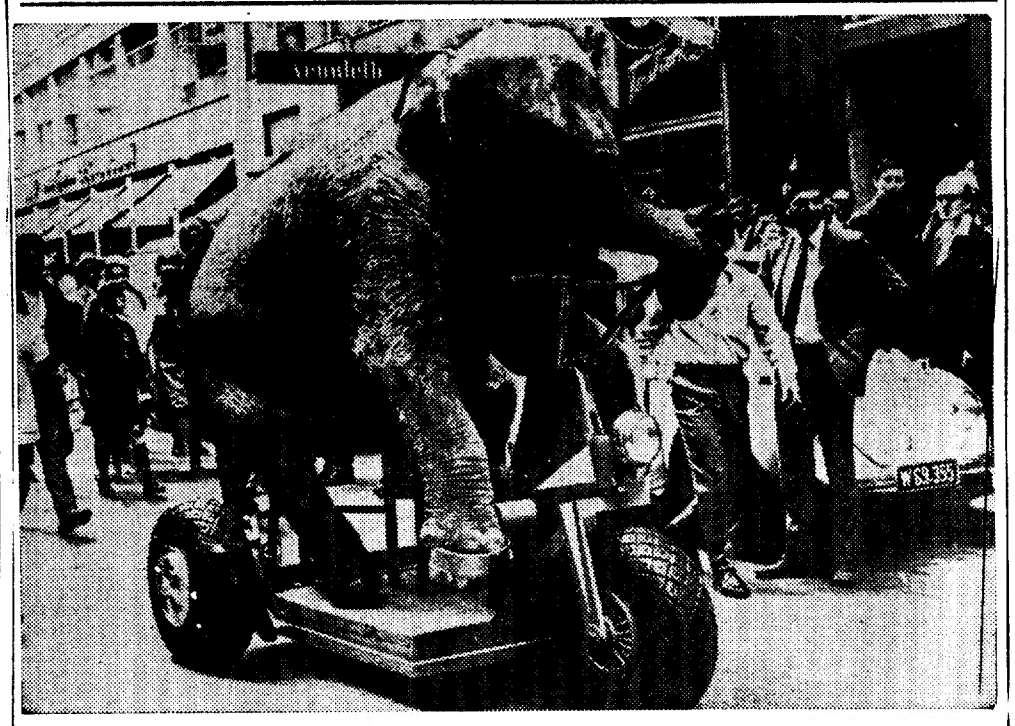
Contrariamente ao que se pensava, só alguns correspondentes ocidentais e socialistas privilegiados, representantes das grandes agências de Imprensa e Rádio, e os principais diários serão admitidos á sessão de abertura, durante a apresentação oficial das delegações.

RECUPERADO EM PARTE O TESOURO DE UM GALEÃO

BELFAST, 5 — (R.) — Uma equipa de mergulhadores franco-belga conseguiu recuperar grande parte de um tesouro que se encontrava a bordo de um galeão espanhol afundado ao largo da costa da Irlanda do Norte — foi revelado hoje.

O galeão, o «Girona», que se afundou há cerca de 400 anos, com a perda de centenas de homens que seguiam a bordo, tinha no seu bojo baus com diamantes, pulseiras de ouro e outras jóias, bem como muitos dobrões.

As pesquisas iniciaram-se há quatro anos, mas os pormenores da operação só hoje foram revelados pela primeira vez.



«Bijoya» é certamente o único elefante do Mundo que sabe andar de bicicleta. Uma bicicleta especial, evidentemente, que lhe permite passear ao longo das ruas de Viena

ANTÓNIO RODRIGUES
EMPREITEIRO
Vem comunicar a V. Exas que se encarrega de todos os trabalhos da Construção Civil com pessoal habilitado de Pedreiro, Pintura de todos os géneros, Estucador, Canalizador e Electricista, etc.
Para bem servir V. Ex.a com orçamentos grátis basta telefonar para o
865791

Mulher à venda

CANTERBURY (Inglaterra), 5 — (A. N. I.) — Marie Shaw há muito que vinha a pedir ao marido um carro novo, porque o actual está velho e é pequeno E Ken Shaw acabou por mandar publicar o seguinte anúncio num jornal de Canterbury, onde o casal vive:

«Vende-se carro de 1963 com todos os extras, por 500 libras, ou uma mulher loura, de 1944, por 25 000 libras.»

«Para que haja paz no meu lar, um deles tem de ser vendido.»

Esperança dos japoneses de reaverem Okinawa em 1972

WASHINGTON, 5 — (R.) — O ministro dos Negócios Estrangeiros do Japão, Kiichi Aichi, alimenta grandes esperanças de que os Estados Unidos concordarão, em Novembro ,em devolver a ilha de Okinawa ao Japão livre de bases nucleares nor-te-americanas, em 1972 — declarou a noite passada, um informador oficial.

Uma delegação japonesa, autorizada a falar pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, disse que Aichi e o secretário de Estado William Rogers tinham «concordado em proceder com um propósito comum» na tentativa de estabelecer os termos para a entrega de Okinawa.

Em nome do seu Governo, o ministro Aichi expôs, o caso ao presidente Nixon e ao secretário de estado Rogers, em conversações que ocuparam os passados três dias, pedindo firmemente que as armas nucleares dos Estados Unidos fossem retiradas da estratégica ilha, que deve ser entregue ao Japão, em data a designar.

Os Estados Unidos, que edificaram na ilha um complexo militar de grandes proproções, desde que ocuparam Okinawa e o resto da cadeia das ilhas Ryukyu, em 1945, nunca admitiram publicamente que tinham armazenados armamentos atómicos nas bases.

DOZE PROFESSORES LIBERTADOS

VALÊNCIA (Venezuela), 5. — (F. P.) — Os doze professores, membros do Conselho da Universidade de Caraboro, sequestrados desde anteontem pelos estudantes na Faculdade d Direito desta cidade, foram já libertados. O reitor, o vice-reitor, o secretário e os dade foram postos em liberdade.

LINHOS
BRANCOS E DE CÔR
CAMBRAIAS DE LINHO
HOLANDAS DE LINHO
LINHOS CRUS
PARA APLICAÇÃO
DE RENDAS
PARA BORDAR
A PONTO DE CRUZ
LINHOS PARA FATOS
ESTOPAS DE LINHO
TOALHAS DE LINHO
GUARDANAPOS DE LINHO
TOALHETES DE LINHO
LENÇOS DE LINHO
LINHO PARA ESTOFOS
O MAIOR SORTIDO DE LISBOA
CASA DOS PANOS
R. DE S. JULIÃO - ESQUINA DA R. DOS FANQUEIROS

SEGUNDO ANIVERSÁRIO DA «GUERRA DOS SEIS DIAS»

PRISÕES EM JERUSALÉM

Mãos soviéticas e norte-americanas encontram-se num longo aperto: uma entrevista formal entre três cosmonautas do projecto Apolo e dois do projecto Soyuz, na Exposição Aeronáutica de Paris, transformou-se numa agradável troca de impressões e saudações, segundo um informador oficial norte-americano. Da esquerda para a direita: **Shatalow, McDivitt, Scott, Schweikart e Yeliseyev**

JERUSALÉM, 5 — (A. N. I.) — A Polícia israelita tomou diversas medidas de segurança para evitar actos de sabotagem praticados no segundo aniversário da «guerra dos seis dias», que hoje se comemora.

Não se conhecem pormenores, mas a Polícia de Jerusalém declarou que foram presos alguns árabes, sobre os quais recaiam suspeitas de prepararem actividades terroristas e uma greve geral, convocada para hoje.

EXPLOSAO NA CIDADE VELHA

JERUSALÉM, 5 — (F. P.) — A explosão de uma bomba lançada na parte velha da cidade de Jerusalém feriu quatro civis árabes e um soldado israelita.

O atentado deu-se perto da Porta das Flores, em frente do bairro elegante de Cheikh Jarrah, no antigo sector jordano da cidade.

A Polícia prendeu numerosos suspeitos

ACUSAÇAO PALESTINIANA

CAIRO, 5 — (A. N. I.) — «A causa da Palestina é o alvo diário de conspirações preparadas em terra árabe» — declarou a Rádio de Al Fatah «Voz da Tempestade», em emissão captada no Cairo.

«Estas conspirações consistem no silêncio deliberado, ignorando a nossa revolução popular, consistem em dificuldades financeiras, consistem no estrangulamento da nossa luta e da nossa revolução armada.»

SUGESTÃO SIRIA

DAMASCO, 5 — (A. N. I.) — O comércio entre os países árabes no seu conjunto e a Republica Federal Alemã é vinte vezes superior ao comércio entre aquele mesmo pais e Israel e no caso da Itália é quarenta vezes maior — proclama o jornal «Al Baas».

Esta situação devia ser explorada pelas nações árabes para conseguir uma modificação na atitude dos dois países europeus face á questão israelo-árabe — diz o jornal, que é o órgão do partido governamental Baas.

ABATIDO NO VIETNAM DO NORTE UM AVIÃO DE RECONHECIMENTO

SAIGÃO, 5 — (R.) — Segundo anunciou um informador militar norte-americano, foi abatido hoje, sobre o Vietnam do Norte, um avião de reconhecimento F 4, desarmado.

O avião foi despenhar-se no Mar da China, a cerca de três milhas a oriente de Dong Hoi, que, por sua vez, está situada a 64 quilómetros a norte da zona desmilitarizada.

O informador acrescentou que dois caças a jacto Phantom que escoltavam o avião de reconhecimento, despejaram as suas cargas de bombas sobre o posto de artilharia que atingiu o referido aparelho.

Os dois tripulantes do avião abatido salvaram-se em pára-quedas, sendo mais tarde recolhidos por um helicóptero. Um dos tripulantes, que estava ferido, foi levado para o navio-hospital «Repose».

O avião de reconhecimento é o primeiro avião dos E.U.A. abatido pelo Vietnam do Norte desde 9 de Dezembro e o quinto desde que os norte-americanos pararam os bombardeamentos ao Vietnam do Norte, em 1 de Novembro do ano passado.

Todos os aviões abatidos eram aparelhos de reconhecimento, com excepção de um que era um caça-bombardeiro.

Desde o inicio dos ataques aéreos ao Vietnam do Norte, em Fevereiro de 1955, os norte-americanos perderam já 920 aviões.

No Vietnam do Sul foram abatidos pela artilharia do Vietcong mais dois helicópteros norte-americanos e um avião de reconhecimento, verificando-se 13 mortos.

Estas perdas elevam o numero de helicópteros norte-americanos abatidos no Vietnam do Sul para 1157 e o de aparelhos de geometria fixa para 367. Além disso, há a registar mais 10 helicópteros abatidos no Vietnam do Norte.

TRÊS ATENTADOS EM SAIGÃO

SAIGÃO, 5. — (F. P.) — Pela primeira vez em duas semanas, houve três atentados com cargas de plástico, esta manhã, em Saigão, causando três mortos e três feridos.

O primeiro atentado foi cometido nas proximidades do pagode budista antigovernamental de An-Quang e os outros dois em Gia Dinh, nos arredores da capital.

ENCONTRO EM MIDWAY NO DIA 8

(Continuação da 1.ª página)

O informador da Casa Branca recusou-se a confirmar ou a desmentir esta informação, contentando-se em dizer: «Esperemos por domingo». Segundo as mesmas fontes, Nixon deseja obter o consentimento do presidente Thieu, antes de anunciar oficialmente o inicio da retirada unilateral do Corpo Expedicionário americano, retirada que abrangeria cerca de 50 mil homens e teria inicio em Setembro próximo.

Se os norte-vietnamianos e a F.N.L. correspondessem com gestos análogos a esta retirada, as tropas americanas continuariam, por etapas, a abandonar o Vietnam do Sul.

Se após a conferência de Midway, Nixon e Thieu puderem anunciar que estão de acordo quanto a esta espectacular decisão, dissimularão assim as suas divergências quanto ao futuro político do Vietnam do Sul, a eventual formação de um Governo de coligação com a F.N.L. e a criação de uma comissão mista de comunistas e não comunistas, encarregada de fiscalizar as eleições gerais.

REACÇÃO SOVIÉTICA AO DISCURSO DE NIXON

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 5 — (F. P.) — Nos meios soviéticos das Nações Unidas, foi comentado de forma extremamente desfavorável o discurso pronunciado em Colorado Springs pelo presidente Nixon. Considera-se que este discurso revela que o presidente renunciou à promessa feita quando entrou na Casa Branca de substituir a confrontação pela negociação.

Nos mesmos meios, relaciona-se a filosofia de «força» expressa no discurso do presidente com a oposição da sua administração a uma atenuação das restrições impostas ás trocas comerciais com os países do Leste.

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café-Cervejaria «Unidos», de Ângelo Miguel dos Santos.

Damasco reconhece a R.D.A.

DAMASCO, 5 — Foi hoje anunciado nesta capital que a Síria reconheceu diplomáticamente a Alemanha Oriental

A Síria é o terceiro país árabe a reconhecer diplomáticamente a Alemanha Oriental nestes últimos dois meses, a seguir ao Iraque e ao Sudão.

Causou um morto o ataque a Port-au-Prince

PORT-AU-PRINCE, 5 — (R.) — Há notícias de um morto e vários feridos em consequência de um avião não-identificado ter largado ontem bombas incendiárias improvisadas sobre o palácio presidencial desta cidade.

A artilharia antiaérea afastou o avião atacante e os incêndios que deflagraram nalguns pontos foram rápidamente dominados.

Uma das bombas, um tambor cheio de óleo e petróleo, teria caído no pátio do palácio presidencial, mas não se incendiou.

O incidente seguiu-se ao comunicado emitido ontem do palácio do presidente «Papa Doc» Duvalier anunciando que as tropas governamentais tinham morto vinte comunistas, entre os quais quatro dirigentes da comissão central do Partido, do Haiti, durante uma batalha a tiro.

No incidente teriam ficado gravemente feridos quatro soldados quando os comunistas ripostaram com granadas de mão e armas automáticas.

AINDA O CASO DO PORTUGUÊS ABATIDO A TIRO NO CANADÁ

TORONTO (Canadá), 5. — (A. N. I.) — O Governo de Ontário mandou proceder a uma investigação sobre a forma como foi elaborado o inquérito á morte do português Angelo Nóbrega, atingido a tiro pelo detective Kevin Boyd, que um juri ilibou de responsabilidade.

O procurador-geral Arthur Wishart declarou que só depois desta investigação se poderia determinar a necessidade de se proceder a outro inquérito.

PRESO NO CAIRO O «PILOTO DA PAZ» ISRAELITA

CAIRO, 5 — (F. P.) — O jornal «Al Ahram» dá esta manhã informações sobre a estadia de Abie Nathan, o «piloto da paz» israelita, no Cairo.

Segundo o diário oficioso egípcio, Nathan foi preso pelas autoridades egípcias anteontem á noite, duas horas depois da sua chegada à capital egípcia. O piloto foi recebido, quando desceu do avião, por quatro jornalistas estrangeiros residentes no Cairo e conduzido ao Hotel Hilton, onde os serviços de segurança egípcios o foram buscar

Depois de um breve interrogatório, Abie Nathan foi reconduzido ao aeroporto e colocado a bordo de um avião regular da United Arab Airlines, que seguiu para Atenas.

ECOS

O humor metafísico e uma difícil beleza, ou revelação, atingem-nos de chofre neste poema de Benjamim Péret: «Quatro espaços brancos nos olham / quatro espaços mais brancos do que os cabelos / mais ricos / quatro espaços que são quatro infinitos / O infinito da serpente que é horizontal / e as que volteiam / ou saltam como carpas / ou mergulham / como uma pedra numa árvore.»

★

ACERCA da actual crise política em França, muitos jornais comentam a aparentemente paradoxal atitude diplomática de Moscovo, que parece inclinar-se nitidamente a favor de Pompidou contra Poher. Os dirigentes do Kremlin sabem que as directrizes deste último serão nitidamente atlânticas, enquanto ignoram se Pompidou seguirá a política exterior independente de de Gaulle ou se se curvará também (como aos franceses mais lúcidos aparece já como certo) ao poderio americano. **Le Monde**, num artigo intitulado «Caribdes ou Sila», depois de excluir como inconvenientes ao futuro da França o fascismo, que Pompidou poderia representar, ou o que chama «socialismo totalitário», perigo que antevê na popularidade da Jacques Duclos, afirma: «Em França a terceira via aparece por ora barrada, mas ainda não é certo que para evitar Caribdes se tenha de cair em Sila. Para impedir que prossiga e se agrave um gaullismo sem de Gaulle — e quem sabe se este já disse a sua última palavra? — para que possa surgir entre nós esse «socialismo de rosto humano» que é cada vez mais a comum aspiração dos povos, há sem dúvida melhor a fazer do que manter custe o que custar uma candidatura que acaba (deplorêmo-lo ou não) de ser renegada.» É óbvio que esta tirada se refere a Poher...

★

EM «A Fome no Mundo» Claude Morgan estabeleceu uma importante distinção entre a fome aguda, proveniente da carência ou penúria quase total de alimentos, tal como se apresenta em diferentes países da África, da Ásia e da América Latina (deficiência quantitativa) e a fome mascarada ou específica, ainda muito vulgar na Europa menos desenvolvida e que provém da falta de certos elementos químicos indispensáveis ao organismo, ou seja, de uma alimentação pobre.

1040 HABITAÇÕES DE RENDA MODERADA

SERÃO CONSTRUÍDAS PELA ICESA JUNTO DA ENCARNAÇÃO

No salão nobre da Câmara Municipal de Lisboa foi assinado um contrato entre o Município e a Icesa Indústrias de Construção e Empreendimentos, S. A. R. L.) para a construção de 1040 habitações de rendas moderadas dos tipos I e II na Quinta do Morgado, à Encarnação. Este conjunto habitacional vai erguer-se junto da Avenida da Encarnação, a seguir às bombas de gasolina que antecedem a auto-estrada do Norte, constituindo assim um prolongamento do próprio Bairro da Encarnação.

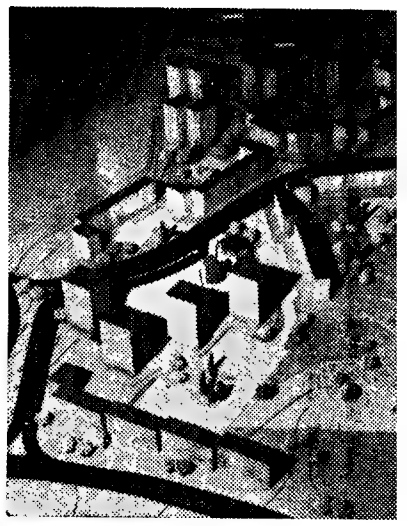
Assinaram o contrato, por parte da Icesa, os srs. eng.º Monteiro de Barros, vice-presidente do conselho de administração; dr. Quirino dos Santos Mealha e eng.º Miguel Resende, administradores; pela Câmara Municipal, assinou o seu presidente, sr. general França Borges.

No acto, que foi muito concorrido, viam-se, entre outras personalidades, o director dos Serviços de Urbanização e Obras da Câmara Municipal, sr. eng.º Ciro de Oliveira Pinto e eng.º Abreu Nunes, chefe da 3.ª Repartição — Obras Municipais e, ainda, os técnicos da Icesa, srs. eng.º Jardine Neto, arq.º Reaes Pinto e eng.ºs Ferreira de Almeida e Maia e Moura.

O contrato prevê a construção de 280 habitações em torres de 11 pisos e 760 em prédios de 5 andares com 3, 4 e 5 divisões assoalhadas. A capacidade de alojamento total abrangerá cerca de 4000 pessoas das camadas menos abastadas da população.

O prazo de execução é de 750 dias, prevendo-se, portanto, a conclusão deste núcleo habitacional em pouco mais de dois anos e a importância total do contrato atinge a quantia de 123 mil contos. As obras devem iniciar-se muito brevemente.

Com este empreendimento, o Município pretende contribuir para a resolução do problema habitacional da urbe. Saliente-se, de passagem, que a construção de tão elevado número de habitações em tão breve espaço de tempo só será possível devido à aplicação do pro-



O aglomerado habitacional que no seguimento do Bairro d

PRODUÇÃO E IMPORTAÇÃO DE CEREAIS — 3

FÓRMULAS ECONÓMICAS E RENOVAÇÃO DE ESTRUTURAS

—QUESTÕES QUE NÃO SE PODEM ADIAR

Os aspectos estruturais e socio-políticos que no artigo anterior foram abordados são decerto fundamentais, mas não obnubilam as deficiências técnicas que afectam a agricultura, neste caso a lavoura sulista especialmente dedicada ao trigo. Se é verdade que a resolução parcial ou total dessas deficiências não deanuviaria razoàvelmente a situação sem modificações de estrutura (nem talvez mesmo seja possível essa melhoria técnica desfasada daqueloutra mudança estrutural; mas isto é outra história...) ela seria causa de baixa de custos de produção e, provàvelmente, de aumento de poder de compra dos trabalhadores, no esquema de troca (económico, portanto) em que estão inseridos.

Esse aumento de poder interessaria de forma muito sensível à indústria, que não dispõe dum mercado consumidor interno sequer sofrível, pelo que vê asfixiadas as suas tentativas recentes de desenvolvimento quantitativo. Sem compradores nacionais em número significativo a indústria ver-se-á coagida a produzir apenas para a população urbana e pouco mais, e para exportação, o que põe problemas importantes de competitividade. A melhoria técnica da agricultura tem (terá), portanto, incidências económicas importantes em toda a vida nacional, ainda que não resolva as questões de base, Mas ainda que as não resolva, mudará certamente o cariz das relações económicas e até sociais entre nós. Num sentido *tecnocratico* que muitos já crêem chegado — mas os estádios económicos, e em particular os referentes à agricultura, evoluem muito mais lentamente que os esquemas políticos.

Essas beneficiações técnicas incluem a mecanização em geral, o melhoramento das plantas, adaptação dos trigos e das forragens (introdução do trevo subterrâneo que resiste à secura, por exemplo), regadio generalizado, estudo sistemático e em profundidade de rotações

(Continua na 17.ª página)

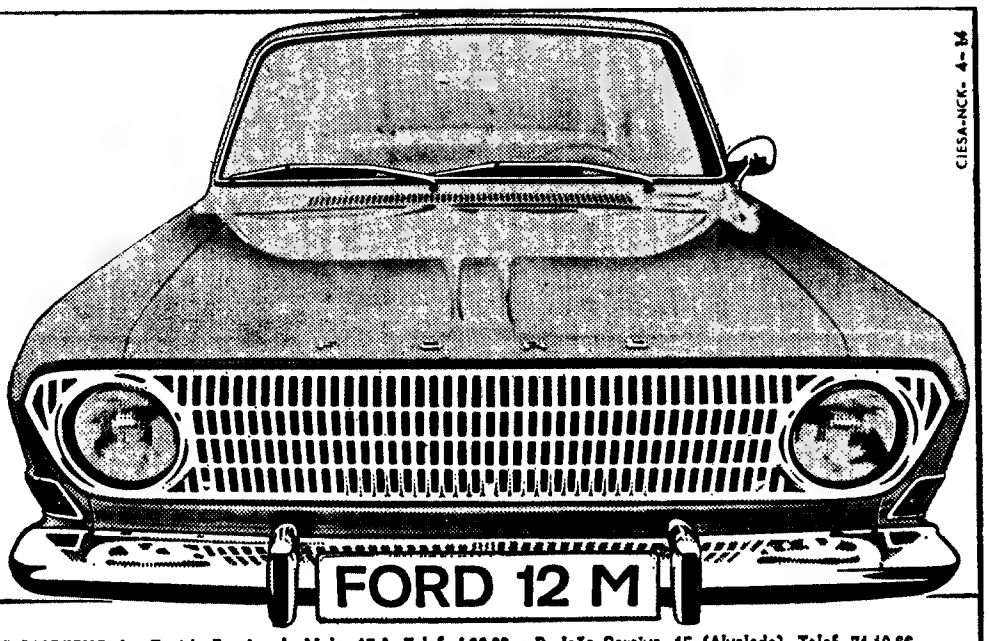
Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Ford à frente em qualidade!
Ford 12M produto da constante evolução técnica da Ford!

MOTOR DE 1500 (75 HP). Versões de 2 e 4 portas e Station

Ford 12M

Ford



CIESA-NCK. 4-14

A SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD EM LISBOA
LINCURI Av. da República, 32-A - Telef. 77 70 91 • STAND MODERNO Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A - Telef. 4 96 69 — R. João Saraiva, 15 (Alvalade) - Telef. 71 10 66

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

O general França Borges quando assinava o contrato celebrado entre a Icesa e o Município

cesso de construção industrializada, introduzido em Portugal pela Icesa. Além disso, a utilização deste processo de construção, antecipa, pelo menos num ano, relativamente aos processos

que a Icesa vai construir irro da Encarnação

tradicionais de construção, a conclusão deste empreendimento, o que se reflecte na economia pelos menores encargos financeiros requeridos.

A área habitacional da Quinta do Morgado ficará equipada com escolas primárias e estabelecimentos comerciais que satisfarão as necessidades de abastecimento diário da população.

No domínio da construção de habitações, será esta a maior realização da Câmara Municipal de Lisboa que não suportará maiores encargos pelo facto da obra ser concluída mais ràpidamente.

No decorrer da cerimónia, aliás, o presidente do Município trocou algumas impressões com os dirigentes da Icesa e referiu-se, nomeadamente, aos problemas do alojamento e aos planos de construção na área de Lisboa, destinados a satisfazer as necessidades da população menos abastada.

A par dos empreendimentos do Ministério das Corporações em que a Icesa tem estado a colaborar e actualmente em vias de conclusão com antecipação relativamente aos prazos estabelecidos, será este o maior empreendimento oficial, no domínio da habitação, em que será aplicado o processo adoptado pela Icesa.

Apesar da grandeza da obra, a empresa não fica saturada na sua capacidade de produção, continuando as realizações já em curso no tipo do conjunto urbanístico de Santo António dos Cavaleiros, e estando apta a responsabilizar-se por outros empreendimentos de grande envergadura.

Torre de Babel

por João Medina

Variações sobre uma fábula conhecida: A FORÇA DOS PRECONCEITOS

Era pois uma vez um lobo que, tendo lido Rousseau e as obras completas de William Booth, chegou á conclusão de que todas as chamadas «feras» são afinal naturalmente boas, sendo apenas a vida a responsável pela tradicional braveza dos animais. Decidiu então o lobo converter-se ao bem e pregar a bondade entre os seus irmãos de raça, o que não foi tarefa cómoda. Apoiando-se em citações da Bíblia, o lobo arrependido percorria as florestas e os bosques a pregar a necessidade da conversão de todos os carnívoros ao evangelho do Amor. «Arrependam-se, dizia o ex-lobo mau, abandonem os vossos péssimos hábitos de rapina, carnagem, agressão, perfídia e ódio, desistam de comer o cordeiro, leiam o que se diz em Isaías, XI, 6: — O lobo habitará com o cordeiro. E a pantera há-de deitar-se ao lado do cabrito. O bezerro e o leãozinho andarão juntos. *Ou ainda, Isaías XI, 7:* — A vaca e a ursa terão o mesmo pastio; as suas crias a mesma toca. E o leão, tal como o boi, comerá palha.»

Mas nem os cordeiros se atreveram a deitar-se ao lado dos lobos nem a vaca quis partilhar o seu prado com os ursos. Quanto ao leão, a ideia de se alimentar de palha deixou-o esfomeado, facto que encheu de terror as gazelas da savana. Alheio a esta desconfiança secular, o lobo bom continuou todavia a pregar a reconciliação das espécies: «Amem-se uns aos outros, não dêem ouvidos aos Maquiavéis e aos Darwins que vos garantem que tudo é massacre e implacável luta pela vida. Não, meus irmãos, a vida não é uma guerra de todos contra todos, a vida é Amor! Reconciliem-se uns com os outros, perdoem as ofensas, saiam das florestas e dos matos, venham celebrar comigo a festa do Reconhecimento Universal de todos os animais! Sejam bons, meus irmãos, sejam bons!»

A bondade recusava-se contudo a entrar na alma das panteras, dos tigres e dos leões, mau grado a santa cruzada do lobo contrito. «Eu cá, dizia uma pantera particularmente senguinária, não tenho nada contra a bondade e até acho que devíamos todos ser amigos, abandonando de vez os hábitos carnívoros. Mas depois? Quem é que nos alimentava? Nem todos estão dispostos a aderir ao vegetarianismo. E há ainda a força dos hábitos: há séculos que somos todos os lobos uns dos outros». «Como quebrar o círculo infernal do crime, do ódio e da violência?» — perguntava por sua vez um tigre dado á metafísica depois de ter almoçado dois togas Perante tantas denegações e mofas, decidiu o lobo fazer um gesto que impressionasse a imaginação de todos e constituísse como que um exemplo espectacular. Para liquidar a lenda da ferocidade dos lobos e dar uma prova da sua própria boa fé, o ex-lobo mau concebeu um estratagema que não era inteiramente tolo: modificar a história do Capuchinho Vermelho.

Postando-se atrás de uma árvore no caminho que geralmente o Capuchinho Vermelho costumava tomar para ir a casa da avó, o lobo aguardou a passagem da garota. Quando esta apareceu na dobra da estrada, o animal saltou para o meio do caminho e falou nestes termos: — Vais a casa da avózinha, não é verdade? — Vou sim, lobo mau, respondeu a garota, meia morta de medo. — Pois nada temas, que o lobo mau se converteu ao bem Segue em paz o teu caminho, minha menina, leva á tua querida avózinha as iguarias que vejo no teu cesto. Bom dia!

Dito isto, correu o lobo por um atalho e dirigiu-se a casa da anciã. Aberta a porta, fez uma vénia e debitou o discurso seguinte: — Eu sou o Lobo Mau da fábula, aliás lobo bom, uma vez que me converti ao Amor. O meu «slogan»: que todos os animais, sem distinção zoológica, sejam amigos, irmãos e se amem sem temor. Ora acabo de encontrar na floresta o Capuchinho Vermelho que lhe traz o habitual cesto de vitualhas e guloseimas. Como a fábula pretende que os lobos maus comem as avózinhas e ficam na cama á espera das netas incautas, decidi contrariar a lenda e modificar os dados do problema de molde a provar o infundado de certos preconceitos. Como se lê no Livro: O leão, tal como o boi comerá palha *(ISAÍAS, XI, 7). Ora, como eu ia dizendo ...Mas não teve o lobo possibilidade de terminar a sua prédica, pois lá a velhinha, com uma energia que ninguém lhe suspeitava, se atirara á fera com unhas e dentes, domando-a em poucos segundos De modo que o Capuchinho Vermelho, ao entrar em casa da avó deparou com um quadro positivamente inesperado: a anciã sentada em cima de um lobo manietado e espancado. Ainda a tremer de medo, a garota correu ao telefone e chamou a rádiopatrulha Dali a instantes chegaram as forças da ordem, que sovaram uma vez mais a pobre fera e felicitaram a velhinha pela sua valentia e sangue-frio. Por fim, sentados todos em volta da mesa coberta com uma toalha alvíssima, polícias, avózinha e neta partilharam as iguarias trazidas pelo Capuchinho Vermelho, enquanto o ex-lobo mau, sólidamente amarrado e muito confuso, meditava na aspereza do Bem. Moral desta história* Tão terrível é a força dos preconceitos que não basta pregar a bondade para passar por bom aos olhos dos homens e dos restantes bípedes ou quadrúpedes da espécie animal.

Estrasburgo, Junho de 1969.

Os exames em Coimbra nas Faculdades de Letras e Direito

Recebemos, da direcção da Faculdade de Direito de Coimbra, o seguinte comunicado:

«Os alunos da Faculdade de Direito de Coimbra que tenham sido ou venham a ser físicamente impedidos de se apresentar a provas de exame poderão dirigir ao seu director requerimento a pedir a marcação de data para novo exame.

Deverão os alunos indicar testemunhas do facto impeditivo.

Os requerimentos deverão, pelo que respeita a factos impeditivos anteriores á publicação deste comunicado, ser apresentados até dois dias depois dela; pelo que respeita a factos posteriores deverão ser apresentados nas quarenta e oito horas seguintes á sua verificação. Poderá utilizar-se a via postal.

Os alunos nestas condições serão avisados, pelo correio, da data da prestação das novas provas.

A direcção da Faculdade de Direito aproveita este ensejo para esclarecer que todos os assuntos relativos á organização e disciplina dos serviços de exames lhe estão confiados por determinação superior, havendo sido no exercício destes poderes que tomou as medidas tornadas publicas em comunicado difundido em 30 e 31 de Maio.»

Na Faculdade de Letras

Por despacho ministerial foi estabelecido:

«Não havendo qualquer disposição que permita equiparar a simples frequência á aprovação em exames (salvo para o fim especial de inscrição em disciplinas sujeitas a precedência), os alunos não podem ser dispensados de prestar provas finais na disciplina de História Medieval de Portugal O mais que se pode autorizar é que o exame desta disciplina seja feito á escolha do aluno, ou no fim do ano da frequência, ou juntamente com o exame de História Moderna e Contemporânea de Portugal, perante um juri constituido pelo mínimo de três elementos.»

E
EMERSON
A marca de qualidade
FRIGORÍFICOS DE LUXO
A PREÇOS NORMAIS
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
43 Rua dos Douradores, Telef. 361763, LISBOA

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Ourivesaria da GUIA
UM NOME NA OURIVESARIA PORTUGUESA
FUNDADA EM 1911
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

JAPÃO?
E TODO O EXTREMO ORIENTE
TEM DOIS CAMINHOS À ESCOLHA
ROTA «SOBRE O PÓLO»
EXPRESSO «TRANS-ASIÁTICO»
AMBOS CRIADOS PELA SAS
A PIONEIRA DAS ROTAS MODERNAS
PRÓXIMAS PARTIDAS DE EXCURSÕES ORGANIZADAS
27 de Junho
4 de Agosto
19 de Setembro
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A:
SAS
Av. da Liberdade, n.º 236-A LISBOA Telef. 57130-52563

Duas pessoas mortas
(e outra em estado desesperado)
ao despenhar-se um automóvel nas rochas do Farol da Guia

Um automóvel conduzido por um oficial da Marinha despenhou-se esta manhã (9 e 30) nos rochedos perto do Farol da Guia (Cascais), tendo no acidente morrido o seu condutor e um pescador desportivo que nas rochas ficou esmagado pelo veículo.

O carro era conduzido pelo sr. Vítor Marques Pedroso, de 27 anos, oficial da Armada, residente na Avenida dos Estados Unidos da Amércia, 126-8.º, Dt.º, que era acompanhado por sua esposa, sr.ª D Maria Fernanda D. e Silva Pedroso, de 26 anos; o condutor chegou já morto ao hospital de Cascais A sr.ª D. Maria Fernanda foi conduzida ao princípio da tarde ao hospital de São José, em estado desesperado.

Nas rochas, encontrava-se o sr. Anselmo Diogo da Costa Galvão, de 36 anos, casado, canteiro, morador na localidade de Birre, na casa do sr. José Martins O sr. Costa Galvão tinha aproveitado o feriado para se dedicar ao seu passatempo predilecto: a pesca á linha

Desconhecem-se ainda as causas e as circunstâncias em que se verificou o acidente.

Aos poucos, por toda a cidade, começam a aparecer as novas cabinas telefónicas, como esta reproduzida na gravura e instalada já na Avenida Duque de Loulé. A sua estrutura metálica é de traçado moderno, mas, em dias de chuva, vai haver quem lhe encontre inconvenientes

REGRESSARAM A LISBOA OS TÉCNICOS PORTUGUESES CONVIDADOS PELA SECRETARIA DA AGRICULTURA DOS E. U. A.

Regressaram a Lisboa os técnicos portugueses que, a convite da Secretaria da Agricultura dos E. U. A., permaneceram naquele país durante cerca de um mês.

O grupo era constituído pelos srs. eng.º Arlindo Cabral, director do Instituto Nacional do Pão; dr. José Gamboa Vaz, da Junta Nacional de Produtos Pecuários; eng.º Carlos Cardoso Costa, da Direcção-Geral dos Serviços Industriais; eng.º Mário Pimentel, da Iderol; dr. Manuel Ramalho Ribeiro, da Federação dos Grémios da Lavoura do distrito de Portalegre; e jornalista José Ilharco, editor do semanário «Vida Rural».

A visita teve como objectivo principal a familiarização daqueles técnicos portugueses com a indústria norte-americana de alimentos compostos, produção de carne bovina, de leite e lacticínios.

Durante a sua permanência nos E. U. A., frequentaram uma escola de produção de alimentos e participaram na 61.ª Convenção Anual da A. F. M. A., realizada em Kansas City.

A FESTA DO CORPO DE DEUS FOI CELEBRADA EM TODO O PAÍS

À semelhança do que acontece em todo o mundo católico, celebrou-se, hoje, em todas as paróquias do País, a tradicional festividade do Corpo de Deus.

Na Sé Patriarcal de Lisboa, as cerimónias foram presididas pelo sr. cardeal-patriarca: após a missa solene de pontifical, celebrada esta tarde, realizou-se a procissão pelos claustros da Sé, terminando a solenidade vespertina com bênção do Santíssimo Sacramento. Na procissão incorporaram-se representantes de todos os párocos das freguesias de Lisboa e das respectivas irmandades do Santíssimo Sacramento.

A festa do Corpo de Deus foi instituída em 1264, sendo Papa Urbano IV Com ela surgiram as grandes procissões eucarísticas que hoje constituem uma das tradições mais sólidas da Igreja Católica.

A morte do dr. Rui Heitor

Realiza-se amanhã, a hora ainda por determinar, da igreja dos Jerónimos para o cemitério do Alto de São João o funeral do sr. dr. Rui Alberto da Costa Heitor, chefe dos Serviços de Turismo da Agência Geral do Ultramar que morreu ontem á tarde, num acidente de viação, quando regressava de Santarém, onde fora em missão de serviço, á Feira Nacional de Agricultura.

O acidente ocorreu junto da Quinta do Gaio, próximo do Cartaxo Por motivos ainda não esclarecidos, o automóvel conduzido pelo dr. Rui Heitor despistou-se e foi embater numa camioneta de carga conduzida pelo sr. Albertino António da Silva, que rodava em sentido oposto. Do embate, que foi muito violento, resultou a morte imediata do dr. Rui Heitor que contava 53 anos e era casado com a sr. D. Maria Manuela Deslandes Heitor e pai de quatro filhos

Formado pelo I. S. C. S. P. U., o dr. Rui Heitor era funcionário superior do Ministério do Ultramar desde 1940 Ingressou, em 1954, no quadro comum administrativo do ultramar, onde desempenhou as funções de intendente de distrito e de inspector administrativo.

Durante vários anos trabalhou no departamento de Negócios Políticos do Ministério do Ultramar, tendo participado em reuniões internacionais integradas no campo da cooperação interafricana. Em Julho de 1964 foi nomeado para o cargo de chefe dos Serviços de Turismo da Agência-Geral do Ultramar.

Sociedade de Gastrenterologia

Convidado pelo presidente da Sociedade jugoslava de Gastrenterologia, partiu para Belgrado o dr. Orlando Bordalo, secretário-geral da Sociedade Portuguesa de Gastrenterologia, que vai apresentar um trabalho no Congresso da referida Sociedade.

«A promoção dos direitos do Homem como contribuição para a paz»
– tema da palestra do 28.º Dia Vicentino do Patriarcado de Lisboa

SANTARÉM, 5. — Esta cidade foi escolhida para a realização do 28.º Dia Vicentino do Patriarcado de Lisboa, organizado pelos Conselhos Centrais da Sociedade de S. Vicente de Paulo do Patriarcado. A palestra regulamentar, «A promoção dos direitos do Homem como contribuição para a paz», foi proferida pelo comandante José Maria Ferreira Soares Onofre, presidente do Conselho Particular de Queluz, durante a assembleia geral efectuada no ginásio do Seminário Patriarcal.

O programa iniciou-se ás 10 e 30, naquele Seminário, com missa e comunhão geral, seguindo-se a assembleia geral, a que presidiu o rev. padre Onofre, em representação do bispo de Febiana.

O Dia Vicentino terminou com um almoço de confraternização, no Lar Andaluz. Por orientação superior, foi a primeira vez que, a nível diocesano, esta realização foi comum aos dois ramos da Sociedade de S. Vicente de Paulo: masculino e feminino.

A Feira de Santarém dedicada à Itália

SANTARÉM, 5 — Muitos milhares de pessoas, aproveitando o feriado, deram excepcional animação á Feira Nacional de Agricultura, que hoje foi dedicada á Itália.

De manhã, no salão da Casa do Campino, continuaram as sessões de trabalho do I Simpósio Nacional da Medicina do Trabalho Agrícola, em que foram apresentadas comunicações sobre doenças de pele e bronco-pulmonares.

Entretanto, em plena Manga, continuaram a ser apresentados, perante os diversos júris, magníficos exemplares concorrentes ao II Concurso Nacional de Equinos.

À «Jornada de Itália» presidiu o embaixador daquele país em Lisboa

À tarde, efectuou-se na Feira Nacional de Agricultura de Santarém a «Jornada de Itália», que também este ano participa oficialmente no certame ribatejano com um pavilhão de máquinas agrícolas do Instituto de Comércio Externo (I. C. E.).

Presidiu á cerimónia o embaixador de Itália, sr. Giuseppe Cerulli Irelli, ladeado por funcionários da Embaixada, do I. C. E. de Roma e dirigentes da Câmara do Comércio Italiano.

Depois de troca de discursos, será servido um beberete ás entidades presentes e convidados.

Na Feira, efectuou-se, entretanto, um festival tauromáquico, e, ao fim da tarde, iniciar-se-ão as corridas de cavalos de trote atrelados.

À noite, prosseguem as provas do Concurso Regional das Bandas de Música do Ribatejo.

O dia de amanhã será dedicado á Alemanha.

FESTA NO LICEU GIL VICENTE

Sob a presidência do subsecretário de Estado da Juventude e Desportos, decorre, amanhã, ás 21 horas, no Liceu de Gil Vicente, a festa de encerramento das actividades culturais do ano lectivo que ora termina.

Será representado o «Sonho de uma noite de Verão», de Shakespeare.

No pavilhão do Grémio dos Editores e Livreiros foram ontem entregues os prémios de reportagem da 39.ª Feira do Livro. Este é o momento em que o nosso camarada de redacção Joaquim Benite recebia a mais alta distinção do concurso, concedida por unanimidade

Congresso mundial de escritores-médicos

A fim de tomar parte no Congresso Mundial de Escritores-Médicos, partiu para Nice o director de «O Médico», dr. Mário Cardia que, ainda, este mês, assistirá ao Congresso Internacional de Imprensa Médica, que se realiza em Lucerna (Suíça), e, em Paris, ao Congresso da Associação Médica Mundial, regressando a Lisboa no dia 29

No Congresso de Nice, o dr. Mário Cardia apresentará um trabalho sobre escritores médicos portugueses do século XX e comunicará o teor dos Estatutos da Sociedade Portuguesa de Escritores-Médicos (SOPEM) de cuja comissão organizadora (direcção provisória) é secretário-geral, sendo presidente o prof. dr. Barahona Fernandes e vice-presidente o dr. Fernando Namora. No anterior Congresso Internacional de Escritores-Médicos que em Outubro de 1968 se realizou em Lucerna, foi solicitado ao dr. Mário Cardia que organizasse, em Portugal, uma sociedade nacional de escritores-médicos — aliás velha aspiração de muitos médicos — o que rápidamente se conseguiu, sendo elaborados os estatutos, que já foram entregues ao Ministério da Educação Nacional. Todos os membros da SOPEM são, como tais, também membros da União Mundial de Escritores-Médicos.

Sete mil campistas na Costa de Santo André

O VIII Acampamento Nacional foi hoje inaugurado na Costa de Santo André, a 14 quilómetros de Santiago do Cacém, com a presença de cerca de sete mil campistas de todos os pontos do País.

Um animado fogo de campo servirá esta noite, depois da visita das entidades oficiais e da inauguração, á tarde, para estreitar os laços de amizade e de convívio dos participantes nesta importante manifestação.

O objectivo primordial deste VIII Acampamento Nacional, organizado pelo Clube de Campismo Nacional de Santiago do Cacém, com o patrocínio da Federação de Campismo, é uma demonstração da força do campismo organizado na base de uma ética que defende o movimento campista do praticante anárquico, segregado da crescente família campista.

O VIII Acampamento Nacional decorrerá até ao próximo dia 10 e espera-se que dele saia reforçado o movimento campista nacional.

Uma iniciativa deste tipo é sempre um pretexto para uma discussão sobre os problemas que o campismo enfrenta e para uma correcta avaliação da situação de um dos mais populares desportos praticados no nosso País.

HIDRO-ELÉCTRICA DO DOURO

S. A. R. L.

RUA DO BOLHÃO, 36 — PORTO

CAPITAL: 2 360 000 CONTOS

15.º AUMENTO DE CAPITAL

ENTREGA DE TÍTULOS DEFINITIVOS

Avisam-se os Senhores Accionistas de que, a partir de 11 do corrente, poderão efectuar a troca das cautelas pelos títulos definitivos (acções) representativos desta emissão nos estabelecimentos de crédito onde efectuaram as respectivas subscrições.

Porto, 2 de Junho de 1969.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

AS **ROULOTTES RESIDENCIAIS**, **LYNTON - BEACHBOMBER** E AS **ROULOTTES CAVALIER**

são representadas pela FONSÉ, LIMITADA

(A mais completa organização caravanista do País)

Calçada da Ajuda, 72-B (garagem) — Telef. 63 29 99

LISBOA - 3

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginásio de pausa, pelo dr Marques Pereira — Programa da tarde — Canções do Nosso Tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 50: Rádio Rural — Musica só musica, 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 32: 3.º episádio do folhetim «A Loja de Antiguidades»; 21: Jornal da actualidades; 21 e 30: Melodias por «The Ventures»; 21 e 40: Variedades, 22 e 30: Orquestras e conjuntos; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 30: 2.º e 3.º actos da ópera «Linda di Chamounix» (Donizetti); 18: Musica do século XX — Obras de Witold Lutoslawsky; 19: Crítica Literária, pelo dr. Bigotte Chorão; 19 e 10: Folclore português — Música da Beira-Alta recolhida por Artur Santos (gravações cedidas pela B. B. C.); 19 e 25: Musica de piano — Fantasia opus 17, em dó maior (Schumann), por Vladimir Ashkenazy; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica instrumental; 20 e 30: Concerto pelo G Vocal Feminino Harmonia, sob a direcção de Friedrich Wilhelm Verner; 21: Concerto em dó maior K 299 para flauta, harpa e orquestra (Mozart); 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pelo pianista Marguerite Wolff — Sonata para piano (1952) (Artur Bliss); 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.º Programa (Cultural MF 2) — 94, 3 mc/s. — Às 23: Musica de piano — Obras de Shostakowitch e Sibelius; 23 e 30: Musica francesa — um programa cedido pela Radiodifusão-Televisão Francesa; 0: «O Sena em festa — cantata (Vivaldi); 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C D C., 18 Ela e o seu mundo; 18 e 15 Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 9 e 15: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal 20 Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 02: Um conjunto; 21 e 09: Portugal de hoje 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande rodo 0 e 02: «P B X.»; 2: Contacto 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02. Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21: Noticiário: 2 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM-67 e fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea. 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Um conjunto; 20 e 07; Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 02 Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA—238,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radioroma; 18: Canta Tom Jones; 18 e 30: Terço, bênção e missa da Basílica dos Mártires; 19 e 50: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Conjuntos portugueses; 21 e 45: Melodias românticas; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica ligeira variada; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 ks/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30: **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22: **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Lanterna Mágica»; 20 e 30: «Nós, as Mulheres»; 20 e 45: Vamos jogar o Totabola; 21: Homens e aviões; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Noite de cinema; 23 e 45: Telejornal; 23 e 50: Meditação e fecho.

II Programa — Às 21 e 28: Abertura; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 50: «Os Globe-Trotters»; 22 e 20: TV Clube; 22 e 40: Telejornal; 23 e 45 Fados.

TELEVISORES GRUNDIG

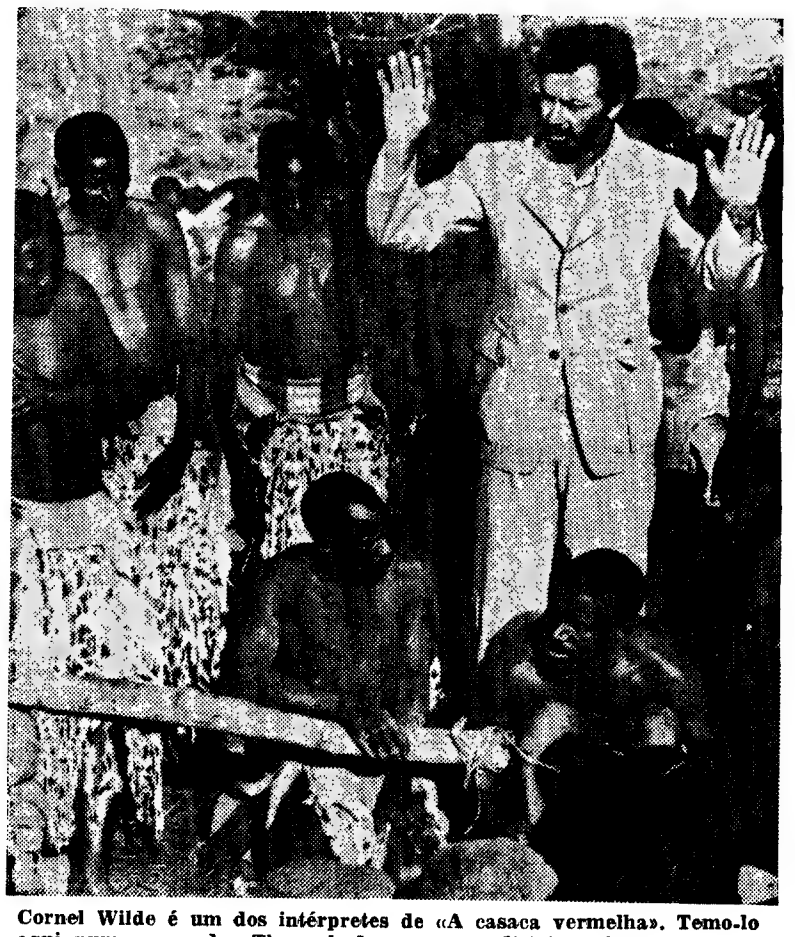
AMANHÃ — 1.º Programa — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: «Mistérios do Rosário»; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Tempo de Poesia; 21: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Série do Oeste — «O Grande Vale»; 22 e 55: TV Mundo — Salvador Dali; 23 e 50: Telejornal, Meditação e Fecho.

2.º Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Teatro — «Três Rapazes e Uma Rapariga»; 23 e 50: Telejornal e Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



Cornel Wilde é um dos intérpretes de «A casaca vermelha». Temo-lo aqui numa cena de «The naked pray» que dirigiu e interpretou, já nos anos 60

Noite de cinema: «A casaca vermelha»

Cornel Wilde, Michael Wilding e George Sanders foram três actores de renome, que há vinte anos viveram eufòricamente a sua época, construindo a sua história do cinema... Cornel Wilde era, então, o galã viril que embevecia as jovens casadoiras; Michael Wilding, então marido de Elisabeth Taylor, personificava o «gentleman» de «puro» sangue-frio; George Sanders muito britânico e muito cínico seria o mais idoso dos três, mas o seu casamento com uma das manas Gabor havia-o rejuvenescido...

Pois, hoje, «Noite de Cinema» apresenta, cerca das 21 e 55, uma película que reúne estes três actores, mais Anne Francis. Intitula-se «A casaca vermelha» e relata «uma história real e comovente das histórias da América e da Inglaterra. Um filme de guerra (já esquecida?) cheia de calor humano...»

canal da crítica

EM FRANÇA, OS HOMENS SÃO ASSIM TÃO BARATOS?

Assim é que está bem. Assim é que está certo. Ponham os olhos no «Sebastião entre os homens», meus senhores! Aquilo é que é. Bravo, seu Maréchal de uma cana! Tu ensinas a desfender a família! Tua desfendes o teu filho! Tu não foste na cantiga da Sílvia: tu desfendes a tua honra de pai ofendido.

Não se compreende bem, lá isso não, que Sílvia recuse casar com o Maréchal por causa de ele ter aquele filho de uma cigana, há d e z a n o s atrás. Pois quê! São assim tão fáceis, tão baratos os homens lá em França? Homens tão honestos, tão inteligentes, tão domadores de c a v a l o s, tão «tens-de-ter-confiança-em-mim-c h é r i e» e tão morenaços como o Maréchal, podem lá rejeitar-se com tamanho desplante?

Ah, mas eu bem os entendo! Eles a mim não me fazem o ninho atrás da orelha. Aquilo tudo é para o Sebastião entrar em jogo e fazer que Sílvia regresse aos braços do Maréchal, e então ele ganhará pai e mãe e ficarão todos muito felizes, incluindo os cavalos.

IRONSIDE, O MISSIONÁRIO

O episódio do chefe Ironside foi muito moderno, teve muito *flash-back* a fim de nos contar a história da Eva, ajudante de chefe.

Eva era uma menina rica que sabia tudo, até montar. Enfim, passava uma vida cheia de neura, pois não conseguia arranjar um sentido para a existência.

Bem. Um dia viu cometer um crime e, como era boa observadora, contou tudo ao chefe Ironside, que ficou pasmado com as habilidades da rapariga.

Para encurtar razões: Eva tornou-se mulher-polícia porque, para utilizar as palavras do chefe Ironside, «ser polícia é ser missionário».

Como qualquer fita americana que se preze, teve muitos sorrisos, pisca-de-olhos, prendas de aniversário com «parabens a você». E, como em qualquer fita americana que se preze, também houve um assalto, uma pistola apontada, pum-pum, morto.

Morto para justificar uma história romantica e de cordel? Á escala da violenta sociedade americana não chega a ser um preço elevado. Um morto? É um autêntico preço de saldo.

M. C.

HOMENS E AVIÕES

CERCA DAS 21 HORAS, o programa de divulgação aeronáutica «Homens e Aviões», de Alberto de Canha e Sá, aparece nos visores com o seguinte sumário: A juventude portuguesa e a aviação; os novos pilotos-aviadores e os novos pára-quedistas;

— Um conquistador do Pólo Norte em Lisboa: o comandante Charles Blair sobrevoou o Pólo num «Mustang», há quase duas dezenas de anos;

— A indústria aeronáutica portuguesa deu um passo em frente: a fuselagem do bimotor «Helld» construída em Portugal.

— O célebre avião-foguete «X-15» terminou a sua missão.

2.º PROGRAMA

«GLOBE-TROTTERS», TV CLUBE E UNIVERSIDADE NA TV

«OS GLOBE-TROTTERS» prosseguem as suas aventuras, a anteceder um «TV Clube» com Eduardo Nascimento e «Os Rocks» em canções características deste conjunto.

A encerrar pràticamente a emissão será apresentado um programa — «Universidade na TV» — preenchido com documentários especializados seleccionados pela U. R. I. (Universidade Internacional de Rádio e Televisão).

7 1/2 NIGHT CLUB
ALBUFEIRA

REOPENING 6 TH JUNE UNDER ORIGINAL MANAGEMENT

REABERTO A 6 DE JUNHO COM A ANTIGA COMPANHIA

Elizabeth Brewer Welcomes You Back

Pois, Pois...

J. PIMENTA, S. A. R. L. é diferente...
...constrói para toda a gente

Projecta, constrói, decora, vende, administra e garante um rendimento equivalente ao juro de 7 a 10%, garantido de 6 a 18 anos, à escolha do cliente, por escritura pública

190 Contos rendem-lhe 1.187$50 Mensais

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Informe-se nos Escritórios em:

LISBOA — Rua Conde Redondo, 53-4.º Esq. — Telef. 45843 e 47843
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefone 95 20 21/22
REBOLEIRA-AMADORA — Serviço permanente — Telefone 93 36 70

O exemplo dado ao País pela panificação do Norte sublinhado pelo presidente do Grémio da Moagem

PORTO, 5 — Centenas de industriais de todo o País assistiram a uma festa em homenagem a Santo Honorato, patrono da panificação, realizada nesta cidade. No decorrer dessa festa o presidente da Federação Nacional dos Industriais de Moagem e da Secção de Alimentação da Corporação da Industria, sr. Albino Carneiro, pronunciou algumas palavras, a fim de abordar problemas com que se debate a industria da panificação em Portugal, referindo-se ao facto de todos se lamentarem da respectiva situação. «E' uma realidade — disse — mas temos que aceitar infelizmente para nós, profissionais das duas classes, que a industria de moagem e a industria de panificação são pesadas e ponderadas na balança da política. E não só, em Portugal. O caso passa-se em todo o Mundo, pois quando se trata de mexer no preço do pão costuma dizer-se que tal medida faz tremer os nervos, o que é uma realidade. E é uma realidade porque o pão ainda continua a ser o alimento de maior consumo e de maior necessidade. Daí a razão por que os governos têm sempre muita dificuldade em modificar qualquer sistema que possa agravar o preço do pão.»

Depois de referir alguns factos passados em Portugal e no estrangeiro, que confirmavam aquela sua afirmação, o sr. Albino Carneiro chamou a atenção para a necessidade de se dar á panificação uma taxa, para que a mesma possa cumprir condignamente a sua missão.

Mais adiante afirmou que o Norte do País tem feito uma política no sentido de colaborar com o Governo, pelo que a sua palavra tem todo o direito de ser ouvida porque cumpre e, como cumpre, tem uma voz nítida, sem ter nada atrás de si que a possa comprometer.

«A política que tem sido seguida pela panificação do Norte — acrescentou — é um exemplo para o País, não só através das concentrações que tem feito, mas mais, no aproveitamento dessas concentrações, dado que muitas têm sido aproveitadas não a favor da finalidade com que foram criadas. Felizmente, no Porto não é assim. As concentrações têm crescido, têm-se fortalecido, têm servido melhor o consumidor. Essa é uma das suas funções. Esse o interesse económico que se impõe hoje ás concentrações de unidades fabris. E aqui no Norte tem-se constatado essa realidade. Das concentrações tem nascido uma melhor qualidade de fabrico de pão.»

Sobre a necessidade de uma política de colaboração, o presidente da Federação Nacional dos Industriais de Moagem disse que da convergência só podemos nós os industriais e o publico beneficiar.

«Agrada-me saber que aqui, no Norte, essa política de colaboração também dá um exemplo ao País. Principiou no Norte uma autêntica política de colaboração entre a industria de moagem e a industria de panificação, muito embora se trate de um exemplo que nos é dado deparar em quase todos os países do Mundo.»

O MAIS EFICAZ IMPERMEABILIZADOR DE CIMENTO, BETÃO E MARMORITE

Empregado pelos Serviços do Ministério das Obras Publicas, Defesa Nacional, Aviação, Marinha, etc.; C. M. L. e outras; Comp. C. P., Águas e Electricidade, Telefones, Sacor, Shell, Mobil, B. P., C. U. F., U. F. Azoto, Siderurgia, Laboratórios Eng.ª Civil, Fundação Gulbenkian, etc.; Fábricas, Moagens, Bancos, Hotéis, Hospitais, etc.

AS MELHORES REFERENCIAS DOS MELHORES CONSTRUTORES — FACILITAMOS FOTOCÓPIAS

Eficiência total nos trabalhos mais difíceis
Aditivos para cimento e tintas de alta protecção «EVODE»
«EVOPRUFE» — Betuminoso impermeabilizante á base de asfalto, de fácil aplicação para coberturas, terraços, empenas, etc.
FLASHBAND — Fita irradiante de alumínio adesivo para juntas, vedação e impermeabilização
PROVER — Endurecedor do cimento, resistente ao desgaste e formação de poeiras
RAPID — Acelerador de presa e estancar águas
MASTIC-FILLER — Impermeabilizante para encher buracos, fendas e assentamentos de vidros nas claraboias

DISTRIBUIDORES GERAIS:
TITO PEREIRA DE SOUSA
Rua de S. Nicolau, 41, 3.º—LISBOA 2—Telefs. 361805 - 322118

COMBOIOS ESPECIAIS PARA MILITARES NO DIA 10 DE JUNHO

Comunica-nos a C. P. que na terça-feira, dia 10, se efectuam comboios especiais para militares, com partida da estação de Lisboa (Santa Apolónia) ás 23,40 h, e chegada a Porto (Campanhã) ás 4,45 h, e de Porto (Campanhã) ás 23,55 h, e chegada á estação de Lisboa (Santa Apolónia) ás 4,55 horas.

CARROS USADOS

NSU P 30	1960
NSU 110 SC	1966
NSU TT 1100	1966
NSU 1000	1966
NSU 1000	1967
NSU P 4	1967
Fiat 2100	1960
Taunus (Ford)	1967
MG 1100	1965
Comet 202	1964
Cortina	1964
Cadilac impecável	1962
Ford Thames	1960
Henkel	1965
Fiat 1100	1957
Taunus (1500)	1964
IMP	1967
Alfa Romeo	1963
Volvo B-18	
Citroen DS 21	
Ford Anglia	1962
NSU P 4	1965
NSU 1000	1965
Lotus Elan	1966
Consul Cortina	1964
Taunus 15 MTS	1968
MG 1100	1966

Austin Cooper S motor transformado c/ muitos extras.

AUTO EDUARDO COSTA, LDA.
Rua de Campolide, 27-B

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

hoje ar-condicionado chama-se

Amana

Amana a frescura da brisa sem o ruído do vento

Amana o mais silencioso

REPRESENTANTES:
REFRIGERAÇÃO POLAR LDA.
av. almirante reis,94 e tel.561116/7/8-lisboa
rua gonçalo cristóvão, 120-porto
POLAR
PRAXIS

†

EMÍLIO BRAGA

MISSA DO 2.º ANIVERSÁRIO

O pessoal das Papelarias e Oficinas de Emílio Braga & C.ª, Ld.ª, participa que amanhã, dia 6, pelas 8 horas, na igreja da Conceição Velha, na Rua da Alfândega, será celebrada missa pelo eterno descanso do seu saudoso patrão, agradecendo a todos que se dignarem assistir a este piedoso acto.

†

EMÍLIO BRAGA

Missa do 2.º Aniversário

Rita Cândida Soutello Gomes Braga e família participam que amanhã, dia 6, às 11,30 na Igreja de Fátima, será celebrada missa pelo eterno descanso do seu querido marido e parente, agradecendo a todas as pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto.

PRONTO A VESTIR

Fatos leves, Casacos e calças de linho, Vestuário para campo e praia e as últimas novidades em Malhas, camisas e calções de banho

VERÍSSIMOS

Av. Guerra Junqueiro, 8 - C
Telef. 72 73 35

PRODUÇÃO E IMPORTAÇÃO DE CEREAIS

(Continuação da pág. central)

de substituição, utilização de sementes melhoradas (o milho híbrido, nomeadamente, continua, apesar dos bons resultados conseguidos em outros sítios, a ser esquecido em Portugal), adubações convenientes (mais azotadas e incidindo menos sobre os superfosfatos, a acreditar nas opiniões de um técnico que auscultámos), aumento muito sensível do número de especialistas, quer do nível universitário como médio, etc., etc. Porque é que essas modificações não são levadas a cabo? O problema fundamental é o do subsídio.

O subsídio, a moeda e a mentalidade

O trigo cultivado no Alentejo está a ser adquirido pela Federação competente de 3$20 a 4$00, enquanto que o que o País importa nos fica a menos de 2$00. O critério é, pois o de *liquidar os subsídios a pagar á lavoura com «o que se poupa» importando trigo barato.* O fardo parece ser o cereal-base cultivado aqui em Portugal e o alívio o trigo que se importa. O ponto de vista é antigo e é herdado do princípio dos anos trinta, quando a política económica do Governo passou a ser orientada pelo desígnio de equilibrar a balança comercial (assim como a de pagamentos), deixando fugir a menor quantidade possível de divisas para o estrangeiro e fortificando o escudo. Os objectivos económicos ao tempo inspiradores da actuação pública eram o equilíbrio aos mais diversos níveis, o orçamental, o monetário, o de investimentos. Esta ortodoxia foi mantida, com mais ou menos flutuações, até aos nossos dias e na agricultura é ainda particularmente seguida. Ainda que a rentabilidade do trigo seja (e é, em largas superfícies alentejanas) baixíssima, prefere-se perseverar numa política trigueira para drenar para fora das fronteiras o menos possível de valor monetário. Para não agravar a balança comercial (já claramente deficitária, com se sabe) e a de pagamentos (que é função de realidades tão fluídas como as remessas dos emigrantes e as receitas do turismo). Evidentemente este género de política económica só é viável com um painel de salários assaz reduzidos e mão-de-obra abundante — e a subida dos honorários agrícolas em Portugal mais que directamente proporcional que a da produtividade (que estagna), em relação à Europa economicamente desenvolvida, torna a situação cada vez mais insustentável.

Tudo isto é amparado pelo subsídio, paliativo considerado omnirresolutor dos problemas da agricultura dos grandes espaços que é a do Alentejo — e tudo se encara como o condicionado pelo montante dos subsídios que o Estado concede, evidentemente diferentes conformes a rentabilidade dos solos utilizados. Difere-se o problema fundamental, que é o de uma nova política económica que exigiria investimentos a médio ou longo prazo e transformações estruturais, e persiste-se na subsidiologia, que remenda situações crescentemente deterioradas. Com a agravante de os solos serem bastante prejudicados pela cultura do trigo, o que hipoteca a fertilidade do terreno ano a ano — quanto mais se demorar a aplicação de esquemas de mudança radicais ao Sul agrícolaí com solos mais pobres se deparará. A indecisão, neste caso, é anti-investimento.

Não se deve subapreciar igualmente, a anquilose de mentalidades que indiscutìvelmente foi originada por quarenta anos de trigo, só trigo. Os grandes empresários *habituaram-se* extraordinàriamente aos métodos (muito simples) do cultivo trigueiro e às facilidades que a não intervenção de intermediários incutia na colocação do cereal — e aqui a responsabilidade governativa. Não apenas imobilismo de mentalidade: como é conhecido o factor de produção principal, quase exclusivo, da produção do trigo, é a mão-de-obra, e até há pouco a mão-de-obra muito insuficientemente paga na parte meridional do País evitava dores de cabeça aos latifundiários, que tinham muito por onde escolher. A emigração recente alterou relativamente estes dados do problema, valorizando a mão-de-obra devido à sua escassez.

Uma questão fundamentalmente monetária se liga a esta problemática: a dos investimentos. A agricultura, para se reformar (mesmo superficialmente) necessita de investimentos volumosos e amortizáveis a prazos de, pelo menos, quinze ou vinte anos. Não é o caso da banca particular ou pública em Portugal, porque não existe um mercado de capitais a médio prazo entre nós. Não existe por factores económicos, e porque não têm sido exarados os documnetos legais que o poderiam criar. Os pequenos negócios imediatamente amortizáveis, a especulação mais ou menos imediata, eis no que se preza a banca portuguesa, não se abalançando em operações de mais altos voos... Pelos vistos, talvez os lucros lhe cheguem, pois não procura reformar as suas estruturas, ou se procura depara com dificuldades intransponíveis.

Uma poltíica de desenvolvimento arrojada exigiria investimentos alargados e sequentes a estudos em profundidade de mercados (nacionais e internacionais) e da fertilidade dos solos. Para que não se continue a produzir em níveis de sub-rentabilidade, o que com efeito vem a redundar em desperdício puro e simples de valor. Sendo o valor económico o trabalho incorporado nos produtos, o esforço braçal do operário agrícola alentejano nos solos marginais esboroa-se completamente, pois só se viabiliza no mercado devido aos subsídios ininterruptos que *cunham* o trigo colhido. Além de que não se preparam nem os técnicos nem os trabalhadores de base para outras culturas mais rentáveis e mais próprias, inevitáveis quando se abandonar o trigo, até porque a alimentação-padrão dos portugueses deverá tender a desviar-se do trigo.

O milho e a propriedade

O problema do trigo é o do Sul; o do Norte é o do milho. As condições de cultivo deste cereal nas regiões húmidas setentrionais do País são excelentes. Ao contrário do que sucede no Alentejo, em que a escolha do trigo como básico é bastante discutível, como já vimos, o milho dá-se magnìficamente no Norte. «Mesmo sem aumentar a superfície cultivada, poderíamos triplicar pelo menos a produção do milho, com a modificação da estrutura da propriedade». Importa-se quase tanto milho comó trigo, em valor monetário, e no entanto das melhores zonas europeias para o milho são alguns distritos do Norte português.

Mas uma maior rentabilidade exigiria urgentemente a mecanização, e esta a função de esforços, de pessoas, de técnicas, de investimentos, de estudos — numa palavra, de terrenos. Como a propriedade está pulverizada no Norte, tudo se passa atomìsticamente, cada pequeno lavrador confinado á sua terra, sem possibilidades de melhorar a produção por unidade-terra, sem visão global dos problemas e das conjecturas e espectativas de promoção que se lhe abrem. Não se preconiza aqui a aglutinação da propriedade, como acontece no Alentejo — o problema não é, não pode ser equacionado assim. Não se põem em causa as estruturas económico-sociais do Norte, quanto á posse da terra, embora o emparcelamento pudesse melhorar pormenores, mas não o fundo da questão. Mas é evidente que a agricultura grupal, num esquema cooperativo, por exemplo, se impõe.

O financiamento de reformas tecnológicas, a política de preços dirigida pelos produtores (que possa desembaraçá-los das intervenções dos intermediários), a compra de mecanismos indispensáveis e a possibilitação do recurso aos agrónomos (hoje ainda, *desconhecidos* de grande parte dos agricultores nortenhos) — só podem ser levados a cabo com razoável êxito depois de a deterioração de esforços e de mini-investimentos ter cedido lugar á cooperativa, quaisquer que sejam as fórmulas económicas (e não só) preferidas.

O milho é um produto crescentemente valorizado nos mercados (não para a alimentação humana, como em Portugal, mas para fins industriais). Sem uma remodelação das formas de cultura deste cereal, contudo, não se poderá esperar beneficiar no nosso Norte destas características conjunturais.

CICLISMO: GRANDE PRÉMIO DO F. C. PORTO

Firmino Bernardino (Sporting) triunfou na primeira etapa de hoje

Do Porto a Vila do Conde, na distância de 31 quilómetros, disputou-se esta manhã a segunda etapa do «Grande Prémio do F. C. Porto». A chegada fez-se em pelotão, com vitória ao «sprint» do sportinguista Firmino Bernardino. Com o mesmo tempo (40 m. 16 s.) classificaram-se:

Emiliano Dionísio (Sporting), Américo Silva (Benfica), Custódio Cristina (Ambar), Fernando Mendes (Benfica), Manuel da Costa (Benfica), Joaquim Leite, (F. C. Porto), José Vieira (Sporting), Leonel Miranda (Sporting), Vítor Tenazinha (Sporting), P. Domingues (Sporting), José Azevedo (F. C. do Porto), Mário Silva (F. C. do Porto), D. Vitorino (Benfica), V. Cardoso, (Benfica), Pedro Moreira (Benfica), Augusto Cardoso (Benfica), Fernando Vieira (Benfica), Eduardo Santos (Benfica), Vítor Rocha (Sporting), Serafim Dias (Coelima), Mário Miranda (Coelima), Lino Santos (Sangalhos), C. Oliveira (Sangalhos), Joaquim Freitas (Ambar), Wilson Sá (Ambar), Albino Alves (Ambar), João Fonseca (Sangalhos), Custódio Gomes (F. C. do Porto), Luís Pacheco (F. C. do Porto), Joaquim Leão (F. C. do Porto), Albino Mariz (Sangalhos), Herculano Oliveira (Sangalhos), Norberto Duarte (Sangalhos), António Pereira (Coelima), Henrique Silva (Ambar), Sousa Vieira (Ambar), Joaquim Coelho (Ambar), Norberto Timoteo (Sporting), António Salazar (Coelima), Manuel Lote (Sangalhos), Manuel Luís (Benfica), João Roque (Sporting), Armindo Mendes (Coelima), Manuel Correia (Sporting) e Augusto Fortes (Benfica).

Depois: Sérgio Páscoa (Sporting) e Manuel Castro (Ambar), com 41 m. e 37 s.; Cosme Oliveira (F. C. do Porto), Hubert Niel (F. C. do Porto), Manuel Sousa (F. C. do Porto), e Manuel Ribeiro (F. C. do Porto), com 41 m. e 39 s.

A média dos primeiros foi de 46,192 km/h.

Embora com o mesmo tempo de Emiliano Dionísio, Firmino Bernardino conquistou a camisola amarela.

Emiliano Dionísio vencedor nas Antas

A primeira etapa do V Grande Prémio do F. C. Porto — os habituais 9 quilómetros da pista das Antas — foi ontem á noite disputada, iniciando-se assim uma competição que vem marcando posição de relevo no ciclismo.

Contra o habitual, a corrida foi disputada pelo sistema de perseguição por equipas, podendo dizer-se que não proporcionou melhor espectáculo para o publico, principalmente enquanto uma equipa não alcançou a outra. Por outro lado, desportivamente, não nos parece que seja alteração a tentar em novas corridas.

O Sporting, mesmo sem Joaquim Agostinho, a sua grande figura do momento, logrou o êxito com indiscutível merecimento. Alcançaram, os seus corredores, as 20 voltas á pista em menos 3 segundos do que os seus principais adversários, diferença que embora magra não deixará de constituir excelente trunfo para novos cometimentos. Assim, Emiliano Dionísio (o primeiro «camisola amarela»), Firmino Bernardino, José Vieira, Tenazinha, António Paulino e Leonel Miranda, ficaram colocados na vanguarda.

FAMEL — ZÜNDAPP
(O SOL NA ESTRADA)
SEMPRE À FRENTE
EM TODAS AS CLASSIFICAÇÕES

SOCIEDADE COMERCIAL
BRAZ & BRAZ
S. A. R. L.
FIM DE SEMANA
PREVENIMOS OS NOSSOS EX.mos CLIENTES QUE DURANTE
JUNHO — JULHO — AGOSTO — SETEMBRO
ENCERRAMOS AOS SÁBADOS ÀS 13 HORAS

Necrologia

FALECIMENTOS

Eng.º Eduardo Fernandes de Oliveira

Vítima de doença subita, faleceu esta madrugada, na sua residência, á Rua do Salitre, 185, 2.º, dt.º, o sr. eng.º Eduardo Fernandes de Oliveira, funcionário superior da Direcção dos Serviços de Conservação da Junta Autónoma de Estradas, e antigo presidente da Camara Municipal de Serpa.

O extinto, que era natural de Serpa, contava 62 anos, era casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Calheiros Fernandes de Oliveira, e era pai das sr.as D. Ana José, Maria da Conceição e Isabel Maria Fernandes de Oliveira, D. Joana Maria Fernandes de Oliveira Géraud, casada com o sr. Yves Geráud (ausentes em Paris), e dos srs. Eduardo Carlos Fernandes de Oliveira, casado com a sr.ª D. Maria da Costa Macedo Fernandes de Oliveira, e António Carlos Fernandes de Oliveira, casado com a sr.ª D. Maria Teresa Salgueiro da Costa Fernandes de Oliveira (ausentes em Moçambique). Era irmão da sr.ª D. Joana Fernandes de Oliveira Xavier Cordeiro e do sr. Viriato Fernandes de Oliveira.

Tendo iniciado a sua carreira na J. A. E., interrompeu-a para desempenhar, durante muitos anos, o cargo de presidente da Camara Municipal de Serpa, regressando, em seguida, á Junta. Foi, também, durante largo tempo procurador á Camara Corporativa.

Sua mãe, D. Joano de Araujo Parreira Fernandes de Oliveira, é ainda viva, com a idade de 89 anos, e reside em Serpa, para cujo cemitério o funeral se realiza amanhã, a hora ainda não determinada, procurando a família que o mesmo não seja do conhecimento imediato da veneranda senhora.

Dr. José Valeriano Glória Pacheco

O presidente da Camara Municipal de Almada, dr. José Valeriaio da Glória Pacheco, faleceu ontem, (conforme noticiámos na nossa edição da noite), pouco depois das 14 horas, na sua residência á Rua António Ferreira, 8, 1.º, dt.º.

O exino, filho do sr. José Joaquim Pacheco e de D. Maria Justina Pacheco Glória, deixa viuva a sr.ª D. Ana Luísa de Santana da Glória Pacheco. Era pai das sr.as dr.as D Maria de Lurdes de Santana da Glória Pacheco de Sales Luís, casada com o dr. Armando Sales Luís e D. Aura Maria Santana da Glória Pacheco.

O dr. José Valeriano da Glória Pacheco, que era natural de Tavira, licenciou-se em Direito na Faculdade de Coimbra. Exerceu o seu primeiro cargo publico como presidente da Camara Municipal de Castro Marim. Ocupou depois o cargo de conservador do Registo Civil de Beja e, mais tarde, o de Almada, sendo depois chamado para a presidência da Camara do mesmo concelho, de que foi investido em 28 de Junho de 1962 e reconduzido em 1966.

Sua mãe, D. Joana dedente da Camara de Almada orientou-se no sentido do ensino. Deve-lhe aquele concelho o liceu, que pôs a funcionar em dois meses e a ampliação da Escola Técnica Elementar D. António Costa, hoje Escola Preparatória.

O funeral realizou-se hoje, ás 15 horas, da igreja de S. João de Brito, para o cemitério do Alto de São João.

Os serviços funerários foram confiados á Agência Salgado.

Rev.º Tobias Ferraz de Barcelos

PORTO, 5 — Num quarto particular do Hospital Militar Regional, faleceu o rev.º Tobias Ferraz de Barcelos, de 78 anos, natural da Ilha Terceira e que durante muitos anos foi capelão-chefe da I Região Militar, exercendo ainda as funções de capelão daquele hospital.

Durante cerca de 50 anos de vida pastoral, trabalhou dedicadamente em prol de auxílio moral e religioso aos soldados da área daquele comando militar.

Ainda no passado dia 19 de Maio e, por proposta do comandante daquela Região Militar, fora galardoado com a comenda da Ordem de Benemerência.

O funeral, sai amanhã da igreja de Nossa Senhora de Fátima, onde será celebrada, ás 15 horas, missa de corpo presente. O ataude ficará em jazigo de família no cemitério de Agramonte.

A nossa filosofia oriental.

Um misto de contemplação e de vida activa.
Ao viajar connosco para o Oriente,
revelar-lhe-emos essas duas facetas.
Voe com a Pan Am®. Descubra, ao longo da
nossa rota, todo o sortilégio dos misteriosos
segredos do Oriente.
Partindo de Lisboa, visite a magnificente Roma.
Conheça, depois, os ambientes impregnados de
misticismo de Istambul, Teerão e Banguecoque;
descubra os segredos da buliçosa Hong-Kong
e de Tóquio, a cidade dos contrastes.

Viaje com um só bilhete e uma só Companhia
— A Linha Aérea de Maior Experiência do Mundo.
Medite no que lhe dizemos.
Deixe-nos Orientá-lo.
Dirija-se ao seu Agente de
Viagens ou à Pan American Praça
dos Restauradores, 46, em Lisboa
Serviços de Reservas:
Telef. 36 25 91 (5 linhas).

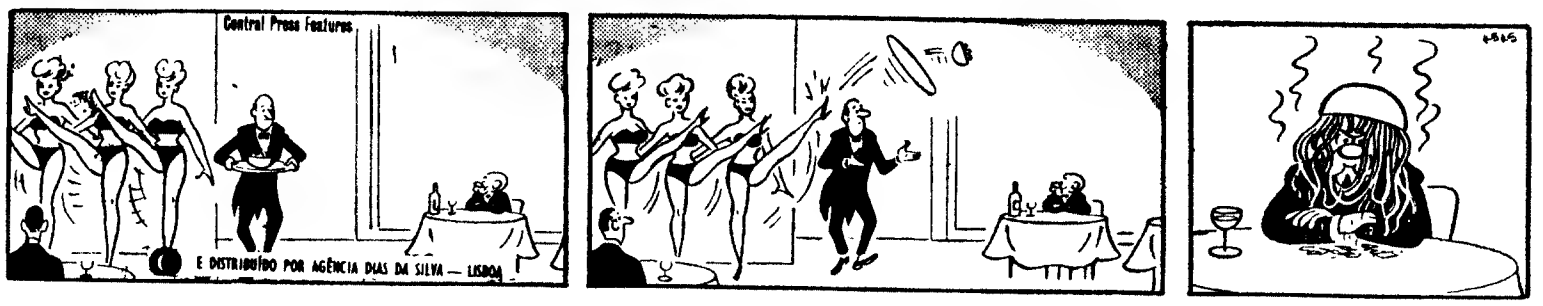
PAN AM
A linha aérea de maior experiência no mundo

A Pan Am torna a sua viagem maravilhosa

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 5 de Junho de 1939 publicava:

«Podemos nós realmente viver anos e anos uns com os outros, sem que nos conheçamos e compreendamos?

«Esta pergunta formula-a uma personagem do recente e impressionante livro de Daniel Rops — livro que se intitula «L'Epée de Feu».

«Frequentemente assim acontece: nós não somos transparentes como o vidro. Do amigo sai o inimigo, da lealdade a traição, da verdade o erro, do amor o ódio, da sinceridade a mentira, a calúnia, a intriga vesga.

«Lado a lado, vive connosco alguém que nos mostra qualidades que subitamente se escurecem e apagam, dando lugar a outras bem contrárias.»

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)
PROBLEMA N.º 5198

HORIZONTAIS: 1 — Conjunto de espécies animais que caracterizam uma região ou época. Pequena rede com que as mulheres amparam o cabelo. 2 — Acabamento de uma licença. Artigo definido. Vantagem. 3 — Liga. Rema para trás. Nome de letra. 4 — Basta. Defunto. Prata (s. q.). 5 — Transferir para outro dia. Designativo do ácido azotado, eliminado pelo organismo, que se encontra na urina humana. 6 — Freguesia do concelho de Espinho. Rol. 7 — Contracção da preposição a com artigo definido a. 8 — Artigo definido. Apelido. Sufixo que designa estado. 9 — Sepultura. Artigo definido. Esperto. 10 — Desperta. Emblemas. 11 — Carumas. Guarnecera de asas.

VERTICAIS: 1 — Falha. Estaleiros. 2 — Unido. Tareia. 3 — Joeira. Ilha do estado da Baía. Caminhei para cá. 4 — Em a. Uma das abreviaturas de matemática. O mesmo que faveiro. 5 — Que tem cor. Contracção de prep. a com art. def. a. Campeão. 6 — Curso de água natural e abundante (inv.º). Letra grega. 7 — Tolerai. Pelo de certos animais. 8 — Abreviatura que se usa em música. Reza. Pássaros. 9 — Caminhará. Pau-ferro. Magnete natural. 10 — Pão grande e doce. Vila e concelho do distrito de Aveiro. 11 — Inundo. Lábia (pop.).

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1						■					
2					■		■				
3				■				■			
4			■						■		
5						■					
6	■										■
7		■		■				■		■	
8			■			■			■		
9				■		■					
10					■						
11											

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5197

HORIZONTAIS: 1 — Acuar. Lavam. 2 — Marte. Amali. 3 — Abre. O. Olho. 4 — Deã. Asa. Sol. 5 — Ársis. Cresa. 6 — Assoe. 7 — Atroa. Lince. 8 — Que. Mia. Aal. 9 — Ural. Abri. 10 — Entes. Anona. 11 — Moera. Cases.

VERTICAIS: 1 — Amada. Aquém. 2 — Caber. Turno. 3 — Urras. Reate. 4 — Até. Ião. Ler. 5 — Re. Assam. Sa. 6 — Os. Im. 7 — Lá. Acolá. AC. 8 — Amo. Rei. Ana. 9 — Valse. Nabos. 10 — Alhos. Carne. 11 — Miolo. Elias.
(**Provérbio:** ABRE O OLHO, QUE ASSAM CARNE).

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 9041

HORIZONTAIS: 1 — Cidade de Itália. Cidade de Espanha. 2 — Restabelece. Querida. 3 — Grande quantidade. Água. 4 — Distrito da Índia Portuguesa. Ovários dos peixes. Sufixo que designa pequenez. 5 — Ópera de Verdi. Cidade de Itália. 6 — Senhora. Greda branca. Fecha as asas para descer mais depressa. 7 — Urde. 8 — Acredita. Falda. 9 — Combinam. Distribuis em lotes. 10 — Nome dum planeta. Torna nulo. 11 — Tribo indígena brasileira. Apelido.

VERTICAIS: 1 — Maldições. A folhagem das plantas. 2 — Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. (Inv.º). Metal precioso de cor amarela. Pátria. 3 — Bastonado. Matagal (ant.). 4 — Sufixo que designe **pequenez**. **Cuidado**. 5 — Ilha situada no Pequeno Belt. Natas. 6 — Dança popular portuguesa. 7 — Pronome indefinido. Meter em mala. 8 — Patrão. Afiança. 9 — Oferecerias. Peixe escombrido do Algarve. 10 — Idem (abrev.). Grupo de três. Para barlavento. 11 — Aldeã dos arrabaldes de Lisboa. Empregas.

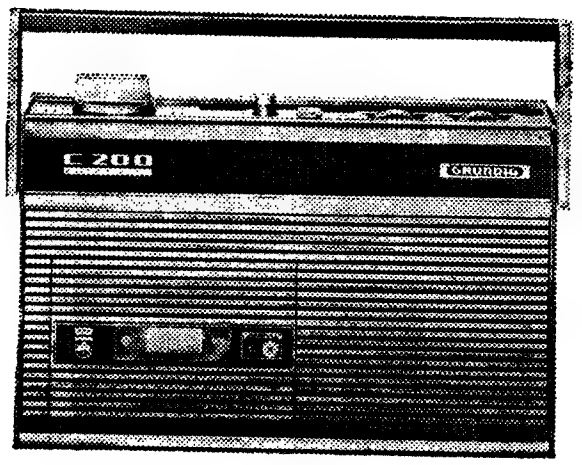
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9040

HORIZONTAIS: 1 — Grito. Fisga. 2 — Rama. Nial. 3 — Ela. Coa. Olá. 4 — Te. Corgo. Ar. 5 — Vir. Ubá. 6 — Rs. Actual. Co. 7 — Ás. Aar. Ar. 8 — Aliar. Empas. 9 — MMM. Aal. Eva. 10 — Ao. Calar. Am. 11 — Somam. Sarra.

VERTICAIS: 1 — Gretar. Amas. 2 — Ralé. Salmão. 2 — Imã. Sim. 4 — La. Cia. Cá. 5 — Cortaram. 6 — For. Ua. Al. 7 — Aguarelas. 8 — In. Obi. Ra. 9 — Sio. Apé. 10 — Gala. Cravar. 11 — Alargo. Sama.

sabe
como se faz
um gravador
portátil?



...nem precisa de o saber.

Quando comprar o seu gravador Grundig
ele já está pronto a funcionar.
É a gravar como V. quer.
Só tem de saber utilizá-lo.
O que, aliás, é muito fácil.

MILHÕES DE PESSOAS VÊEM E OUVEM COM GRUNDIG

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

GINÁSTICA EM ALFAMA

• UM PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO: AMBICIONA-O A SOCIEDADE BOA UNIÃO PARA PODER ALARGAR A SUA ACTIVIDADE

Sem franjas nem europeis, sem figuras gradas em camarotes de honra, antes com uma escassa meia centena de assistentes, na maioria familiares dos pequenos participantes, uma quase centenária colectividade lisboeta encerrou, ontem á noite, com uma pequena festa a que nem sequer teve a vaidade de chamar sarau, as suas actividades ginásticas da temporada.

Foi na Sociedade Boa União, ali em Alfama, entre escadinhas e sardinheiras que aquelas trinta e poucas crianças ouviram os primeiros aplausos, que certamente ecoarão, pela vida fora, nas suas almas infantis. E a medalha que receberam, simples e singela, de metal acobreado, ficará como testemunho de uma dedicação que as imposições de uma vida de problemas que começa cedo, certamente irá interromper.

Foi há catorze anos. Mais exactamente em 1956 que o o entusiasmo de alguns (poucos) deu origem á secção de ginástica da Sociedade Boa União, uma colectividade que, até então, apenas se interessara, nas suas actividades associativas, pelos temas culturais. Ao teatro, ás palestras, ás festividades sociais juntou-se a cultura física. E a pequena sala, que apenas vinte lampadas iluminam, teve mais uns quantos a compartilhá-la: os meninos e meninas das classes de ginástica.

De resto, a Sociedade Boa União é o unico foco de irradiação da educação física no bairro. E em 1965, esperançados talvez num auxílio que nunca veio, o seu nome foi engrossar o ficheiro dos inscritos na respectiva Federação.

— *Já ando por cá há muitos anos e nunca tive conhecimento de que se tivesse comprado qualquer coisa para a ginástica com outro dinheiro que não fosse da Sociedade* — disse-nos o presidente da direcção, Américo Campos. — *Tudo tem saído de nós.*

Imaginemos uma sala mais ou menos quadrada com uns escassos oito metros de lado. Esse é o «ginásio» da Sociedade Boa União, onde três vezes por semana, e desde há doze anos, encontrareis um profissional de seguros a partir das 18 e 30 e até ás 21 e 30 na prática do seu «hobbie»: ministrar ginástica ás crianças do bairro de Alfama, que os pais inscreveram na classe do Boa União, mediante a quota mensal de vinte e cinco tostões ou cinco escudos, segundo a sua condição de associados ou estranhos. E, também, segundo essa circunstancia, varia a taxa de inscrição: trinta escudos para os primeiros, cinquenta para os segundos.

É Garcez Palha, «carola» da educação física, antigo praticante do Ginásio Clube Português, que á ginástica empresta o seu «saber de experiência feito», sem qualquer diploma ou título oficial. Fala-nos com entusiasmo da «obra» que é sua e que ele modestamente a atribui a outros, aos dirigentes:

Paulo Filipe categórico: «Quando eu for grande já a Sociedade tem um ginásio»

— *Muito mais se poderia fazer, poque aqui na colectividade há interesse pela cultura física. Mas não temos instalações e como os praticantes de um ano continuam nas épocas seguintes, ficam assim coarctadas as possibilidades de novas admissões. Não temos instalações.*

— E quando atingem uma idade que já não lhes permite continuar aqui, eles prosseguem na sua dedicação pela ginástica?

— *Geralmente não. Bem vê, a massa associativa da Sociedade é constituída por gente de trabalho. De modo que estas crianças, logo que concluem a instrução primária, seguem o mesmo caminho: empregam-se. Algumas prosseguem os seus estudos á noite. Assim, de uma forma geral abandonam a actividade. E é pena porque muitos têm verdadeira intuição. Há excepções, é verdade, mas poucos.*

Os miudos estão em «pista». E Garcês Palha comanda os exercícios. Com carinho e ternura. Como se todos fossem seus filhos. Elas e eles, gente de palmo e meio uns, outros com um pouco mais, garbosamente executam os esquemas simples que o monitor ordena. Um dos mais pequeninos concede-nos a sua primeira entrevista. Sem timidez, com desembaraço, na sua linguagem ainda «de trapos» diz-nos que se chama *Paulo Filipe* e que tem quatro anos. E prossegue: «*Venho todos os dias á ginástica, porque gosto muito disto.*

— E quando fores grande? Aqui não poderás continuar.

Iluminam-se os grandes olhos castanhos daquele «dez réis» de gente. E com entusiasmo, com absoluta convicção e firmeza contesta: «*Quando for grande já fizeram o ginásio para a sociedade*».

Sim, porque a Sociedade Boa União pensa, muito a sério, no seu ginásio. Quem sabe, até num pavilhão gimnodesportivo que lhe seria confiado, mas aberto para todas as gentes do bairro. Isso mesmo nos diz Joaquim Miguel da Cunha Faro, um dos seccionistas.

— É nosso propósito avistar-nos com o senhor presidente da Camara de modo a que possamos dispor de melhores instalações. Podemos ampliar o nosso contributo para o desenvolvimento da educação física. Se tivessemos mais amplas e adequadas instalações poderiamos receber mais crianças. Porque as portas da colectividade estão abertas para todas as que vivem aqui, no bairro, quer os pais sejam ou não sócios da agremiação.

*

Entretanto findaram as evoluções dos pequenos atletas. Vieram as medalhas para os seus peitos juvenis. E um deles, dos mais pequenos, o João Pedro Carvalho, apesar de ausente há três meses devido a uma arreliadora hepatite, também se quis equipar. E lá foi, ufano, para junto dos pais, com a pequena medalha de fita encarnada e branca bem junto ao coração.

Garcês Palha, o «professor», recebia algumas lembranças. Modestas, naturalmente, que constituiam a recompensa da sua dedicação. Sim, porque os setecentos escudos que recebe todos os meses nem chegam para os transportes e outras despesas a que se obriga, para cumprir, como ele diz, «os seus deveres».

ENCARNAÇÃO VIEGAS

Dois pequenitos ginastas seguem as instruções do professor

HOJE À NOITE

BASQUETEBOL — Grande Torneio Feminino: Atlético-Ateneu, no recinto do primeiro, ás 21 e 30.

— Grande Torneio de Juvenis: Sacavenense-Atl. Mosavide e Queluz-Nacional A, nos recintos dos primeiros, ás 10 horas.

GINÁSTICA — 3.ª Semana Nacional de Educação Física, 2.ª sessão, a cargo da Mocidade Portuguesa Feminina, no pavilhão da Tapada da Ajuda, ás 21 e 30 horas.

TENIS DE MESA — Torneio Popular da A. T. M. L. (seniores), 9.ª jornada: Cova da Moura-Palmeiras, Academia 1/6/893-Vitória C. L. e Caixa Económica - Ateneu da Madre de Deus, nas mesas dos primeiros, ás 21 e 30.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

III SEMANA NACIONAL DE GINÁSTICA

Teve início, ontem á noite, no Pavilhão Gimnodesportivo da Tapada da Ajuda, a III Semana Nacional de Educação Física, organizada pela Federação Portuguesa de Ginástica.

Presidiu o subsecretário de Estado da Juventude e Desportos, dr. Elmano Alves, que estava acompanhado pelos srs. prof. Eduardo Trigo, comissário adjunto da M. P., maj. Joaquim Canais, presidente da F.P.G., dr. João Ataíde, inspector da modalidade, e general Correia Leal, presidente em exercício do Comité Olímpico Português.

À chegada do subsecretário de Estado, a banda da Força Aérea executou a «Maria da Fonte».

Apresentou-se seguidamente a classe infantil mista (3-10 anos) da Academia de Música de Santa Cecília, dirigida pelo prof. Delfim de Matos, que foi premiada com grande ovação do público, que enchia quase por completo as bancadas do pavilhão.

Depois, o grupo de danças folclóricas do Instituto Nacional de Educação, sob a orientação dos professores D. Isabel Coelho e Marques Dinis, encheu o recinto com cor, movimento e graciosidade, atributos típicos do folclore português.

Mais de centena e meia de rapazes da Escola Técnica Elementar Francisco Arruda, comandados pelo prof. Sena Pinheiro, executaram de maneira bastante aceitável exercícios de ginástica educativa.

A fechar a primeira parte, uma classe de senhoras, representativa do I.N.E.F., em ginástica rítmica deu um «toque» de elegância e graciosidade feminina, sob a direcção da professora D. Isabel Coelho, acompanhadas ao piano pelo prof. Marques Dinis e pelo grupo coral do Instituto.

Depois do intervalo, novamente se fez ouvir o grupo coral do I.N.E.F, interpretando duas canções.

O Grupo Nacional de Ginástica Desportiva, composto por ginastas e «esperanças» de vários clubes, exibiu-se depois. Em paralelas assimétricas, Isabel Negreira e Maria João Palma Mafra, ambas do L.G.C., deram boas provas. A ultima ginasta do grupo, Maria Manuela Contreiras, também do L.G.C., foi sem margem de duvida a melhor executante, sendo a entrada e a saída do aparelho, de categoria excepcional.

Em paralelas exibiram-se José Augusto Sequeira (L.G.C.), António Cartaxo (G.C.P.) e Virgílio Dias (S.C.P.), sendo de destacar a actuação do ultimo. A finalizar, o grupo executou saltos de tapete, em conjunto.

A ultima parte do programa foi preenchida pelas classes participantes na V Gimnaestrada.

Em primeiro lugar, o prof. Reis Pinto apresentou algumas das componentes da sua já famosa classe de senhoras do Sporting, em exercícios de ginástica moderna.

Os rapazes do Clube Atlético de Alvalade, dirigidos pelo prof. Joaquim Granger, exibiram-se em saltos de tapete e minitrampolim.

A classe de senhoras, da prof.ª Antónia Mariano, representativa do Clube Atlético de Campo de Ourique, foi na verdade feliz, nos exercícios rítmicos e com arcos, que executaram com perfeição.

O prof. Damaso Rodrigues apresentou a sua impecável classe de senhorinhas, em exercícios sobremaneira vistosos, com massas indianas.

De novo, a classe de senhoras do Sporting, mas desta vez completa, teve mais actuação em cheio, com cordas e tamborins.

Também as senhorinhas do Lisboa Ginásio se apresentaram pela segunda vez, impecáveis, em exercícios com cordas, bolas, arcos e ginástica moderna.

As senhoras do Campo de Ourique também voltaram ao recinto, em exercícios rítmicos e com bolas.

Por ultimo, com a sua inegável categoria, a classe especial de homens do Ateneu Comercial de Lisboa, dirigida pelo prof. Moura e Sá, em exercícios autocomandados e saltos de plinto, fechando assim, com chave de ouro, o programa do primeiro dia da III Semana Nacional de Educação Física, dando «força» aos lemas «movimento é vida» e «amanhã melhor que hoje», que regem este certame.

J. DA MESQUITA

ARLÍQUIDO

Comunica a todos os estimados clientes e amigos, que os seus estabelecimentos fabris e comerciais de Lisboa — Porto — Maia — Setúbal e Ponta Delgada passam a encerrar aos sábados a partir de 7 do corrente, no entanto durante Junho e Julho manteremos ainda aos sábados de manhã, o pessoal necessário à resolução dos problemas de abastecimento.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Termina em «contra-relógio» a Volta a Portugal em Bicicleta

Acaba de ser revelado o itinerário da próxima Volta a Portugal em Bicicleta, que se inicia em 14 de [illegible] na pista das Antas, terminando a 31 do mesmo mês, em Lisboa.

A grande novidade da prova reside no facto de se disputar em sistema de «contra-relógio» a sua ultima etapa — o que permitirá manter até ao fim todas as dúvidas.

Teremos, assim:

DIA 14 — Quinta-feira — 1.ª etapa — 9 km — PISTA DAS ANTAS (Início 21 e 30).

DIA 15 — Sexta-feira — 2.ª etapa — PADRÃO DA LÉGUA-AZURARA (contra-relógio individual) — Partida do 1.º corredor: 9 horas.

— 3.ª etapa — 60 km — Circuito de VILA DO CONDE — Partida: 17 e 30.

DIA 16 — Sábado — 4.ª etapa — 215 km — VILA DO CONDE-GUIMARÃES — Partida: 12 h. — Chegada provável: 18 h. (por Viana do Castelo-Monção-Ponta da Barca-Braga).

DIA 17 — Domingo — 5.ª etapa — 159 km — GUIMARÃES-CHAVES — Partida: 10 h. — Chegada provável. 14 e 30 (por Taipas-Póvoa de Lanhoso - Amares - Caniçada--Venda Nova-Barracão).

DIA 18 — segunda-feira — 6.ª etapa — 102 km — CHAVES-BRAGANÇA — Partida: 8 h — Chegada provável: 11 horas (por Robordelo-Vinhais).

— 7.ª etapa — 150 km — BRAGANÇA-VILA REAL — Partida: 16 h. — Chegada provável: 19 e 30 (por Mirandela-Murça).

DIA 19 — Terça-feira — 8ª etapa — 116 km — VILA REAL-PORTO — Partida: 9 e 30 — Chegada provável: 12 e 45 (por Amarante-Penafiel-Valongo-Rio Tinto)

— 9ª etapa — 9 km — PISTA DAS ANTAS — Início: 21 e 30

DIA 20 — Quarta-feira — 10.ª etapa — 216 km — PORTO-VISEU — Partida: 11 h. — Chegada provável: 17 h. (por Melres - Entre - os-Rios-carão todos muito felizes, im--Santa Marinha-Régua-Lamego-Castro Daire).

DIA 21 — Quinta-feira — 11.ª etapa — 123 km — VISEU - COIMBRA — Partida: 10 h — Chegada provável: 13 e 30 (por Tondela - Caramulo-Águeda-Mealhada).

— 12.ª etapa — 5 km — PISTA DE SANGALHOS — Início: 18 horas.

DIA 22 — Sexta-feira — 13.ª etapa — 169 km — COIMBRA-CALDAS DA RAINHA — Partida: 9 h. — Chegada provável: 13 e 45 (por Figueira da Foz-Leiria-Marinha Grande - Nazaré - S. Martinho do Porto-Alfeizerão).

DIA 23 — Sábado — 14.ª etapa — 112 km — CALDAS DA RAINHA-LISBOA — Partida: 9 e 30 — Chegada provável: 12 e 30 (por Óbidos-Torres Vedras-Gradil-Mafra--Cheleiros - Pero Pinheiro-Belas-Caneças-Odivelas).

— 15.ª etapa — 9 km — PISTA DE ALVALADE — Início: 21 e 30.

DIA 24 — Domingo — 16.ª etapa — 135 km — LISBOA--GRANDOLA — Partida: 11 h. — Chegada provável: 15 h. (por Cova da Piedade-Marco do Grilo-Alfarim-Santana-Serra da Arrábida-Setúbal-Marateca-Alcácer do Sal).

DIA 25 — Segunda-feira — 17.ª etapa — 155 km — GRANDOLA-LAGOS — Partida: 8 e 30 — Chegada provável: 12 e 30 (por Santiago do Cacém-Cercal-Odemira-Aljezur).

— 18.ª etapa — 2 km — Circuito de LAGOS — Início: 17 e 30.

DIA 26 — Terça-feira — 19.ª etapa — 131 km — LAGOS-TAVIRA — Partida: 9 h. — Chegada provável: 12 e 30 (por Portimão-Lagoa-Alcantarilha-Poço de Boliqueime-Loulé-S. Brás de Alportel-Faro-Olhão).

— 20.ª etapa — 8 km — PISTA DO GINÁSIO DE TAVIRA — Início: 17 e 30.

DIA 27 — Quarta-feira — 21.ª etapa — 226 km — TAVIRA-ÉVORA — Partida: 13 h. — Chegada provável: 19 h. (por Monte Gordo-Vila Real-Castro Marim - Mértola-Beja--Portel).

DIA 28 — Quinta-feira — 22.ª etapa — 183 km — ÉVORA-ALCAINS — Partida: 14 h. — Chegada provável: 19 h. (por S. Miguel de Machede - Évora Monte - Estremoz--Sousel-Alter do Chão-Crato--Alpalhão-Nisa-Vila Velha de Ródão).

DIA 29 — Sexta-feira — 23.ª etapa — 107 km — ALCAINS-SEIA — Partida: 9 h. — Chegada provável: 12 e 30 (por Covilhã-Penhas da Saúde-Torre-Sabugueiro).

DIA 30 — Sábado — 24.ª etapa — 155 km — SEIA--AVELAR — Partida: 8 h. — Chegada provável: 12 e 30 (por Chamusca-Venda de Galizes - Cardosa-S. Martinho--Cruz de Pojares-Foz de Arouca - Castanheira de Pêra - Figueiró dos Vinhos - Pontão--Cabaços).

— 25.ª etapa — 70 km — AVELAR-ABRANTES — Partida: 17 h. — Chegada provável: 19 h. (por Tomar-Santa Cita-Constância).

DIA 31 — Domingo — 26.ª etapa — 89 km — ABRANTES CARTAXO — Partida: 8 e 30 — Chegada provável: 11 h. (por Barquinha-Golegã--Chamusca - Almeirim-Santarém-Vale de Santarém — 5 voltas ao circuito do Cartaxo).

— 27.ª etapa — 30 km. — VILA FRANCA DE XIRA--LISBOA (contra-relógio individual) — Partida do 1.º corredor: 16 e 30.

Equipa de mestres

O Sporting está a fazer um magnífico esforço de valorização das suas equipas de futebol. E mais importante ainda que o enriquecimento do seu quadro de jogadores, a certeza do êxito desse esforço está na chamada aos «comandos» de dois técnicos de grande capacidade e prestígio: Fernando Vaz e o professor Moniz Pereira. Representa, o primeiro, a garantia de que as equipas «leoninas» se mostrarão, na próxima época, identificadas com os mais válidos processos de «association» e de que os futebolistas do clube poderão refinar as suas qualidades individuais; e a presença do professor Moniz Pereira como preparador físico documenta como os dirigentes do clube estão atentos á realidade do futebol de hoje, em que o «saber jogar» pode não ser suficiente, pois cada vez se exige mais força e destreza para os árduos despiques dos estádios.

Dois mestres do desporto juntaram-se em Alvalade. Vai por bom caminho o futebol do Sporting.

«MUNDIAL»-70

A JUGOSLÁVIA (venceu 5-1) A FINLANDIA

HELSINQUIA, 5. — (A. N. I.) — A Jugoslávia venceu a Finlandia, por 5-1, em jogo da fase de qualificação para o Campeonato Mundial de Futebol.

A Jugoslávia está no segundo lugar do grupo seis, com sete pontos em cinco jogos. A Bélgica tem nove pontos em cinco jogos, a Espanha quatro pontos em quatro jogos.

AMÉRICO (DO F. C. DO PORTO) PERDIDO PARA O FUTEBOL

O guarda-redes internacional do F. C. Porto, Américo, foi sujeito a uma intervenção cirurgica. O que primeiro parecia tratar-se apenas de uma enfermidade meniscal agravou-se de tal modo que o dr. Luís Azeredo, médico que tratou o jogador, teve que realizar nada menos de cinco operações. A pena afectada teve inclusivamente que ser limada devido a encontrar-se em posição incorrecta e foi necessário ainda extrair algumas cartilagens do joelho.

A situação de Américo como jogador de futebol é extremamente delicada, embora tenham corrido bem as operações. Os médicos receiam que o guarda-redes internacional do F. C. Porto não possa mais aguentar as exigências de um esforço continuado sendo quase certo que Américo não mais poderá continuar a sua carreira de profissional de futebol.

Ontem, á tarde, na clínica onde se encontra internado, Américo foi visitado pelos novos treinadores do F. C. Porto, Schwartz e Vieirinha.

O CASO DE EDDY MERCKX

«FUI EU QUE DROGUEI!»

— afirma um misterioso «MARCO B.»

MILÃO, 5. — (F. P.). — «Eddy Merckx está inocente — fui eu que o droguei», afirma um tal «Marco B.» numa carta enviada ao jornal milanês «Corriere della Sera». Acrescenta ter sido um homem «do mundo do ciclismo» quem lhe pagou para drogar o campeão belga.

O misterioso correspondente não revela a sua identidade. A carta, escrita á mão e com o carimbo do correio de Milão, diz o seguinte: «Eddy Merckx está inocente. Fui eu que o droguei, ajudado por um homem que sei apenas chamar-se Giorgio, mas que faz parte do mundo do ciclismo. Antes da partida de Parma deitámos uma pastilha no cantil de água. Não pensava que o meu acto pudesse acarretar tais consequências para o corredor. Estava sem dinheiro e esse homem oferecia-me muito por um trabalho mínimo. Não tenho coragem para me entregar á justiça. Não quero, porém, que alguém pague por uma falta que não cometeu. Tenho receio do que poderia acontecer-me se me apresentasse. Lamento o que fiz, creiam-me, e desejaria que o nome de Merckx fosse ilibado deste terrível opróbio, desta desonra que ele não merece. Repito: Eddy Merckx está inocente. Marco B.»

É impossível de momento saber se se trata de uma confissão autêntica ou da obra de um mitómano.

NO BRASIL

ISENÇÃO DE IMPOSTOS PARA ARTIGOS DESPORTIVOS

BRASÍLIA, 5 — (A. N. I.) — O presidente Costa e Silva assinou o decreto que isenta do imposto de importação e do imposto sobre produtos industrializados o equipamento destinado á prática de desportos, sem similar fabricado no Brasil. A importação deverá ser feita directamente pelos clubes ou pelas Federações.

NOVOS DIRIGENTES

O Sporting Clube de Braga elegeu os seus novos corpos gerentes, ficando a presidir aos três órgãos os drs. Augusto A. Soares da Silva (assembleia - geral, Manuel Rocha Peixoto (direcção) e Serafim de Azevedo Campos (conselho fiscal).

★

Também ontem, á noite, tomaram posse os novos dirigentes do Vitória F. C. de Setúbal. O dr. Aníbal Pescadinha é o presidente da direcção.

★

Em Faro, no salão nobre dos Paços do Concelho, e na presença do governador civil do distrito, bispo da diocese e outras individualidades, foram empossados os dirigentes do Sporting Farense. O dr. Armando Cassiano (assembleia geral), João Dias Pires (direcção) e Amílcar Figueiredo (cònselho fiscal) presidem aos departamentos da gerência.

TOTOBOLA

O NOSSO PALPITE

Salgueiros-Tirsense	1
Espinho Leixões	2
A. Viseu-Peniche	2
Valecambrense-Lamas	2
Covilhã Tramagal	2
Gouveia-T. Novas	1
Sanjoanense-Beira-Mar	X
Sintrense-Oriental	2
Torriense-Benfica	2
Marítimo-Belenenses	2
Seixal-Barreirense	2
Sesimbra-Montijo	1
Portimonense - C. U. F.	2

FUNDO DE TURISMO

EMPRÉSTIMO PARA FOMENTO DO TURISMO

III PLANO DE FOMENTO

EMISSÃO DE OBRIGAÇÕES

JURO 5 3/4 %

DE 2 A 9 DE JUNHO

120.000 obrigações no valor nominal de 1 000$00 para fomento do Turismo, Decretos-Leis n.os 48 449 de 24 de Junho de 1968 e 49 017 de 22 de Maio de 1969.

Preço de subscrição: 1 000$00.

— Vida máxima: 12 anos — Vida média: 7 anos (cerca de). — Isenção dos impostos complementar, de capitais e de selo. — Taxa de Juro Líquido: 5 ½ % (cerca de). — Data de pagamento dos juros: Semestralmente a partir de 30 de Dezembro de 1969.

— Amortizações: Ao par, em 10 sorteios anuais, com início em 30 de Junho de 1971.

Estas obrigações estão equiparadas a títulos da Dívida Pública Portuguesa para as Companhias de Seguros e a sua admissão à cotação das Bolsas de Lisboa e Porto será requerida até à data de pagamento do primeiro cupão.

Subscrição pública, sujeita a rateio de 2 a 9 de Junho, nos seguintes estabelecimentos de crédito que a tomaram firme:

Caixa Geral de Depósitos — Montepio Geral — Banco da Agricultura — Banco do Alentejo — Banco de Angola — Banco Borges & Irmão — Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa — Banco de Fomento Nacional — Banco Fonsecas & Burnay — Banco Lisboa & Açores — Banco Nacional Ultramarino — Banco Pinto & Sotto Mayor — Banco Português do Atlântico — Banco Totta-Aliança — Bank of London & South America, Ltd. — Crédit Franco Portugais — Crédito Predial Português — Augustine, Reis & Companhia — Pancada, Moraes & Companhia — Pinto de Magalhães, Banqueiros.

Scharfe A-4

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje: MILAGRE DE MILÃO — Estúdio 444

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15 18.30 e 21.45
Um estranho poder emanava daquele perigoso
O CÉREBRO DO MAL
George Hamilton e Suzanne Pleishette
Panavision — Metrocolor

IMPÉRIO
(12 anos) Tel. 555134
OSCAR para o MELHOR FILME ESTRANGEIRO DO ANO!
Às 15.15 e 21.30
2. SEMANA
O INCÊNDIO DE MOSCOVO — A VITÓRIA
3.º e último episódio de «GUERRA E PAZ»
70 m/m Moscolor
Real Sergei Bondarchuk
segundo a obra de LEO TOLSTOY

ESTÚDIO
(M 12 anos) Tel. 555134
As 15.30. 18.30 e 21.45
10. SEMANA
Scope - Color
CHARLY
com Cliff Robertson e Claire Bloom

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
HOJE, às 15.15 e às 21.30
UMA ALUCINANTE AVENTURA DE CEM VIDAS NO ESPAÇO...
O VOO FATAL
com Van Johnson, Jack Lond, Edmund O'Brien e Catherine Crawford
Uma novidade em suspense
Technicolor
HOJE, às 18.30 (M. 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

ODEON
(M 12 anos) Tel. 326283
HOJE: 15.15, 18.15 e 21.30
EM 6.ª SEMANA DE ENCHENTES
UM ÊXITO SENSACIONAL DE CONSTANTE GARGALHADA
BONANÇA & C.ª
com Eugénio Salvador, Nicolau Breyner, Mariema e outros consagrados artistas

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
Matt Helm o célebre agente secreto num filme cheio de acção e interesse
UM PERIGO EM CADA CURVA
c/ Dean Martin e Elke Sommer

CHIADO TERRASSE
(M 17 anos) Tel. 320917
As 21 horas
RAQUEL, RAQUEL
LIVRE À QUARTA-FEIRA

MUNDIAL
(M 12 anos) Tel 388743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Paul Newman e Sylva Koscina numa comédia que vai dar que falar
A «GUERRA» SECRETA DE HARRY FRIGG
Fotografia em Technniscope e Technicolor
Metro Estação Picoas

EUROPA
(M 12 anos) Tel. 661016
Às 15.15 18.30 e 21.45
Um êxito que regressa em todo o seu esplendor.
Um filme de Joshua Logan
NO SUL DO PACIFICO
(SOUTH PACIFIC)
em 70 m/m
Mitzi Gaynar Rossano Brazzi

SÃO JORGE
(M 17 anos Tel. 54153
As 15.15 18.15 e 21.30
4.ª SEMANA
Uma comédia que tem dado que falar!
BOA NOITE SENHORA CAMPBELL
com Gina Lollobrigida e Telly Savalas

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
Às 15.30, 18.30 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
A mais expressiva obra do cinema italiano
FILHOS DE NINGUÉM
com Amadeo Nazzari e Yvonne Sanson

VOX
(Adultos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Henry Fonda e Richard Widmarck na dramática e violenta história de um detective
MADIGAN
Technicolor — Technniscope
Av Frei Miguel Contreiras

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 260729
As 21.30
UM HOMEM SEM MEDO
c/ Marlon Brando e Anjanette Comer

IMPERIAL
(12 anos) Tel. 45933
As 21 h
O VALE DO MISTÉRIO
MISSÃO EM TEERÃO

ESTUDIO 444
(M 12 anos) Tel. 779095
Às 21.45
O mais belo filme de todos os tempos!
MILAGRE DE MILÃO
Realiz. Vittorio de Sica
Argum. Cesare Zavattini

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.45
Um espectáculo belo e diferente que tem o encanto de ser falado no nosso idioma!
ORFEU NEGRO
«Palaia de Ouro» do Festival de Cannes
Argumento: Vinicius de Moraes
Realização: Marcel Camus
EASTMANCOLOR

TIVOLI
(M 17 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde e 9.30 da noite
8.ª SEMANA E ÚLTIMA
Alain Delon, Romy Schneider e Maurice Ronet em
A PISCINA
Um filme de Jacques Deray

CONDES
Telefs 322523 - 326718
(M 17 anos)
As 15.15, 18.15 e 21.30
O ídolo dos ídolos
MONTGOMERY WOOD
Autêntico rei do «colt» e da vingança
GIGANTES EM DUELO
com Le Van Cleef

MONUMENTAL
(M 17 anos) Tel. 555131
As 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Quente, sensual, perversa...
Senta Berger e Alain Delon
DIABÓLICAMENTE TUA
EASTMANCOLOR

LIZ
(M 17 anos) Tel. 48560
As 21 horas
UM HOMEM EM LEILÃO
DEZ MIL DÓLARES PARA UM MASSACRE

LIDO
(M 17 anos) Tel. 927593
As 21.30
Uma jóia preciosa do cinema de sempre!
E TUDO O VENTO LEVOU
Agora em maravilhoso 70 mm e som estereofónico

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
As 15.15. 18.15 e 21.30
3.ª SEMANA - Technicolor
George Peppard e Jean Seberg em
PÊNDULO
O filme com a força de impacto dos dias de hoje

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
As 15.45 e 21.45
3.ª SEMANA — Technicolor
A história de um detective acusado de ter assassinado a mulher!
PÊNDULO
com George Peppard e Jean Seberg

Concurso de quadras a S. João na Figueira

FIGUEIRA DA FOZ, 5 — A comissão das festas em honra de São João da Figueira promove, este ano, um concurso de quadras populares por ocasião das Festas Sanjoaninas que se realizam nesta cidade.

As quadras serão obrigatóriamente alusivas ao S. João da Figueira e nenhum autor poderá concorrer com mais de cinco quadras. Os quatro primeiros classificados serão premiados com 1000, 500, 300 e 200 escudos respectivamente. Além disso, há menções honrosas para as quadras que o juri considerar com mérito para tanto. Os prémios serão entregues na festa dedicada aos participantes do II Encontro da Imprensa Regional das Beiras, a realizar no Grande Casino Peninsular, o dia 21, ás 21 e 30.

A entrega dos originais pode ser feita até ao dia 15, na Comissão Municipal de Turismo (Concurso de Quadras do São João) — Figueira da Foz.

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «Anatomia de uma história de amor (12 anos)
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45: e 23 h.: «Mãos à obra» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 20 e 45 e 23 h: «Pepsie» (17 anos).
VILLARET — Às 2 e 5: «Blackout» (17 anos)
CASA DA COMÉDIA — Às 22 h.: Folclore de Angola (12 anos).

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «A maior bolada do Mundo» (17 anos).
PARIS — Às 21: «O estrangulador de Boston» (17 anos).
ARCO ÍRIS — Às 2: «Zulu» (12 anos)
OLÍMPIA — Às 9: «Os pistoleiros do Arizona (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Marisol e o toureiro» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Não incomode» (17 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «Os dez mandamentos» (12 anos).
IDEAL — Às 21. «Passos na noite» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «O homem da aventura» (12 anos).
CAMPOLITE — Às 21. «Um homem» (12 anos)
UNIVERSAL — Às 21: «O prazer de matar» (12 anos)
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «Gringo não perdoa» (12 anos).
S. L. BENFICA — Às 21 e 15: «Vão chamar pa a outra» (12 anos).
CINE MOSCAVIDE — Às 21: «Arabesco» (12 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Ofício de matar» (17 anos); e ACADEMIA — Às 21 e 15: «Quem tem medo de Virgínia Woolf» (17 anos)
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «Colt a lei do Oeste» (12 anos); CINE-BARREIRENSE — Às 21: «Um pirata invisível» (12 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21: «Armadilha Stambul» — (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Amor Andaluz» (12 anos)

● Linha de Sintra

PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «O dia mais longo de Kansas City» (12 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 7 e ás 21 e 30: «Um homem sem medo» (12 anos); CINE-ESPLANADA — Às 2 e 30: «Sanilhos de fraldas» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «A condessa de Hong-Kong» (17 anos)

● Linha de Cascais

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «24 horas na vida de uma mulher» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 2 e 5: «Os teus os meus e os nossos» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 2 e 15: «A história de um fotógrafo» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «O perseguido» e «O gendarme em Nova York» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Hércules, o libertador» (12 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Digan lo que digan» (12 anos)

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno D

AJUDA — Mendes Gomes, Calç da Ajuda, 222 (638256) * Tapada, Lda., Calç da Tapada, 83-A (634721).
ALCÂNTARA — Ester Nogueira, R de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Lasa, Av Almirante Reis, 99-A (41269) * Romano Baptista, R Passos Manuel, 61-C (50593) * Magalhães, Av Almirante Reis, 4-D e 4-F (49479)
ALTO DO PINA — Dalton, Av Mouzinho de Albuquerque, 1-A (á Pr Paiva Couceiro) (84357)
ALVALADE — Libia, Av do Igreja, 4-B-C (71 68) * Nova Iorque, Av Estados Unidos da América, 140-B (junto a Entrecampos, (760658)
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (68 5 5)
AREEIRO — Marbel, Av de Roma, 131-A (776235) * Lusitana, Avenida de Roma, 8-A (735443) * Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (71033)
AVENIDAS NOVAS — Lungenit, Avenida da Republica, 55 - A (772132) * Providência, R D Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego (770324) * Só da Bandeira, R. Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (41961-54672) * Oliveira Viegas Rua Viriato, 29-A (48966-55360).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, Casas Novas, lote 66 (31072)
BAIXA — Simões Pires, Rua da Prata, 115 (362350)
BENFICA — Benfiluz, E de Benfica 444-A (782606) * Alegria, Estrada de Benfica, 80-A-B (78051) * Progresso, Estrada A-da-Maia, 64-C (702226) * Macedo, Est do Poço do Chão, 69-C (703697)
CAMINHOS DE FERRO — Cruz de Malta, L Chafariz de Dentro, 36 (86626)
CAMÕES — Andrade, R do Alecrim, 125 (322328-323446)
CAMPO DE OURIQUE — Linaldo, R. Ferreira Borges, 30 (660955) * Findar, R D Maria Pia, 514 (687949).
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (553308)
CAMPOLIDE — Ronil, R Rodrigo da Fonseca, 53 (683438) * Zénel, Rua A 82 (Bairro da Liberdade) (65 840) * Nova, R de Campolide, 297 (687475)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R do Margem, 5-B (ao Bairro do Grilo), (382470) * Zema, R. General Justiniano Padrel, 21 (832580).
ESTEFÂNIA — Fonseca, Largo de D. Estefânia, 4-5 (54808).
GRAÇA — Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A-39 (862909) * Higiénica, R. Heliodoro Salgado, 20-A (84436).
LUMIAR — Patutela, R do Lumiar, 122 a 124 (790332) * Douro, Alam Linhas de Torres, 93-A-B (79183)
MADRAGOA — Moderna, R Garcia de Orta, 24 (663117).
MOURARIA — Ferrão, R da Mouraria, 12 (860464)
ESTRELA E LAPA — Alb, R de Santana á Lapa, 56 (663562)
OLIVAIS — Simão Av de Berlim, Rua D, 6-A (31058).
PALHAVÃ — Canto, Est das Laranjeiras, 202-B (78084)
PEDROUÇOS — Higilux, R de Pedrouços, 50-52 (610280)
PICHELEIRA — Mariuz, Calç do Picheleira, 40-B-C (720703) e 728395)
S PAULO — Marcos do Nascimento, Calç Marquês de Abrantes, 36-A (664288)
SANTO AMARO — Botânica, Rua da Junqueira 38-40 (638 32).
SANTA MARTA — Morais Sarmento, R de Santa Marta, 5-A, 5-B (46490)
Sé — Santa Luzia Rua do Saudade, 2-B (869831)
MOSCAVIDE — Varela, Av Moscavide, 44 (Te 25 8520).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nito — Av Comb G Guerra, 64 (T 212070).
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 7-A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 82 (2432034)
OEIRAS — Godinho, Rua Candido dos Reis, 98 (2430090)
PAREDE — Brandão, Av. da República, 77-C (247054).
ESTORIL — Marques dos Santos, R. Ferreira J A., 5 (2601 6).
CASCAIS — Marginal, Av Marginal (280078) — A. Costa, R Freitas Reis 24-C (280274)

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias, Av Marquês de Pombal, Lote 9 (934589) — Campos, Rua Elias Garcia, 85, (930072) — Clabel — R António Sardinha, 23-D (938551).
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar Lote D (Tel 97 0 23),
QUELUZ — Gil, Av Miguel Bombarda, 28 (950117) * Simões Lopes, Av Elias Garcia, 51 — (950123)
CACÉM — Central, R Elias Garcia, 55 (2940034)
MEM MARTINS — Química, Est. Mem Martins, 285 (2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (980456)
SINTRA — Marrazes, (Vila), Lg. Rainha D Amélia, 20 (980155).
COLARES — Colares Abreia (Tel. 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 9 — (234100)
ALHOS VEDROS — Gusmão, Rua Cândido dos Reis 30 (2240201)
ALMADA — Nuno Álvares, Av. D Nuno Álvares Pereira, 39 (270504)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est Nacional, 74 (224141)
BARREIRO — Pimenta — R Cons. Joaquim António de Aguiar, 159 (Tel 22730 2)
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Estr das Barrocas, 50-A (Tel 2760 82)
MOITA — Silva Rocha, P da Republica, 16 (2390229.
MONTIJO — Diogo, R Almirante Cândido dos Reis 42 (230032).
SESIMBRA — Lopes, R Cândido dos Reis, 67 (2290 8)
SETUBAL — Normal do Sul — P. do Bocage (Tel 222 6)
SEIXAL — Godinho — Largo 5 (22 8580

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas 361353 * Companhias Reunidas, 537011 * Gazcidla 538821 * Gazcidla (dom. e feriados 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 * Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R — Serviço de emergência 115 * Segurança Pública, 366141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G.N.R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * Transfusões, soros e oxigénio 538524 * Centro de Intoxicações (informativa), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos - de - ferro (C. P.), 869029 * Caminhos-de-ferro (Estoril) 361121 * Estação fluvial (T Paço), 325345 * Estação Marítima de Alcântara, 663196 * Estação Marítima da Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém), 638531

BOM APETITE

RESTAURANTE CASTANHEIRA DEL ARCO DE UTILIDADE TURISTICA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(M 5 anos)

RESTAURANTES
«O MANEL»
Largo do Regedor, 7-1.º
T. 34982
e Parque Mayer — T. 33167
COZINHA PORTUGUESA
(PREMIADO PELO S. N. I.)

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
CARNE DE PORCO ACRE E DOCE
e o célebre arroz CHAO CHAO

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

COZINHA ALENTEJANA
Serviços de almoços no jardim
Encerra ás 2.as-feiras
Av. do Aeroporto, 162
Telef. 72 70 71

RESTAURANTE CHURRASCO
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H.
Rua das Portas St.º Antão, 83
Telef. 323059

Diário de Lisboa

DL

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLOGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS — Em Portugal Continental, o céu estava geralmente pouco nublado e o vento era fraco predominando de leste

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, Alvalade e Fonte Boa, 31°; mínima: Penhas da Saúde, 8°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera 25°; na água do mar 16°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco ou moderado do quadrante Norte.

Amanhã
Nascer às 6 e 12
Ocaso às 20 e 59

Dia 7 Dia 15 Dia 23. Dia 29

MARÉ

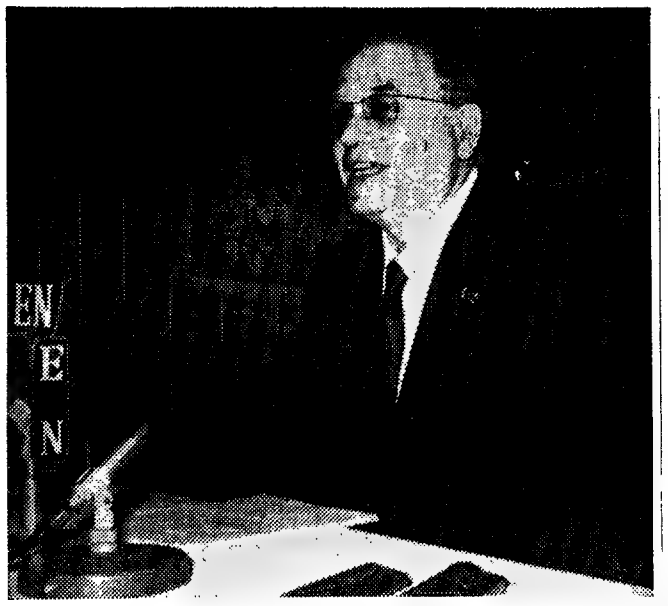
PREIA-MAR: **Dia 4** — 7 e 10 (3,6 m); 19 e 30 (3,9 m) **Dia 5** — 8 e 03 (3,5 m); 20 e 20 (3,8 m) **Dia 6** — 9 e 02 (3,4 m), 21 e 24 (3,6 m). BAIXA-MAR: **Dia 4** — 0 e 23 (1,0 m); 2 e 37 (1,2 m). **Dia 5** — e 20 (1,1 m); 13 e 30 (1,4 m). **Dia 6** — 2 e 2[illegible] (1,3 m); 14 e 33 (1,6 m)

BANCO FONSECAS & BURNAY

Em reunião do seu conselho geral de ontem, foi deliberado conferir o cargo de director-geral desta instituição ao sr. dr. António José Nunes Loureiro Borges, que anteriormente ali desempenhava as funções de director-secretário.

O sr. dr. Loureiro Borges, que nasceu em Lisboa em 1931, concluiu em 1952 a licenciatura em Ciências Económicas e Financeiras (Finanças) na Universidade Técnica de Lisboa, tendo entrado em 1954 ao serviço do antigo Banco Burnay, onde chegou a desempenhar o cargo de director-geral. Desde 1967 que ocupava no actual Banco Fonsecas & Burnay o cargo de director-secretário, sempre se tendo distinguido pelas suas notáveis qualidades de carácter e inteligência, grande capacidade de trabalho e alto nível de conhecimentos técnicos

Entre outras actividades relacionadas com a sua vida bancária, o sr. dr. Loureiro Borges, que estagiou na Bélgica no antigo Banque de la Société Générale de Belgique, hoje designado por Société Générale de Banque, desempenhou em 1958 as funções de secretário local na X Reunião do Institut Internacional des Études Bancaires, ocorrida em Lisboa, tendo também participado em diversas reuniões bancárias internacionais, designadamente na Alemanha e na Suíça



Olivier Messiaen ao apresentar a obra

APRESENTADA PELO AUTOR A ORATÓRIA «TRANSFIGURAÇÃO»

QUE SE ESTREARÁ MUNDIALMENTE NO FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA

«A Transfiguração», oratória para solista, coro e orquestra, composta por Olivier Messiaen, por encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian, para estreia mundial em Lisboa, em homenagem á memória do grande benemérito, foi hoje apresentada pelo seu autor aos órgãos de Informação.

Na reunião, efectuada no Hotel Tivoli, o prof. Olivier Messiaen, mestre de composição no Conservatório de Paris e apaixonado de ornitologia, fez larga exposição sobre a súa oratória, que a Orquestra de Paris, dirigida pelo maestro Serge Bando, apresenta, depois de amanhã, no Coliseu dos Recreios, no 31.º concerto do Festival Gulbenkian.

Trata-se de uma obra cuja execução demora duas horas e meia, tendo sido composta entre Julho de 1965 e Fevereiro de 1969, sobre um mosaico de textos latinos escolhidos pelo autor no Evangelho, no Velho Testamento e na Suma Teológica de S. Tomás de Aquino.

Na execução da obra, colaboram os coros Gulbenkian, cem pessoas de ambos os sexos, e entre sete solistas instrumentais, o violoncelista Mtislav Rostropovitch e a pianista Ivonne Loriod.

A Orquestra de Paris estreia-se esta noite em Lisboa, no Coliseu, executando obras de Berlioz, Debussy e Ravel.

FALECEU O PROFESSOR MACHADO GUIMARÃES

PORTO, 5 — Na sua casa de Joane (Vila Nova de Famalicão) faleceu inesperadamente o sr. prof. António Luís Machado Guimarães, catedrático jubilado da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, casado com a sr.ª D. Sara de Barros Machado e filho do antigo Presidente da República dr. Bernardino Machado.

O extinto fez uma carreira brilhante na Universidade de Coimbra, onde se formou em Filosofia Natural com distinção. Foi professor dos Liceus Camões, de Lisboa, e de Rodrigues de Freitas, do Porto. Mais tarde foi professor extraordinário da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e depois professor catedrático. Regeu as cadeiras de Zoologia Geral, Sistemática e Anatomia Comparada e também a de Zoologia dos antigos Preparatórios de Medicina. Como director do Instituto de Zoologia «Dr. Augusto Nobre» realizou uma obra notável, nomeadamente na reorganização do seu museu.

Para além da sua actividade pedagógica, mas íntimamente a ela ligada, publicou uma valiosa obra científica, da qual se destacam «As bases gerais da Zoologia» e «Lições de Zoologia», e como investigador deixa um importante trabalho sobre as «Briófitas de Portugal», de par com muitos outros estudos e trabalhos de sistemática.

O prof. Machado Guimarães dedicou-se, ainda, á actividade literária, e publicou um livro, «Memórias do dr. Bernardino Machado», de excelente recorte, e também alguns estudos sobre Guerra Junqueiro e outros escritores.

O prof. dr. António Machado Guimarães era pai dos srs. prof. dr. António de Barros Machado, eng.º Bernardino Machado, dr. Augusto de Barros Machado, do nosso camarada de redacção da delegação do Porto, António Machado, do sr. Dionísio Machado, da delegação de «O Século» no Porto, e da sr.ª D. Maria Alzira de Barros Machado, e tio dos srs. prof. dr. Julio Machado Vaz e dr. Bernardino Machado Vaz.

O funeral efectua-se amanhã pelas 11 horas, para o cemitério municipal de Famalicão, onde repousam os restos mortais do extinto.

A família enlutada, e em especial ao nosso prezado camarada António Machado, apresentamos sentidas condolências.

SOCIEDADE EUROPEIA DE OFTALMOLOGIA

No sábado, das 9 e 30 ás 12 e 30, reune-se, na sala do Senado Universitário de Lisboa, o conselho da Sociedade Europeia de Oftalmologia, em que participa o prof. dr. Lopes de Andrade.

Após a sessão de trabalho, os congressistas reunir-se-ão num almoço no Palácio de Seteais, após o que efectuarão diversas visitas turísticas. À noite, jantarão num restaurante típico.

Intervenção portuguesa

(Continuação da 1.ª página)

se de libertar os 18 estrangeiros empregados por companhias petrolíferas e que haviam sido condenados á morte.

A informação foi recebida em Nova York vinda de Lisboa, onde fora divulgada.

Nos mais diversos círculos aplaude-se a intervenção portuguesa.

Alguns delegados africanos não escondem a sua satisfação e nota-se particular sensação de alívio entre os representantes dos países africanos que reconheceram oficialmente Biafra e entre os representantes do Ocidente.

Nota-se, também, nas esferas ligadas ao gabinete do secretário-geral, U Thant satisfação pelo desfecho do caso.

SUBSECRETÁRIO ITALIANO EM BIAFRA

ROMA, 5 — (F. P.) — O subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Mario Pedini, chegou hoje a Biafra para se encontrar com as autoridades locais e com o próprio general Ojukwu, indica um comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Pedini já visitou os prisioneiros italianos e encontrou-os de perfeita saude.

LIBERTAÇÃO DENTRO DE 48 HORAS

LIBREVILLE, 5 — (F. P.) — Os 18 técnicos da A. G. I. P., prisioneiros dos biafrenses, serão libertados dentro de 48 horas e transitarão por Libreville para regressarem aos seus países garante-se em certos meios desta cidade geralmente bem informados.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

BREJNEV: A CONFERÊNCIA SERÁ DOMINADA PELO ESPÍRITO DE CAMARADAGEM

MOSCOVO, 5 — (F. P.) — A conferência de alto nível dos partidos comunistas principiou ás 15 horas locais (12 horas T. M. G.) na sala São Jorge do Kremlin.

Representantes de 75 países tomaram lugar em volta de uma mesa rectangular.

Leonid Brejnev, secretário-geral do Partido Comunista soviético, acompanhado de Alexei Kossyguine, presidente do Conselho de Ministros, e de Nikolai Podgorny, chefe do Estado, desejou boas-vindas ás delegações.

Leonid Brejnev foi o primeiro a usar da palavra logo que os jornalistas deixaram a sala. A conferência — disse — ia examinar problemas da actualidade acerca dos quais «convém elaborar posições unificadas».

«A principal questão da agenda — acrescentou — diz respeito aos interesses de todos os povos. Só pelos esforços unidos dos comunismo poderá ser resolvida com êxito.»

O secretário-geral do P.C. soviético congratulou-se, seguidamente, com a marcha dos trabalhos preparatórios da conferência, afirmando a sua convicção em que o espírito de «camaradagem e de internacionalismo» que presidiu a esses trabalhos «dominará igualmente a conferência cimeira».

Gabinete do Novo Aeroporto

Amanhã, ás 12 horas, no Ministério das Comunicações, toma posse do cargo de director do Gabinete do Novo Aeroporto de Lisboa o sr. coronel de Engenharia Joaquim António Rodrigues de Oliveira junior

Anthony Eden

Acompanhado de sua esposa, regressou, hoje, a Londres «sir» Anthony Eden, que se deslocou a Portugal a fim de assistir á abertura da Feira de Santarém, onde fez a entrega de um prémio ao vencedor de um concurso promovido entre criadores de touros «Hereford».

A apresentarem-lhe despedidas estiveram, no aeroporto, o embaixador da Grã-Bretanha em Portugal e um representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

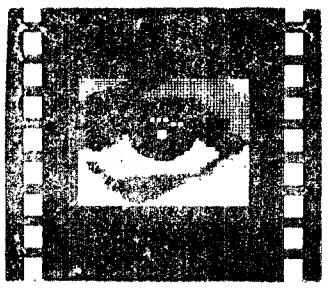
CITROEN — 1967
I D — 19
IMPECAVEL, COM EXTRAS
Vende particular. Motivo à vista
Telefs. 846062/3/4
das 10 às 13 horas e das 15 às 18 horas

M/6 ANOS
LATINA
CAMPO PEQUENO
HOJE ÀS 22 HORAS
OPORTUNIDADE AOS NOVOS!
uma festa de solidariedade
SOLNADO e o ZIP-ZIP
5 apadrinhando o "espontâneo" do Campo Pequeno lançam em órbita taurina 5 novos toureiros!
MANUEL SANTANA (DO BARREIRO)
JOSÉ AUGUSTO (DA GOLEGÃ)
CARVALHO ROSA (DE MARINHAIS)
CARLOS PIMENTEL (DE AZAMBUJA)
MANUEL VALENTE (ESPONTÂNEO)
FORCADOS JUVENIS DE ALCOCHETE
6 NOVILHOS DO ENG. DELGADO DOS SANTOS
FESTIVAL ZIP-ZIP
com as faenas... espontâneas de RAÚL SOLNADO
e a sua quadrilha de "desconfiança"
CARLOS CRUZ e FIALHO GOUVEIA
A receita do espectáculo reverte, integralmente a favor das beneméritas instituições ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DAS CRIANÇAS DIMINUIDAS MENTAIS, CENTRO HELEN KELLER e CASA DA IMPRENSA.
Telefs 771819, 761539, 321712 e 30769

SUPLEMENTO LITERÁRIO

N.º 565/5 DE JUNHO DE 1969

Nas páginas centrais:



ALFREDO TROPA filma «Pedro» de Manuel Mendes

A linguística e a mecanografia

por Maria Helena Mira Mateus

A UTILIZAÇÃO da mecanografia nas ciências humanas, que tem sido simultâneamente tão contestada e tão elogiada, levanta um conjunto de problemas cheios de interesse que vão do plano puramente teórico (contribuindo de modo indiscutível para o aprofundamento de alguns aspectos essenciais das mesmas ciências) ao da mais exigente e modesta realização prática.

A linguística é, de entre as ciências humanas, uma das que mais beneficiou com a possibilidade de se servir dos meios mecanográficos, possibilidade que está inserida no contexto geral de uma *linguística matemática*. Por sua vez a depreensão dos caracteres *quantitativos* do vocabulário ajudou a linguística a firmar o seu estatuto como ciência, se não nos seus fundamentos (esses já haviam sido lançados por um Saussure, um Meillet, um Bloomfield, se não quisermos remontar aos primórdios da gramática histórica) pelo menos na sua divulgação e aceitação por especialistas de outros campos do saber.

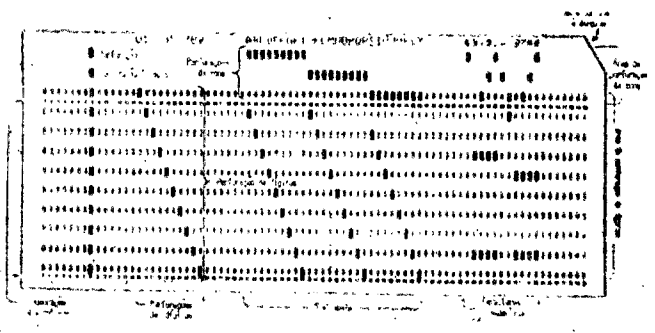
No entanto é habitual encontrarmo-nos ainda hoje diante de duas atitudes exageradas que provêm, ambas, de uma falta de conhecimentos sólidos dos problemas e de um «parti pris» infundamentado. E assim, há quem recuse à linguística quantitativa ou matéria lugar junto dos outros estudos da linguagem, não considerando que a *estatística linguística* ou a *linguística algébrica* possam colocar-se a par de outros tipos de investigação do mesmo fenómeno humano; existe, por outro lado, quem veja na linguística quantitativa a resolução para todas as dificuldades na apreensão do funcionamento ou mesmo da essência da linguagem, estendendo-se este entusiasmo crédulo à tónos resultados obtidos com o emprego do computador — o que é motivado por desconhecimento das limitações da máquina e da espécie de auxílio que ela pode fornecer ao investigador, ou por uma aceitação não-crítica de qualquer corrente inovadora.

Estando a realizar-se neste momento pela primeira vez em Portugal, com a amável e eficiente colaboração da IBM, uma experiência de longo curso em investigação linguística com utilização do computador (antes desta efectuou-se uma experiência idêntica com um texto curto de Garrett, as *Folhas Caídas*) a ocasião parece apropriada para dar uma ideia de algumas das vantagens que pode trazer à investigação o emprego deste método.

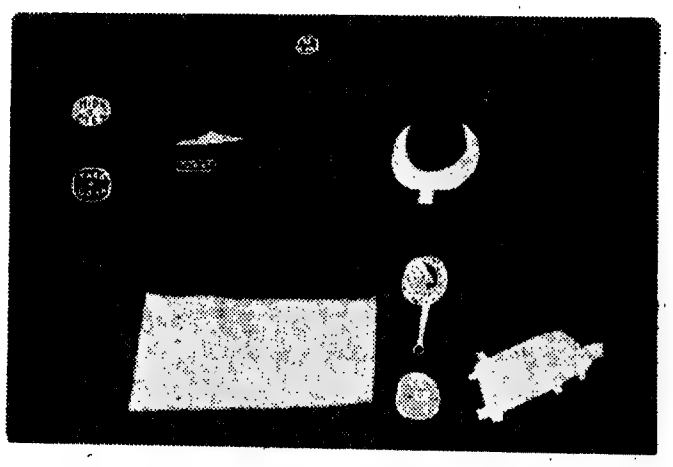
Dentro dos 4 sectores principais pelos quais se distribuem os estudos linguísticos com auxílio da mecanografia (1. *índices bibliográficos* e *lexicológicos; 2. listas de concordâncias de textos literários;* 3. *análises gramaticais e estilísticas* e 4. *tradução automática)* o trabalho referido é do segundo tipo. Trata-se, pois, de uma lista de concordâncias de um texto literário, ou melhor, de dois textos, pois foram escolhidas a primeira e a terceira versões de *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz.

A condição-base para que um trabalho destes constitua verdadeiramente uma investigação linguística é a existência prévia de objectivo definidos, ainda que indicados sómente nas suas linhas gerais, isto é, mesmo que não incluam em pormenor as análises que poderão ser suscitadas posteriormente pela exploração das listagens. Estes objectivos vão nortear a recolha e apresentação do material. No caso presente existe uma finalidade de ordem estilística que seguirá duas

(Continua na 2.ª página)



Um cartão perfurado auxilia a investigação linguística



«Tarragona-Mojacar», de Joaquim Rodrigo — prémio do B. P. A.)

A propósito da Exposição do Banco Português do Atlântico

Folhetim artístico de José-Augusto França

DUAS GRANDES EMPRESAS de representação de automóveis, uma sociedade de produtos químicos, a SOQUIL, agora um importante banco nacional — o comércio e a indústria começam a interessar-se pela vida artística portuguesa e até, talvez, pela arte A exposição do Banco Português do Atlântico com os seus prémios e as suas aquisições para a nova sede, em celebração cinquentenária, ofereceu um novo e considerável elemento a esta corrente cujo valor cultural já aqui sublinhei. Empreendimentos ocasionais e festivos ou de uma regularidade mais conscienciosa (como é o caso do prémio SOQUIL, instituição anual), eles vêm imprimir um aspecto mais favorável a uma actividade tradicionalmente ignorada — que com poucos compradores privados pode contar, e com nenhum museu, sequer (ou ainda menos) o defunto, de Arte Contemporânea.

Mas a exposição do Banco Português do Atlântico mais brilhante e menos equívoca do que a da GM, o ano passado, ou a da Guérin, que no próprio equívoco (juri impróprio e local comercial) se afundou, põe vários problemas à nossa reflexão. Problemas de método e de nível artístico.

Importa, primeiramente, considerar que o seu juri esteve sobretudo a cargo de críticos de arte, como parece lógico, evitando mal entendidos de artistas a julgarem artistas, sem para isso disporem de adequada formação estética e suficiente e larga prática de *ver meditando desinteressadamente*. A mim me competiu, a convite dos promotores da exposição, organizar o juri na sua parte profissional e escolhi para ele quem, em boa consciência, entendi dever escolher — os meus colegas Fernando Pernes e Rui Mário Gonçalves, membros da A. I. C. A. Certamente que não por espírito de «grupo» oh esta perspectiva alfacinha dos «grupos»!...) mas por vezes neles, num plano estritamente profissional aqueles que melhores garantias de juízo actual oferecem. O que, como é humanissimo, e sempre pitoresco, não deixará de ser contestado... A esta parte do juri desejavam os promotores adicionar o representante duma instituição culutral portuense (pois o Banco tem a sua sede social no Porto) — e eu à falta de instituição específica no domínio das artes plásticas, lembrei-lhes a antiga Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto (que com felicidade se fez representar por Fernando Guedes).

Por razão de coerencia, sugeri então que a essa instituição outra fosse ligada, de Lisboa — e essa teria naturalmente que ser a Sociedade Nacional de Belas Artes (que delegou, com acerto também, no Aq. Nuno San Payo). Ainda os promotores quizeram fazer vir um crítico francês para imprimir um carácter internacional à premiação, e eu propus. Henry Galy Carles, igualmente membro da A. I. C. A. (Association Internationale des Critiques d'Art), que várias vezes veio a Portugal, tem informação da criação artística nacional — não sendo, assim, «parachuté» num meio desconhecido. Com os cinco (ou os seis, no caso da premiação) se formou um juri que considero profissionalmente satisfatório — e não vejo como, no contexo português, pudesse ser melhorado Ele constituiu sem dúvida um dos elementos positivos quanto à metodologia da exposição.

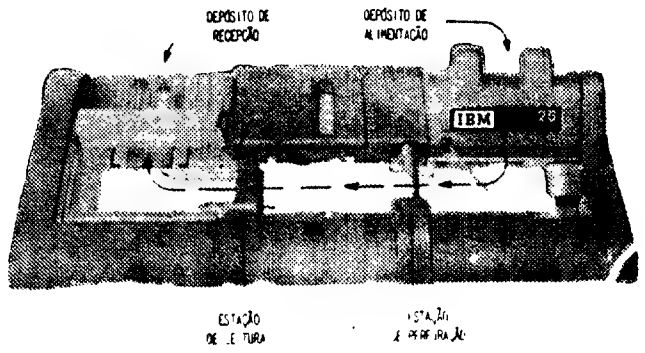
Outro, e da maior importância, residiu no facto de não haver hierarquia

(Continua na 2.ª página)

Linguística e mecanografia

(Continuaçao da 1.ª pagina)

vias dominantes: a) confronto do vocabulário de ambas as versões da obra de Eça, b) estudo da linguagem utilizada nas suas duas dimensões — paradigmática e sintagmática. Concretizando: pretende-se analisar, entre outros aspectos, os vocábulos mais frequentes, os campos semânticos dominantes, aspectos temáticos existentes através da observação de lexemas, a colocação das palavras em contexto, a utilização dos tempos verbais, o predomínio de certas categorias gramaticais, a utilização do discurso directo, o emprego dos pronomes do diálogo. Em todas estas análises a lista de concordâncias será um preciosíssimo auxiliar.



Percurso de um cartão na máquina perfuradora

Para a obter existem vários *programas* adaptáveis a diferentes máquinas com diversa capacidade, que estipulam desde o início certas condições em que deve ser feita a perfuração do texto a listar. Além disso, é necessário que o computador escolhido possua uma capacidade de memória que lhe permita reter uma obra bastante longa como, por exemplo, a que aqui foi indicada.

O texto, tal como se apresenta, é perfurado em cartões seguidos que contêm, cada um, referências codificadas de localização. Os cartões são agrupados em determinados conjuntos e assim introduzidos na máquina. Esta passa então todos os dados perfurados para as fitas magnéticas e, mercê de instruções fornecidas por novos cartões que constituem o verdadeiro *programa*, realiza com rapidez espantosa uma multiplicidade de operações que têm como fim ordenar alfabéticamente todas as palavras existentes, aproximando-as umas das outras, comparando-as e colocando-as no seu respectivo lugar. A leitura faz-se a uma média de 560 cartões por minuto. Um índice bibliográfico, em que os títulos das obras ocupavam o lugar do texto presente, que continha 20 000 palavras e 59 000 nomes de autores a indexar, foi preparado, com o mesmo programa, em 3 horas e meia.

Terminadas estas operações podem obter-se os resultados sob a forma de listagens. O linguista, de acordo com os seus objectivos, tem a possibilidade de preferir um de dois formatos de apresentação: 1. todas as palavras ordenadas alfabéticamente figuram a meio da página, precedidas e seguidas de um contexto fixo e relativamente pequeno; 2. as palavras são colocadas á margem e estão seguidas por todas as frases em que ocorrem no texto — frases que, neste caso, têm uma extensão préviamente determinada. As listas, bem legíveis e fáceis de manejar, são impressas a uma velocidade de 600 linhas por minuto. Finda a listagem, a máquina fornece ainda uma estatística elementar, apresentando uma listagem, colocadas por ordem alfabética e com a indicação do número de vezes que ocorrem, ou seja, do número de *ocorrências*.

Que se compare a rapidez deste trabalho — preparado pelo linguista e orientado por ele em equipa com o programador, mas não executado nos seus aspectos mecânicos e não intelectuais — com a morosidade da elaboração dos imensos ficheiros de todos os investigadores, preciosos sem duvida, mas que provocam um desgaste físico considerável e a perda de milhares de horas de trabalho preparatório da verdadeira investigação.

A concordância obtida muito pouco nos diz numa primeira abordagem. Chegou agora o momento de o linguista analisar o material e dele tirar aquilo que as suas capacidades lhe permitirem. O campo está aberto para ser explorado e nele se vêm a descobrir, muitas vezes, riquezas insuspeitadas. Mas não pode esquecer-se que, se os aspectos quantitativos já têm resolvido problemas considerados insoluveis quando encarados qualitativamente, frequentemente eles são apenas uma contribuição (embora valiosa) para a compreensão da estrutura interna do texto, manifestada mas não imediatamente oferecida pela estrutura de superficie.

MARIA HELENA MIRA MATEUS

Lição de coisas

HISTÓRIAS COM JUÍZO
por Mário Castrim
Colecção Cabra-Cega
Lisboa, 1969

UMA AUTÊNTICA *lição de coisas*, este livrinho de Mário Castrim publicado na colecção «Cabra-Cega». As «coisas» (janela, cadeira, cómoda, mesa, tempo, relógio, fogo, fumo, panela, sal, armário, caçarola, espelho, lâmpada, flor, gato, homem, casa, corredor, cocoricó de barro, tapete) revelam-se para além da sua utilidade funcional (sem contudo a perderem), adquirem dimensão sensivel, humanizam-se — e é um prazer redescobri-las assim, tão simples e tão próximas.

Castrim (aqui, porventura, ele-próprio...) tem o condão de revelar as evidências mais íntimas, condão das crianças e dos poetas. Numa linguagem simultâneamente terna e humorada, despida de chavões e rendilhados estilísticos, luminosa e elementar (lição, ainda, de humildade, sabedoria e eficiência narrativa), ele transforma as coisas do quotidiano, sopra-lhes vida, reinventa-as para um real mais autêntico e mais apetecível. O poeta, já se sabe, é um mágico: assim, uma janela pode fazer espionagem a favor da Ursa-Maior, uma cadeira desejar ser cóboi, o fumo falar com a panela, um galo «encarnar-se» de barro para escapar à faca da cozinheira, um tapete ouvir o coração das pessoas bater na planta dos pés. O próprio real, por mais prosaico que se mostre, fornece o imaginário, anima-se, magnifica-se, propõe uma noção moral de como deve ser entendido.

«Histórias com Juízo» é de facto um livro para crianças: ensina e diverte. A nós todos.

Uma palavra, ainda, para as ilustrações de Batarda Fernandes: simplesmente admiráveis!

R. S.

Cinema português: nomes e números

Se o leitor quer saber o ano em que nasceu António Lopes Ribeiro, quantos filmes interpretou António Vilar, quais as obras realizadas por Perdigão Queiroga, qual a actividade do produtor Manuel Marques, quem foi o operador João Freire Correia (exemplos colhidos ao acaso), bastará que recorra ao livrinho de Chitónio Montalverde «Nomes e Números do Cinema Português», agora dado à estampa em edição do autor. A obra, destituída de orientação crítica, mas útil como elemento de consulta reúne cerca de trezentas e cinquenta biofilmografias dos nomes mais destacados do nosso microuniverso cinematográfico.

Exposição do B. P. A.

(Continuação da 1.ª página)

nos prémios: os promotores puseram à disposição do juri uma certa verba que estes distribuiram em parcelas iguais, de acordo com o teor da exposição, tal como estipulava o regulamento. Não houve (e pela primeira vez tal sucedeu) primeiro, segundo, terceiro ou quarto prémios — com os artistas em bicha-de-rabear, um sempre melhor do que o outro, como nas voltas a Portugal em bicicleta...

Pessoalmente tenho, nestas coisas do espirito, a maior repugnância por hierarquias — e felicito-me por ter proposto a nova solução que, unanimemente aceita desta vez, oxalá possa ficar servindo de modelo futuro — embora não, decerto e por razões que o leitor compreende, para o caso da citada volta a Portugal em bicicleta.

Finalmente — mas de modo que me parece também altamente importante — há o facto inédito de as actas do juri serem publicadas Transcrevi-o do regulamento e muito desejaria que tal continuasse a suceder em exposições congéneres. Tudo quanto de decisivo um juri diz ou faz assume responsabilidade publica. Logo deve ficar escrito e deve ser conhecido por quem por o assunto se interessar — os artistas visados em primeiro lugar e logo o publico, que eu creio ser respeitável. Assim as actas poderão ser lidas em local e data a fixar pelos promotores da exposição — e nelas se vê quem votou em quem, e como, e quantas vezes, e que voltas deram os trabalhos do juri. Voltas complexas e atentas para que, na medida do humana e profissionalmente possivel, se chegasse a resultados sérios e, quiçá, acertados.

Paciência se a «Brasileira» e outros «mentideros» (que nem todos ficam no Chiado) perderam algum pasto para suposições, ditos e gostosos onanismos...

Problemas de método que são problemas técnicos e ambém (e muito, e essencialmente) problemas éticos.

Quanto ao nivel artístico da exposição, é o que é, e assás elevado. Podia ser, com certeza, melhor, se mais três ou quatro artistas tivessem concorrido. Penso exactamente (e quase exclusivamente) na Paula Figueiroa Rego, na Menês, no Pomar (mas nenhum deles, ao que sei e me disseram, tinham obras feitas — e o Pomar esforçou-se mesmo por acabar uma, a tempo, em Paris), no João Vieira e no Sá Nogueira — que não quiseram paricipar por razões pessoais e portanto respeitáveis. Francamente, não dei por falta de outros realmente importantes. Se a comparação com a exposição GM de 1967, se estabelecer — nota-se a falta dos cinco mas, em compensação outras e significativas presenças que ali se verificaram: o Carlos Calvet, o António Palolo, o Joaquim Rodrigo, o José Rodrigues (e vários artistas do Porto), o Skapinakis, a Alice Jorge, o Cutileiro e o Vasco Costa, que foi uma autêntica surpresa para todos. Outros foram comuns, naturalmente, a ambas as exposições: o A. Sena, o Noronha da Costa, o E. Nery, o Manuel Baptista, o Costa Pinheiro, o Artur Rosa, a Helena de Almeida, o Eurico Gonçalves.

Acabo sobre esta nota estatistica — deixando ao leitor fazer as contas que já neste folhetim não cabem.

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

O Progressismo na Europa

DAVID CANTE, professor de um colégio universitário de Oxford, é o autor de «O Progressismo na Europa desde 1789», segundo volume da Biblioteca Universitária Inova recentemente dado a estampa. Traduzido por Sérgio Lopes e José Leal de Loureiro e extremamente cuidado na sua apresentação gráfica, o livro condensa e esclarece a complexa problemática dos muitos paralelismos e contradições que assinalam a história dos movimentos progressistas europeus desde a Revolução Francesa.

David Cante principia por discutir o conceito de «Esquerda», traçando depois a linha ascendente do progressismo em diversos países da Europa e examinando os dilemas que ele enfrentou: revolução ou reforma, democracia e ditadura, capitalismo e socialismo. Apresenta ainda uma «anatomia da revolução», desenhando os acontecimentos dos anos revolucionários cruciais desde 1789 para comparar os factores determinantes do curso das reduções e do seu êxito ou derrota final. Fez o balanço dos movimentos pretensamente progressivos quando no poder, apontando as suas ambiguidades em matéria de nacionalismo, internacionalismo e patriotismo. Finalmente, recorre á sociologia e sugere respostas a questões como estas: Que camadas sociais apoiaram, em geral, o progressismo, onde quando e porquê?

Denunciando lucidamente alguns mitos correntes, «O Progressismo na Europa» apresenta conclusões a uma série de problemas que geralmente ficam por responder, se não mesmo por formular, a respeito de um aspecto vitalmente importante da história moderna.

Este segundo volume da já categorizada Biblioteca Universitária Inova reveste-se pois de inegável interesse e de uma oportuna e muito particular utilidade.

GUILDA DA MÚSICA
discoteca
O STOCK MAIS COMPLETO
DE MÚSICA ERUDITA · JAZZ ·
FOLCLORE ·
CONFORTO · CALMA · CONSELHOS
Rua Tomás Ribeiro, 43, 8º, Esq. · Lisboa

Galerias & Exposições

por Rocha de Sousa

MÁRIO CESARINY
Galeria S. Mamede

JÁ HOUVE TEMPO em que Mário Cesariny, poeta, se espantava com a existência de tantos pintores. Agora é ele mesmo poeta-pintor. Ou talvez pintor-poeta, a julgar pela ordem dos últimos factos conhecidos. Pintor-poeta, portanto, exposto a rigor na Galeria S. Mamede, embalado cuidadosamente, a ouro e preto, para consumo. E de corpo inteiro, para figurar na história, prefaciado até à descoberta mais íntima, num belo catálogo, pela voz sensível de Cruzeiro Seixas.

E apesar de tudo, o poeta está lá; melhor: o pintor — que afinal é outra coisa, embora eu não tenha a certeza de que seja outra coisa. Outra coisa serão as aves e os horizontes, mas esses Cesariny pinta-os com um guache sujo, às vezes profundo como na pintura erudita, quase sempre como quem morde a língua para não ficar torto. E é por isso que os horizontes e as aves, nele, poeta-pintor, são verdadeiramente uma coisa encantatória e ainda hoje necessária. Pois será isto coisa de um poeta ou de um pintor? Cruzeiro Seixas assegura que estes objectos devem ser vistos sem nos lembrarmos da poesia de Cesariny, porque eles são «um lugar para o homem estar ou passar.» Como na poesia, no fim de contas. Talvez não seja muito fácil fazer esta distinção, sobretudo quando os fenómenos da pintura e da poesia se misturam tanto numa superfície de papel coberta de guache, ou de vagas colagens a fingir, ou de coisas amar-

«Tristão e o Rei Marcos», de Mário Cesariny

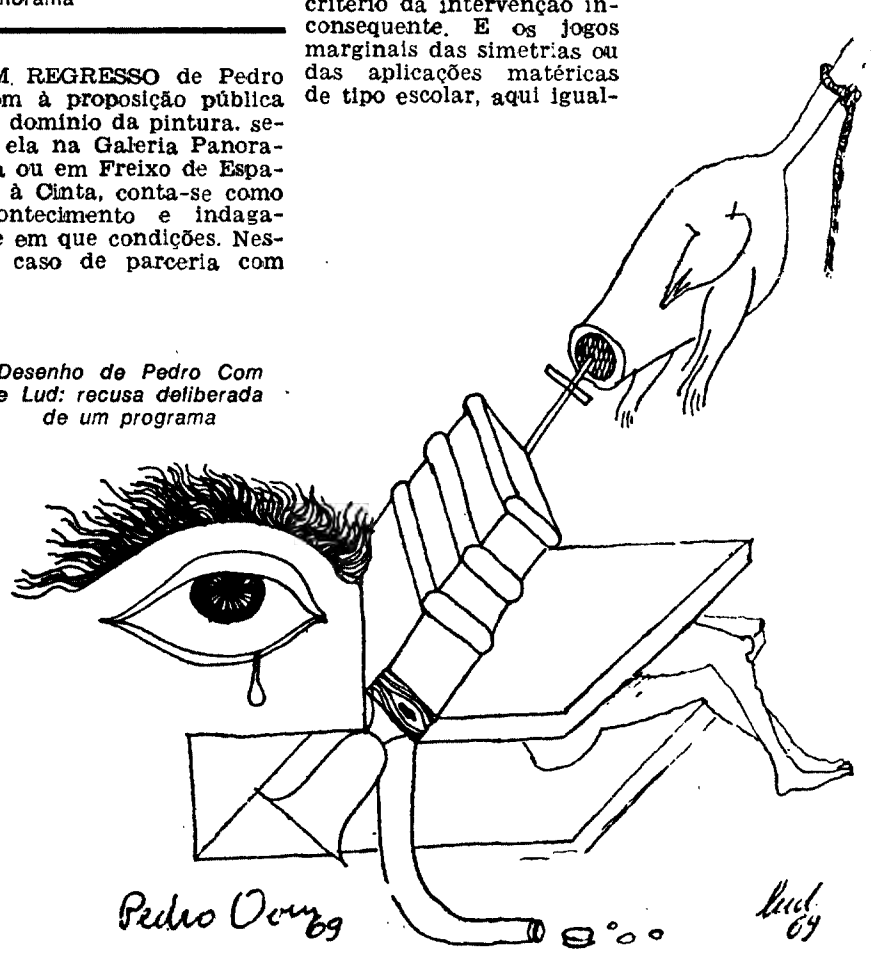
rotadas que são a alegria e a dor ao mesmo tempo. Que são às vezes mesquinhas e aparentemente desnecessárias, mas que nos reinventam o sonho, o que as torna de súbito importantes.

Um crítico de arte meu amigo disse-me que não gostou da pintura de Cesariny. Precisa de ideias novas, sem isso não se governa, e não as encontrou na pintura de Cesariny. Vê-se logo que este crítico não entendeu nada da questão: bateu à porta de um pintor e quem lhe abriu a porta foi um homem em pijama, com as mãos sujas de guache como os meninos da escola. A pintura de Cesariny experimenta-se por dentro, no sonho nocturno, quando temos uma grande necessidade de agir, de amar, e nos apropriamos nervosamente de um objecto qualquer. «Na pintura de Cesariny, as personagens viajam-se; por toda a parte há a promessa de aves marinhas, de amantes imaginários, de imaginários combates e vitórias. Por toda a parte há a tensão necessária para que o homem renasça, e os barcos soltos no espaço se colem ao seu peito, febris.» O crítico desconfia da literatura, ou da poesia, porque a pintura lhe escapa no sangue (isto é: no ser) e se lhe projecta nas ideias friamente coleccionadas. Certa pintura de hoje pode ver-se desse modo, porque à cabeceira de cada pintor está constantemente um crítico, mas há outras manifestações da pintura que não têm ficha nesse circuito. Pertencem à intemporalidade de certos modos de agir ou de ser, narram o percurso de uma vida, misturam-se com ela, contradizem-se nela. Cesariny pinta mal, ocasionalmente ao sabor da inspiração e do fazer, não tem regras para inventar, dogmatiza-se no modo e na escala, entretém-se, joga, sonha, empasta e cola ao acaso da febre, como numa longa noite de insónia sem emprego pela manhã. Mas o resultado dessa insónia, trabalhado sem disciplina num papel qualquer e se calhar com tintas «Cisne», tem a dimensão poética, não da pintura-pintura, da pintura de «recherche», da pintura-espanto das bienais, mas de uma luta que diz respeito à pessoa, à sobrevivência da pessoa na solidão, por vezes de uma alegria que se redescobre em certos actos pelos quais quotidianamente nos reinventamos. Cesariny ainda não é, e é preciso que nunca o seja, o pintor-pintor, o das formas pelas formas; mas é com certeza o homem de um talento insubmisso, o que busca revelar o rosto à sua própria noite.

Poderei talvez dizer, pela pena de Cruzeiro Seixas, que os seus trabalhos equivalem por vezes a «um diário muito íntimo, inesperadamente confessional, ou autobiográfico».

LUD e PEDRO OOM
Panorama

UM REGRESSO de Pedro Oom à proposição pública no domínio da pintura, seja ela na Galeria Panorama ou em Freixo de Espada à Cinta, conta-se como acontecimento e indaga-se em que condições. Neste caso de parceria com



Desenho de Pedro Com e Lud: recusa deliberada de um programa

Lud, um autor que principia e se principia, literàriamente ao modo surrealista, superficialmente formal e laborioso. O *como* é sempre importante. O *onde* e o *para quê* também.

Pedro Oom retoma um caminho numa encruzilhada distante, parece conscientemente desenraizado do que hoje se faz e do que hoje se pensa na domínio da comunicação visual. Com pequenos quadros trabalhados maquinalmente com canetas de feltro, os seus objectos desta exposição não podem deixar de se inscrever naquela perspectiva. Têm, no entanto, o carácter de apontamentos caseiros, despretensiosos e amáveis, que fogem à ortodoxia das técnicas e se destinam sobretudo a um saudosismo de gaveta. O erotismo que por vezes desenterram, de tão apertado no esquema decorativo das cores e nos ritmos esteriotipados das linhas concêntricas, morre ao revelar-se ou decide-se no anedótico. Não basta descrever um acto para que ele funcione nas suas tensões dramáticas ou para que ele exprima a densidade de uma experiência: cada linguagem tem o seu código específico que não se compadece de certas sobreposições. O recurso à escrita, várias vezes tentado nestes objectos como suporte de certas imagens, também não ultrapassa o critério da intervenção inconsequente. E os jogos marginais das simetrias ou das aplicações matéricas de tipo escolar, aqui igualmente se contradizem e se insignificam.

Lud, em qualquer dos casos, tem um programa. Pedro Oom parece recusá-lo deliberadamente. Isso revela-o numa dimensão pessoal, num jogo da intimidade ou da solidão. É nessa medida que não se pode ler esse jogo assim exposto nas paredes, numa Galeria, à maneira de um diálogo que se procura ou que se tenta recuperar. Como e para quê?

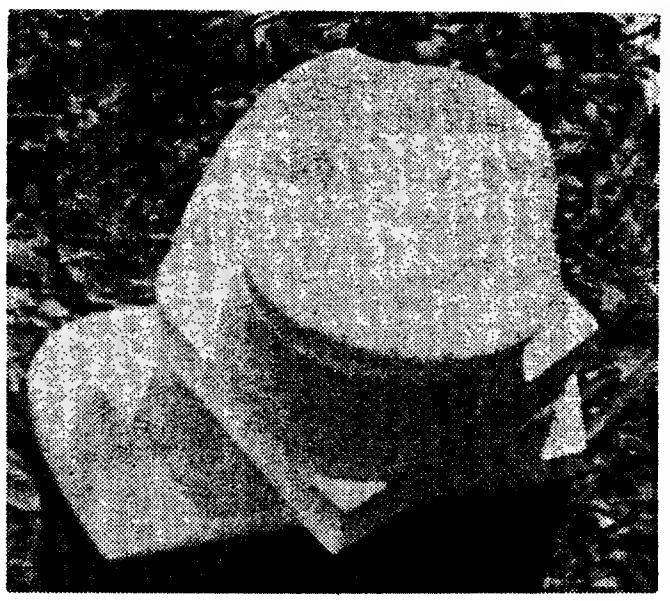
MANUEL BAPTISTA
Quadrante

MANUEL BAPTISTA reintegra o seu processo de colagem no caminho apontado há dois anos e, pela medida do rigor, constrói objectos amáveis. É reflexo da sua inteligência e da sua subtileza o facto dos objectos agora propostos realizarem ainda o inesperado. Porque naturalmente eles nos surpreendem, nos accionam o olhar e a invenção, apesar de lhes reconhecermos a origem e a lenta transformação das suas estruturas rítmicas. De novo a tela é suporte e agente, é passiva por um lado e activada por outro: os relevos resultantes das sucessivas colagens agitam a superfície cromatizada e formam movimentos que a luz vivifica ou altera.

Um quadro de Manuel Baptista, radicado à dimensão intimista, é proposição a um espaço ambiente, é descoberta de uma convivência ou de um quarto em que o amor se desvenda. Quer dizer: convida à formulação de um mundo que decorra da escala do nosso quotidiano e se espelhe na nossa interioridade. A pintura de Manuel Baptista, sendo extremamente pessoal, não vive ou não reflecte as tensões dramáticas havidas entre o seu aparecer e o mundo. Vive do seu próprio corpo, para ser demoradamente possuída.

MIGUEL ARRUDA
Arte Moderna
S. N. B. A.

AO ABANDONAR a figuração lírica, obsessivamente martelada pelas aproximações artesanais, Miguel Arruda definiu o seu destino de escultor. Assumiu portanto os riscos da invenção. Aqui se anota, por isso, que à destruição de um sistema discursivo de operar correspondeu a descoberta da forma no domínio da sua autonomia expressiva. Mas a confirmação desta atitude não coincide com a renúncia aos dados da memória, dentro de uma verificação sensualista das matérias e das imagens — antes corresponde à recuperação desses dados para o dimensionamento de uma nova problemática. O detalhe do que foi quotidiano adquire assim proporsões inesperadas e a extensão corporal dos elementos tratados é seccionada — porque se encaminha para a criação de módulos ambiguamente relacionáveis, propondo reconstruções sucessivas e dinâmicas, permitindo ampliar e pluralizar o campo da percepção. Aquilo que se determina fisicamente nas protuberâncias do volume reiventa-se pelo corte seco dos ritmos, decide-se na formulação abstracta dos perfis resultantes e das superfícies impecáveis que parecem coincidentes. Daí tudo poder recomeçar — porque as peças sugerem e possibilitam mutações periódicas, no jogo permanente das suas articulações previstas. O conhecimento edifica-se sobre esta indagação plural e constante.



Miguel Arruda: indagação plural

Galeria Panorama

ACABA DE LANÇAR NA «SÉRIE DIVERSOS» a obra de LORE COWAN

PEQUENOS HERÓIS DA RESISTÊNCIA

Um exemplo avassalador que a HISTÓRIA depõe nas mãos dos jovens — O HEROISMO NÃO TEM IDADE

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E TABACARIAS DO PAÍS

Pedidos à GALERIA PANORAMA — Rua Luciano Cordeiro, 123 r/c Dir. — Telef. 539024/5 LISBOA

"PRIMEIRO ACTO"

... antes de levantar o pano

por Carlos Porto

UM TEATRO CONSTRÓI-SE COM AS MÃOS...

(SE ME PERGUNTAREM — como se constrói um teatro, responderei: um teatro constrói-se com as mãos. Já o tinha visto no Porto, vi-o agora a dois passos daqui, em Algés).

— Hoje está pouca gente. Normalmente, estão cá mais rapazes e raparigas que aqui gastam parte das suas horas livres. Estamos a fazer agora a instalação eléctrica, mas já fizemos outras coisas. Alguns dos sócios e fundadores do «Primeiro Acto» têm sido, efectivamente, de uma dedicação extraordinária.

— *Mas de onde surgiu a ideia de fazer o «Primeiro Acto»?*

— A ideia surgiu, fundamentalmente, da nossa preocupação pelo teatro e, de uma maneira geral, por todos os problemas relacionados com a cultura. Preocupação vivida em comum teria que levar, necessàriamente, a uma obra colectiva. Organizar um grupo de teatro, construir uma casa de espectáculos, a nossa casa, que pretendemos seja de todos, foi, naturalmente, o corolário dessa meditação que há muito tempo nos ocupava. Conseguimos uma casa que, embora não reuna as condições ideais, permitiu aos arquitectos elaborarem um projecto que concretiza aquilo que desejávamos.

(Na Rua Eduardo Augusto Pedroso, transversal da Av. dos Combatentes, em Algés, o leitor encontra um prédio em fase de acabamento. Há umas escadas. O leitor desce-as e está no teatro do «Primeiro Acto», grupo experimental de teatro. Vale a pena a visita, que estas coisas só vendo-as).

«Depois, à medida em que a ideia se foi espalhando, fomos recebendo adesões, o entusiasmo foi aumentando, até que o projecto se pôde transformar em realidade. E agora aqui estamos a martelar, a instalar fios, a pintar, a construir o teatro.

— *A que concepção obedeceu o projecto no que diz respeito à organização da parte de criação e da parte do público?*

— Para já, convém salientar o seguinte: os arquitectos, bem como os técnicos, têm trabalhado graciosamente. Os arquitectos Nuno Teotónio Pereira, Gastão Cunha e Luís Moreira fizeram vários projectos, gastaram muito papel, até conseguirem transformar a garagem a que o local se destinava naquilo que aqui vemos: um teatro, com um palco, galerins, um «foyer», um pequeno estabelecimento para venda de livros, discos, gravuras, artesanato, um pequeno gabinete. A concepção do teatro foi, pois, condicionada pela escassez do espaço de que dispúnhamos. A sala levará apenas 105 espectadores, mas, em certos casos, iremos até às 200 pessoas.

... Um teatro a fazer-se...

«Repare: o palco não tem teia. Houve, por isso, que arranjar duas placas rotativas para as mutações de cena. Para tal, tivemos a colaboração incansável de Octávio Clérigo e do arquitecto Moreira. Foram eles que fizeram as maquetas, tendo feito várias experiências até conseguirem um bom resultado. O mesmo diremos do problema dos reguladores para eliminar, aos espectadores colocados ao lado, a visão dos bastidores...

... MAS AS MÃOS NÃO CHEGAM

— *Com que auxílios têm contado?*

— Verdadeiramente, começámos sem quaisquer possibilidades para fazer esta obra, como quem se mete numa aventura um tanto louca. Fomos colhendo adesões de vária ordem. Pessoas que se inscreveram como sócios: hoje somos 370, o que nos dá possibilidades de pagar a renda da casa e de encarar o futuro com algum optimismo; empresas, cuja colaboração tem sido preciosa. A «Sumol» que nos ofereceu a plateia; a «Covina» que provàvelmente nos oferecerá os vidros e uma profilite; a Fábrica Avila que nos ofereceu parte dos fios eléctricos, concedendo-nos grandes descontos no restante; a «Robbialac» que nos deve oferecer revestimentos e tintas; a «Bayer», que nos vai oferecer — assim o esperamos — o pano de boca e, eventualmente, alguns revestimentos que os arquitectos estão a estudar. O sr. João Minnermann, da «Bayer», tem encarado a nossa iniciativa com extraordinária simpatia.

— *Verifico, com certo espanto, que vocês falam de colaboração graciosa de técnicos e artistas, do auxílio de certas empresas, mas não falam de subsídios oficiais, nem de uma entidade como a Gulbenkian?*

— Não solicitámos esse auxílio. Queremos, primeiro, demonstrar a essas entidades o que pode o esforço voluntário das pessoas. Mais tarde, quando chegar a oportunidade de merecermos essa confiança, solicitaremos esses apoios.

— *Esse apoio, portanto, não foi recusado, na medida em que não foi solicitado...*

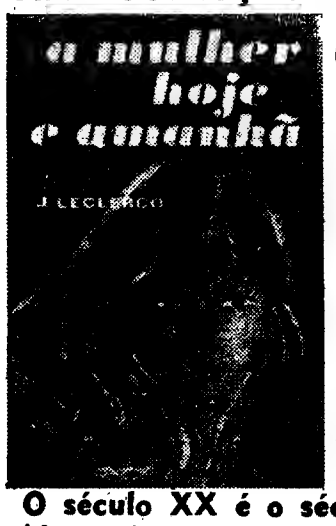
— Esperamos que a Câmara de Oeiras, até porque não há nada no concelho, talvez a Fundação Gulbenkian, mesmo o Ministério da Educação Nacional, nos venham ajudar. Para isso

(Continua na 6.ª página)

UG uma editora em renovação

UMA COLECÇÃO DEDICADA À MULHER:

COLECÇÃO MULHER NOVA



A MULHER HOJE E AMANHÃ
de J. Leclercq ..... 30$00

O século XX é o século da revolução da Mulher. Num clima de liberdade a mulher emancipa-se e elabora ombro a ombro com o homem na construção histórica do mundo, preenchendo o seu lugar insubstituível fiel a si mesma enquanto mulher

NO PRELO:

A ILUSÃO DE EVA — de Callahan

UNIÃO GRÁFICA — R. Santa Marta, 48
LISBOA

A nostalgia do orgulho

por José Vaz Pereira

Miami e o Cerco de Chicago *(Miami and the Siege of Chicago)* por Norman Mailer 1.ª parte: Nixon in Miami. Publicado pelos Signet Books.

O PARTIDO REPUBLICANO (o velho Grand Old Party-GOP) veio a Miami em 68 curar as feridas, torrar ao sol, olhar o mar, dispor as suas pedras no tabuleiro e desistir do orgulho. Em 1964, era possível ainda juntar as águias, amedrontar as galinhas mansas e brandir, como um gládio, a fé na omnipotência americana. Uma certa infalibilidade da Direita, das Grandes Certezas, da Propriedade, fazia parte do templo. Norman Mailer assistiu, nessa altura, por entre revoadas de balões, coxas de *majorettes* e baterias de microfones, na Convenção de S. Francisco, à tempestade que forjava um Goldwater. Quatro anos depois, o tempo do orgulho passara, a hora do realismo soara.

Mailer, na sua «história informal das convenções republicana e democrática de 1968», revela em relação aos caciques uma mistura de lucidez e de fascínio. Regista e descreve as aterragens teatrais dos grandes favoritos, as manobras de corredor, o namoro aos delegados, o estilo «videotape» das conferências de imprensa, a densidade pantagruélica das recepções, o frenesi colectivo da consagração final. Tudo isto com apontamentos de rara profundidade sociológica sobre determinados sectores da vida estado-uniense. E, aqui e ali, como numa nota inesperada, um retrato de Mailer pelo próprio Mailer.

Por vezes, temos a noção de vaguear entre estátuas, entre desenhos de Stenberg petrificados pelo tempo. Pessoas que haviam pensado que a América (branca, anglo-saxónica, protestante, republicana) jamais poderia ser abalada e que, mesmo assim, acordavam atónicas perante o Vietnam, as «panteras negras», a explosão dos «ghettos», moviam-se nos bastidores como cosmonautas hirtos, desembarcados num planeta desconhecido. Na fachada abria-se uma fenda. A América WASP «*white anglo saxon protestant*) interrogava-se em Miami, sobre a possibilidade de se ter enganado na país, conquistado pelos outros a partir de dentro. Mailer chegava ao hotel Fontainebleau, num táxi podre e sem ar condicionado, para tomar o pulso ao fim do sonho.

Mas a derrocada das ilusões pedia também uma nova estratégia. As esperanças, em 1964, estavam com Goldwater («extremismo em defesa da liberdade não é vício») mas a sua incipiência, a sua teimosia em dizer a pior palavra no pior momento, haviam provocado uma maré Lyndon Johnson, a crença absurda que tudo ficava entregue á Imprensa, aos funcionários de Washington, aos sindicatos, aos negros, aos judeus, ao poder anti-WASP.

Em jactos especiais, os possíveis Messias duma nova cruzada iam surgindo. E, passando por Rockefeller, Percy, Reagan e Romney, havia uma solução para todos, um candidato para cada paladar.

Os admiradores do estilo Mailer talvez fiquem desiludidos com a chegada á convenção do governador da Califórnia (Ronald Reagan). Sendo o homem mais á direita em Miami e, simultaneamente a maior autoridade do Estado das laranjas, dos vestidos *topless*, dos motociclistas blindados e da arte «pop», esperava-se algo mais de espectacular. Qualquer coisa como a Divisão Reagan; as tropas de choque Reagan; uma simbiose de *cow-boys* e de impressionantes guarda-

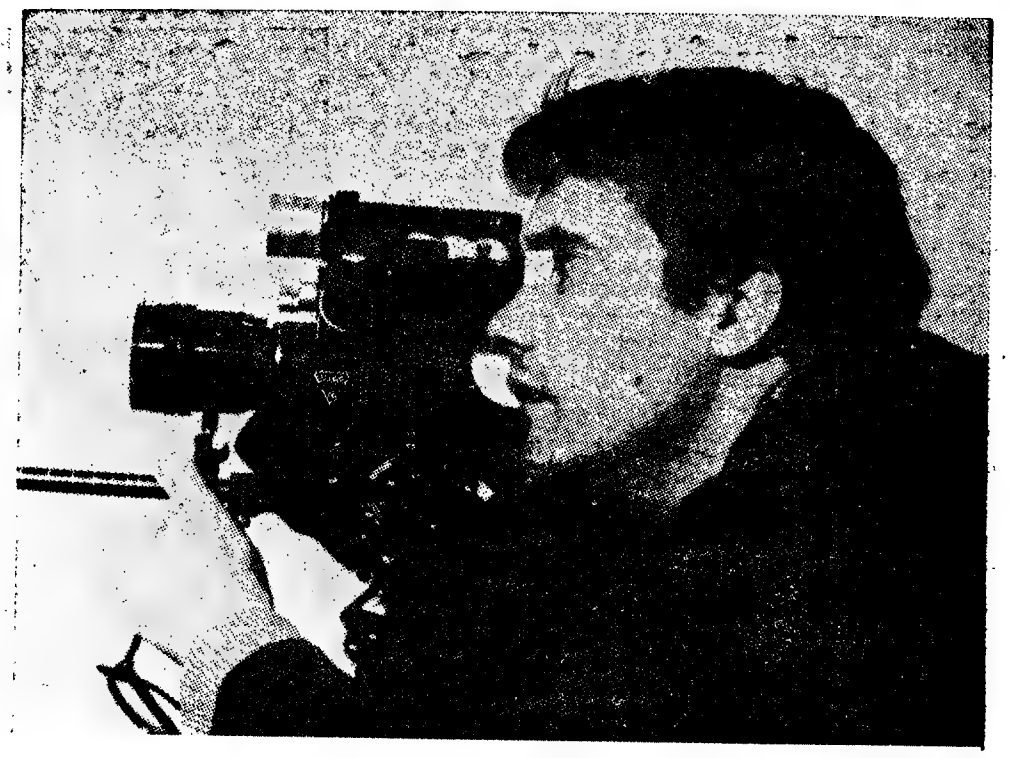
ALFREDO TROPA
filma Manuel Mendes

ENTREVISTA CONDUZIDA POR FERNANDO ASSIS PACHECO

ALFREDO TROPA vai passar para o cinema um romance de Manuel Mendes: «Pedro». Será a primeira longa-metragem deste realizador de 30 anos diplomado pelo I. D. H. E. C., autor de treze obras cuja duração não excede a meia hora, mas onde foi sedimentando, desde 1960, um estilo próprio.

De «La Biopsie», encomenda executada para a Sandoz, até aos recentíssimos «Minuto Zero» e «Águas Vivas», ainda por estrear, lutou Alfredo Tropa pela sua qualificação como profissional, tendo a servi-lo, entre outras coisas, uma invejável perseverança de artesão. Colaborador de Pierre Montazel, Thor Brooks, Luís de Lima e Raymond Rouleau, trabalhou também com Faria de Almeida, Paulo Rocha e Fernando Lopes, fez uma «ponta» para a TV suíça, participou nos júris do Festival de Veneza (1961), escreveu para as revistas «Contre-champ» e «Filme». Curtas-metragens de sua autoria passaram na R. T. P., no Festival de Pesaro (1967), na Semana do Novo Cinema Português (Porto, 1968), em outros dois festivais ainda (O. C. D. E. 1968 e Bruxelas 1969).

Tudo isto ao longo de dez anos: difíceis, amargos, giros, exemplares. Fomos chateá-lo com o gravador num quarto andar de Alvalade. Saiu o seguinte:



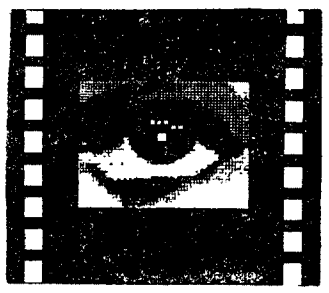
Alfredo Tropa: em Setembro, «arranque» para Pedro, *aliás* Pedro Só

— Tropecei contigo pela primeira vez, se bem te lembras, em Coimbra. E aí já andavas com uma máquina de filmar. Quero ver se caço o momento exacto em que começaste a brincar com a máquina.

— A filmar? Ou a interessar-me pelo cinema? Tenho uma vaga ideia de que foi no terceiro ano do liceu, portanto, com doze anos. Mas antes disso — dez, onze anos — já era um maluquinho pela fotografia. O momento em que peguei numa máquina de filmar... Oito milímetros, é claro. Tinha eu dezasseis anos. Máquina comprada às prestações. Pagava cento e vinte paus por mês.

— E o que é que filmaste nessa altura?

— Porcarias. Filmava o Parque Eduardo VII e o



Cais da Ribeira, porque os achava «muito lindos». Põe o «lindo» entre aspas.

— Já está.

— Enfim, recolhia «documentos».

— Conservas algum?

— Conservo. Eram curtíssimas-metragens. Frustradas: tanto no tempo como na qualidade.

— Quem pagava as bobinas?

— Eu tirava a massa da semanada que o meu pai me dava aos sábados — e mais uns choradinhos a meio da semana. Nessa altura, cada bobina custava, salvo erro, setenta e cinco paus, com revelação e tudo. A preto e branco, claro.

A FRAGATA E O FRAGATEIRO

— Dessas experiências ficou alguma coisa para o teu cinema de agora?

— Eu entendia o cinema como uma espécie de documento jornalístico. Ia para um determinado local e recolhia as imagens que mais me interessavam. Mas a certa altura concluí que falhava todos os filmes por dar demasiada importancia á fragata e pouca ao homem da fragata. Era tudo paisagem, como o jornalismo da época. Depois, com os cineclubes e uns livros, comecei a perceber que o que tinha importância eram os homens. Problema actual? Por exemplo, na maioria dos filmes de carácter industrial que se fazem para viver: o proprietário da fábrica exige a presença de todas as máquinas! As coisas vão mudando, sim senhor, mas muito devagar.

— Voltamos aos dezasseis anos?

— Ora bem, acabei o liceu e concorri a Belas-Artes (Arquitectura).

— Isso não prova que os arquitectos sejam bons realizadores, pois não?

— O júri ainda não decidiu. Adiante. Acabei por entrar para o Técnico, onde levei um grande «chumbo». Chutaram-me logo para Coimbra. Lá é que era bom: não havia as diversões - dispersões que existiam em Lisboa. Assim, fui penosamente andando na Faculdade de Ciências. Eu bem queria ser bom aluno, quanto mais não fosse para não me chatearem.

— Mas...

— Em Coimbra descobri o C. I. T. A. C., o Cineclube, livros nas livrarias, o Centro de Estudos Cinematográficos. Sentia-me muito melhor do que nas aulas práticas, já que ás teóricas nem sequer ia. Depois convém recordar que essa época foi muito especial: estava lá o Luís de Lima e havia, na realidade, malta interessada. E a Académica não andava nos primeiros lugares do Campeonato... Mas, voltando atrás. Nessa altura já eu tinha decidido arriscar tudo para fazer cinema.

A ENXADA DE PARIS

— Conta lá.

— Faltava a ocasião própria para comunicar à família. O que não demorou, pois ràpidamente veio outro «chumbo». Então enchi o peito de ar — de pouco ar — e disse que a minha passagem pela Faculdade tinha acabado naquele momento. Esperei uma grande bronca, que não chegou a vir.

— Eu lembro-me de que em Coimbra eras o único tipo com a mania de fazer cinema. Eras, até, olhado entre parêntesis pela malta: não havia memória de um antepassado com essa ideia! Bem, depois regressaste a Lisboa.

— Exacto. Vim para Lisboa, fui estagiário, assistente de realização de dois filmes, e depois engatei uma bolsa para Paris, para o I. D. H. E. C.

— Quanto é que tinhas em Paris para viver?

— Mil francos. Pagava nove por dia só de quarto, no Hotel du Levant, um quarto com vista para o saguão.

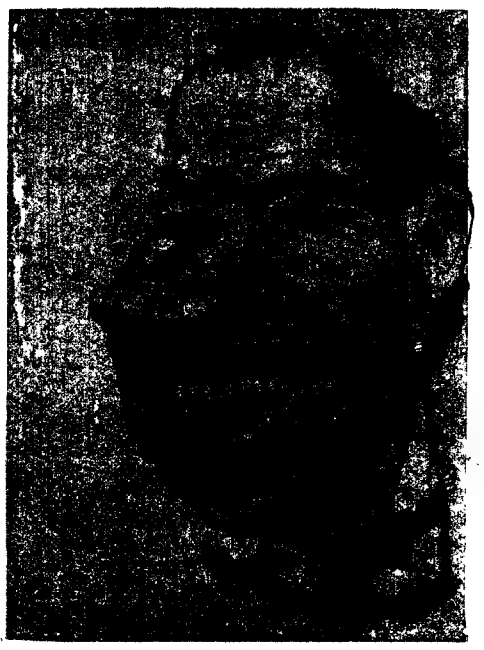
— Recordações do I. D. H. E. C.?

— A princípio fiquei aflito, tinha de fazer um concurso de entrada. Entre os vários exames havia História da Pintura e História da Literatura Francesa. «Marrei» que nem um cão durante três meses e entrei. Eu sabia que não podia falhar.

— O I. D. H. E. C. é difícil?

— O I. D. H. E. C. não é difícil, se se tiver um mínimo de aptidões e a coragem suficiente para aceitar as normas de vida de uma Escola do Estado. A passagem por uma escola de cinema é fundamental. Pelo menos fica-se com uma enxada e com uma

(Continua na 6.ª página)



Mailer escpecula sobre o homem providencial. Mas Nixon estava em Miami...

-costas; um *rodeo* Reagan; uma Polícia privada, linha «chamando todos os carros», no estilo dos capitalistas mauzões dos filmes de Frank Capra. Por outro lado, talvez o tom elíptico de Mailer tenha um significado de peso (ou melhor, de falta de peso) político: a máquina eleitoral do governador não chegou a funcionar, os votos dos delegados escapavam-se ao seu estado-maior e as suas atitudes à John Wayne agitavam o espantalho e o fantasma de Goldwater. O homem que, nos filmes, ficava sempre com a garota (desde Virgínia Mayo a Angie Dickson), perdia a sua grande oportunidade em Miami: a presidência.

Rockefeller (no dizer de Mailer, «um irmão mais novo de Spencer Tracy, que fivesse entrado para a política», «rosto cinzento como os pavimentos de Nova Iorque») gastara milhões em propaganda, apertara milhares de mãos, participara em centenas de comícios. Era um dos candidatos com mais vontade de ganhar: mas a massa republicana via o seu liberalismo tão enquadrado num GOP como num Partido Democrático. E isso não se podia tolerar.

Sem se comprometer ideològicamente, a vanguarda WASP queria restabelecer o contacto com a América. O grupo mais poderoso da nação mais poderosa do mundo sentia-se isolado, frustrado, com todos os canais cerceados, bloqueados pelas forças anti - Estabelecimento, pela ofensiva contra as prerrogativas dos Estados, pelas manobras contra o sacrossanto direito da propriedade, pela hipótese intolerável, posta claramente pelos radicais, da América não ter sempre razão. Era preciso restabelecer um contacto e encontrar um homem-candidato para o fazer.

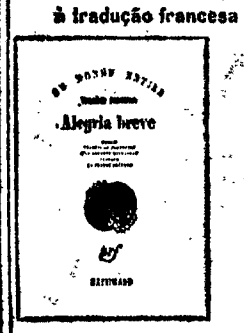
Especulando sobre este facto, Norman Mailer julga que o homem providencial poderá salvar as coisas se for imune à tecnocracia, ao *corporate power*, à despersonalização e que reinstaure o conceito da nova fronteira, (não aproveitada nem por Kennedy nem pelo seu sucessor) da nova descoberta, da nova experiência. Mas, no fundo, Miami espera por um Mc Luhan político, por alguém que molde a sua personalidade e as suas tácticas eleitorais ao poder de convencimento assegurado pelos métodos de psicologia colectiva, e não por Walt Whitman.

Isto é, para sair do isolamento, a América (branca, anglo-saxónica, protestante) precisa dum dirigente que ponha fim ao exílio dos poderosos, servindo-se da técnica de comunicações de massa.

Esse homem tem de ter o rosto apagado, a imagem morta: necessita dum novo rosto, duma nova imagem, de nada ter a perder e daí ganhar a sua força. A cirurgia plástica também faz carreira na política. Aprendizes de feiticeiro, conselheiros, escritores-fantasmas e especialistas da *massa média* fizeram o seu trabalho, o poder WASP sente que já abandonou a ilha, que terminou o seu exílio dentro do próprio país, criado em 1960 pela magia católico-irlandesa do clã Kennedy.

O horizonte rasgara-se, a luz só apontava um rumo... Nixon estava em Miami.

VERGÍLIO FERREIRA
ALEGRIA BREVE
2.ª edição, com o prefácio de
ROBERT BRÉCHON
à tradução francesa (Gallimard, Col. "Du Monde Entier")



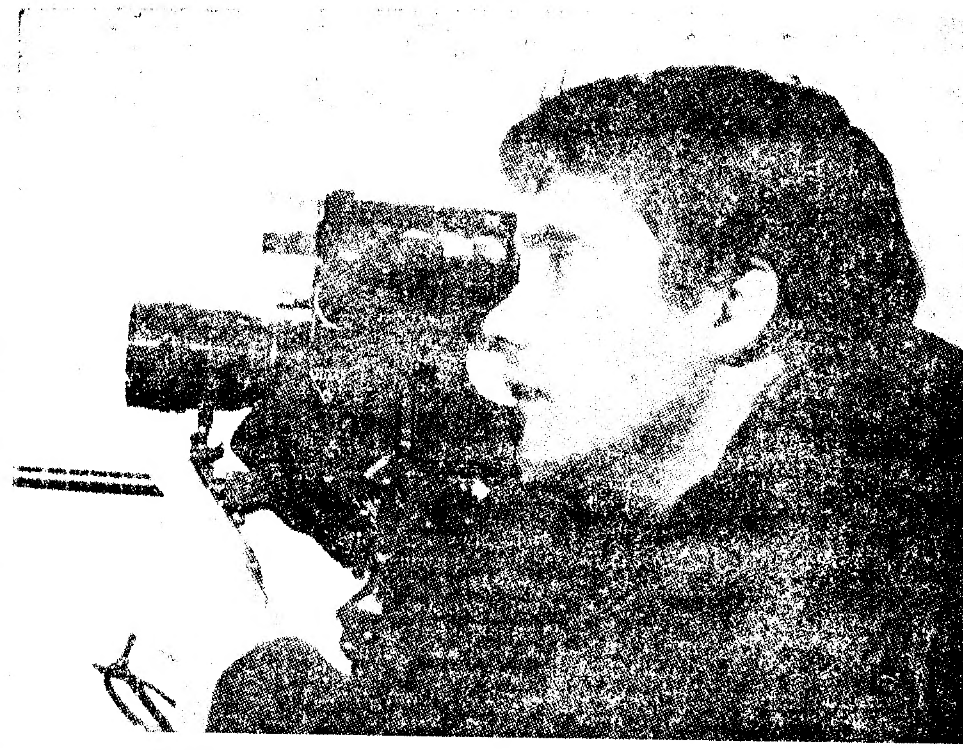
"ALEGRIA BREVE, o seu último livro, em que todos os recursos da técnica romanesca se harmonizam admiràvelmente com a grandeza trágica do assunto e dos temas, e para o qual eu não conheço um equivalente exacto em qualquer literatura."
ROBERT BRÉCHON
(Do Prefácio)

Se o lento romance lírico de Vergílio Ferreira se impôs como um dos livros importantes da literatura portuguesa contemporânea, o certo é que a obra pertence também àquela literatura universal onde convivinham os nomes de Malraux e Hermann Broch, de Camus e Thomas Mann.
"LES LETTRES FRANÇAISES", 9-4-69

...um movimento e uma constante emoção que fazem desta narrativa de imagens convincentes o livro da memória e da morte.
"LE MONDE", 19-4-69

Poder-se-ia evocar o existencialismo, Camus e principalmente Malraux, a propósito de Alegria Breve *e da maior parte da obra já vasta de Vergílio Ferreira, sobretudo a partir de* Mudança *e* Aparição, *os dois romances de que* Alegria Breve, *a sua obra-prima, é uma síntese simultâneamente clara e densa.*
"LA QUINZAINE LITTÉRAIRE", 16-5-69

PORTUGÁLIA EDITORA



Alfredo Tropa em [illegible] «Pedro» [illegible]

ENTREVISTA CONDUZIDA POR FERNANDO ASSIS PACHECO

ALFREDO TROPA vai passar para o cinema o romance de Manuel Mendes «Pedro». Será a primeira longa-metragem deste realizador de 30 anos, diplomado pelo I.D.H.E.C., autor de três obras cuja duração não excede a meia hora [illegible] desde 1960 [illegible] estilo próprio.

De [illegible], encomenda executada para a Sandoz, até [illegible] «Monte Zero» e «Águas Vivas» [illegible] Alfredo Tropa pela sua qualificação como profissional, tendo a seu lado, entre outras coisas, uma invejável experiência de artesão. Colaborador de Pierre [illegible], [illegible], Luís de Lima e Raymond Rouleau, trabalhou também com Faria de Almeida, Paulo Rocha e Fernando Lopes, fez [illegible] para a TV suíça, [illegible] no Festival de Veneza (196[illegible]), escreveu para as revistas «Contrechamps» e «Fome». Curtas-metragens de sua autoria passaram na R.T.P., no Festival de Pesaro (1967), na Semana do Novo Cinema Português (Porto 1968), em outros dois festivais ainda ([illegible] 1968 e Bruxelas 1969).

Tudo isto ao longo de dez anos [illegible] exemplares. Fomos [illegible] com o gravador [illegible] de Alfredo Tropa o seguinte.

[illegible] comigo pela primeira vez, se bem te lembras, em Coimbra. [illegible] Quero [illegible] com a máquina.

— A filmar? Ou [illegible] o cinema? Tenho uma ideia [illegible] que foi no [illegible] ano de [illegible], portanto [illegible] anos. Mas antes disso — dez, onze anos — já [illegible] pela fotografia. O momento em que [illegible] máquina de filmar. Oito milímetros, é claro. Tinha eu dezasseis anos. Máquina comprada às prestações. Pagava [illegible] e vinte paus por mês.

— E o que é que filmaste nessa altura?

— Porcarias. Filmava o Parque Eduardo VII e o

Cais da Ribeira, porque os achava muito bonitos. [illegible]

— Já sei.

— Enfim [illegible] amadores!

— Conservas algum?

— Conservo. Eram curtas-metragens [illegible] frustradas tanto no tempo como na qualidade.

— Quem pagava as bobinas?

— Eu [illegible] a mesada da semana que o meu pai me dava aos sábados [illegible] mais [illegible] a meio da semana. Nessa altura, cada bobina custava, salvo erro, setenta e cinco paus, com revelação e tudo. A preto e branco, claro.

A FRAGATA E O FRAGATEIRO

— Dessas experiências ficou alguma coisa para o teu cinema de agora?

— Eu entendia o cinema como uma espécie de documentário jornalístico. Ia para um determinado local e recolhia as imagens que mais me interessavam. Mas a certa altura conclui que [illegible] todos os filmes por dar demasiada importância [illegible] em detrimento da fragata [illegible] da paisagem [illegible]. Depois [illegible] comecei a perceber que o que tinha importância eram os homens. Problemas actuais? Por exemplo, a maioria dos filmes de carácter industrial que se fazem para viver [illegible] da fábrica [illegible] a presença de todas as máquinas [illegible] mas pouco a pouco [illegible].

— Voltemos aos dezasseis anos.

— Ora bem, acabei o liceu e [illegible] a Belas-Artes (Arquitectura).

— Isso não prova que os arquitectos sejam bons realizadores, pois não?

— [illegible] Adiante. Acabei por entrar para o Técnico, [illegible] um grande [illegible] tentaram-me [illegible] para Coimbra [illegible] não havia [illegible] Assim [illegible] andando na Faculdade de Ciências. [illegible]

— Mas

— Em Coimbra, [illegible] o C.I.T.A.C., o Cineclube, os livros nas livrarias, o Centro de Estudos Cinematográficos. [illegible] melhor do que nas aulas práticas, já que as teóricas nem sequer [illegible]. Depois convém recordar que nessa época [illegible] estava lá o Luís de Lima e havia, na realidade, muita interessada. E a Académica [illegible]

A ENTRADA [illegible]

— [illegible]

— Estava [illegible] para continuar a família. O que não demorou [illegible] Então [illegible] a passagem pela Faculdade [illegible]

Eu lembro-me de que em Coimbra eras o único tipo com a mania de fazer cinema. Eras, até, olhado entre parêntesis pela malta: não havia memória de um antepassado com essa ideia! Bem, depois regressaste a Lisboa.

— Exacto. Vim para Lisboa, fui estagiário, assistente de realização de dois filmes, e depois [illegible] para Paris, para o I.D.H.E.C.

— Quanto é que tinhas em Paris para viver?

— Mil francos. Pagava [illegible] ao dia [illegible] no Hotel du Levant, um quarto com vista para o [illegible]

[illegible] I.D.H. [illegible]

A princípio [illegible] exame de entrada. Entre os vários exames, havia História da Pintura e História da Literatura Francesa. «Marrei» que nem um cão durante três meses e entrei. Eu sabia que não podia falhar.

— O I.D.H.E.C. é difícil?

— O I.D.H.E.C. não é difícil, se se tiver um mínimo de aptidões e a coragem suficiente para aceitar as normas de vida de uma Escola do Estado. A passagem por uma escola de cinema é fundamental. Pelo menos fica-se com uma [illegible] e com uma

(Continua na 6.ª página)

Mailer especula sobre o homem providencial. Mas Nixon estava em Miami

costas; um *rodeo* Reagan, uma Polícia privada, linha «chamando todos os carros», no estilo dos capitalistas mauzões dos filmes de Frank Capra. Por outro lado, talvez o tom elíptico de Mailer tenha um significado de peso (ou melhor, de falta de peso) político: a máquina eleitoral do governador não chegou a funcionar, os votos dos delegados escapavam-se ao seu estado-maior e as suas atitudes à John Wayne agitavam o espantalho e o fantasma de Goldwater. O homem que, nos filmes, ficava sempre com a garota (desde Virginia Mayo a Angie Dickson), perdia a sua grande oportunidade em Miami: a presidência.

Rockefeller (no dizer de Mailer, um irmão mais novo de Spencer Tracy, que tivesse entrado para a política, «rosto cinzento como os pavimentos de Nova Iorque») gastara milhões em propaganda, apertara milhares de mãos, participara em centenas de comícios. Era um dos candidatos com mais vontade de ganhar: mas a massa republicana via o seu liberalismo tão enquadrado num GOP como num Partido Democrático. E isso não se podia tolerar.

Sem se comprometer ideologicamente, a vanguarda WASP queria restabelecer o contacto com a América. O grupo mais poderoso da nação mais poderosa do mundo sentia-se isolado, frustrado, com todos os canais cerceados, bloqueados pelas forças anti-Estabelecimento, pela ofensiva contra as prerrogativas dos Estados, pelas manobras contra o sacrossanto direito da propriedade, pela hipótese intolerável, posta claramente pelos radicais, da América não ter sempre razão. Era preciso restabelecer um contacto e encontrar um homem-candidato para o fazer.

Especulando sobre este facto, Norman Mailer julga que o homem providencial poderá salvar as coisas se for imune à tecnocracia, ao *corporate power*, à despersonalização e que reinstaure o conceito da nova fronteira (não aproveitada nem por Kennedy nem pelo seu sucessor) da nova descoberta, da nova experiência. Mas, no fundo, Miami espera por um McLuhan político, por alguém que molde a sua personalidade e as suas tácticas eleitorais ao poder de convencimento assegurado pelos métodos de psicologia colectiva, e não por Walt Whitman.

Isto é, para sair do isolamento, a América (branca, anglo-saxónica, protestante) precisa dum dirigente que ponha fim ao exílio dos poderosos, servindo-se da técnica de comunicações de massa.

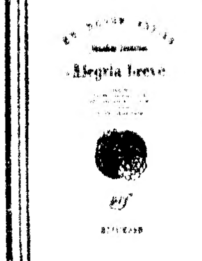
Esse homem tem de ter o rosto apagado, a imagem morta, necessita dum novo rosto, duma nova imagem, de nada ter a perder e daí ganhar a sua força. A cirurgia plástica também faz carreira na política. Aprendizes de feiticeiro, conselheiros, escritores-fantasmas e especialistas da *massa media* fizeram o seu trabalho, o poder WASP sente que já abandonou a ilha, que terminou o seu exílio dentro do próprio país, criado em 1960 pela magia católico-irlandesa do clã Kennedy.

O horizonte rasgara-se, a luz só apontava um rumo... Nixon estava em Miami.

VERGÍLIO FERREIRA

ALEGRIA BREVE

2.ª edição, com o prefácio de
ROBERT BRÉCHON
à tradução francesa (Gallimard, Col. "Du Monde Entier")



"ALEGRIA BREVE, o seu último livro, em que todos os recursos da técnica romanesca se harmonizam admiràvelmente com a grandeza trágica do assunto e dos temas, e para o qual eu não conheço um equivalente exacto em qualquer literatura." ROBERT BRÉCHON (Do Prefácio)

Se o lento romance lírico de Vergílio Ferreira se impôs como um dos livros importantes da literatura portuguesa contemporânea, o certo é que a obra pertence também àquela literatura universal onde convizinham os nomes de Malraux e Hermann Broch, de Camus e Thomas Mann.

"LES LETTRES FRANÇAISES", 9-4-69

...um movimento e uma constante emoção que fazem desta narrativa de imagens convincentes o livro da memória e da morte.

"LE MONDE", 19-4-69

Poder-se-ia evocar o existencialismo, Camus e principalmente Malraux, a propósito de Alegria Breve *e da maior parte da obra já vasta de Vergílio Ferreira, sobretudo a partir de* Mudança *e* Aparição, *os dois romances de que* Alegria Breve, *a sua obra-prima, é uma síntese simultâneamente clara e densa.*

"LA QUINZAINE LITTÉRAIRE", 16-5-69

PORTUGÁLIA EDITORA

«Primeiro acto»

(Continuação da 4.ª página)

queremos apresentar o teatro a funcionar, para depois contactarmos com essas entidades.

«Nomeadamente, o Município de Oeiras, a exemplo do que acontece com outros Municípios, lembramos a Câmara Municipal de Lisboa, que financia uma Companhia e subsidia grupos de amadores.

«A Câmara Municipal de Cascais...

«A do Porto...

«São exemplos que esperamos ver seguidos em relação ao «Primeiro Acto».

(Sem querer meter foice em seara alheia, sempre direi que o que já foi feito merece a atenção das entidades citadas.

UM NOVO TEATRO PEDE UM NOVO PÚBLICO

— Qual o público que contam atingir?

— Acima de tudo, pensamos criar espectáculos de carácter didáctico. Pelo penos pela minha parte, estou um bocado cansado daqueles milhares de pessoas que assistem sistemàticamente aos mesmos espectáculos...

— Que andam atrás da cultura, como dizia José Gomes Ferreira...

— Exactamente. Este tipo de teatro exige-o, e as pessoas que constituem este grupo encaram muito sèriamente a procura de um novo público de teatro. Dentro desta base, procuraremos estabelecer um programa que mereça a concordância das respectivas Comissões que estruturarão os nossos espectáculos de forma a poderem integrar-se num processo de teatro didáctico. Estamos convencidos de que poderemos ir buscar o tal público que nunca viu Shakespeare, que nunca viu Gil Vicente...

— A não ser na Televisão!...

— E muito menos que desconhece a existência dum teatro de intervenção. Estamos convencidos de que em Lisboa, como em Algés e arredores, podemos ir buscar um público que não vai ao teatro.

— E como pensam atrair esse público potencial?

— Utilizaremos dois processos: dirigiremos convites para que venham até nós. Iremos nós a fábricas do concelho apresentar alguns espectáculos. Vamos tentar essa experiência. Já temos duas ou três fábricas que nos garantiram a presença efectiva dos seus operários nos nossos espectáculos, o que nos anima a romper por este caminho.

— Como é que vão organizar os espectáculos? Vão convidar encenadores, ou vão fazê-lo com a prata da casa?

— Não está ainda bem definido. A nossa preocupação actual é pôr o teatro em funcionamento. Mas o assunto já foi discutido, é claro. Por enquanto, não teremos possibilidades de conseguir entre nós um conjunto de artistas capazes de apresentar espectáculos que consigam atingir o nivel indispensável. Para isso, procuraremos a colaboração de artistas profissionais que queiram trabalhar connosco. Esperamos que venham encenadores. Neste momento, está o Armando Caldas que embora não seja profissional tem experiência do palco, está a encenar a nossa primeira peça: «Antígona», de Anouilh. Pensamos que Fernando Gusmão, Rogério Paulo e outros nos darão a sua colaboração. O que não significa que não procuraremos estimular a revelação de encenadores, cenógrafos, actores entre os nossos sócios.

— Falemos dessa hipótese...

— Daremos oportunidade a todos os sócios de fazerem experiências. O que é necessário é que esses sócios apresentem um plano de espectáculo. Este clube tem responsabilidades perante os seus associados: não podemos trabalhar de forma improvisada. Dentro dessa base, a própria comissão artística poderá eventualmente trabalhar com os sócios interessados em encenar na realização de espectáculos. Encaramos francamente a possibilidade de aparecerem não só novos encenadores e novos actores. Cabe aqui dizer que pretendemos que os nossos sócios não sejam apenas espectadores passivos mas colaborem connosco trabalhando como técnicos, como actores. Até apetece dizer isto: estamos fartos dos atletas de bancada. O Benfica tem 30 000 sócios que pagam as suas quotas para irem ver o futebol. Aqui, não queremos que os nossos sócios se limitem a ver. Queremos que façam.

Além disso, queremos que o «Primeiro Acto» seja de facto um elemento de dinamização cultural. Por isso não nos limitaremos a fazer teatro.

— Que outras actividades estão previstas?

— Haverá uma secção de música à frente da qual está Jorge Peixinho. Uma secção de teatro infantil, melhor dizendo, de actividades infantis, dirigida por Maria Alice Vassalo Pereira, que esperamos venha a concretizar uma acção pedagógica extremamente interessante. Uma secção de fotografia que organizará exposições e poderá colaborar nos nossos espectáculos na feitura e projecção de «slides», por exemplo.

— Cabe aqui dizer que para o primeiro espectáculo a secção já está a trabalhar. O que interessa é o facto de se tratar de um trabalho de equipa.

— Além disso, como já foi dito, teremos uma secção que funcionará como posto de venda, em moldes racionais de promoção, não só de livros, como de discos, de gravuras, de artigos de artesanato genuíno. Como prolongamento desta secção, funcionará permanentemente no «foyer» uma galeria de artes plásticas. Ambas serão dirigidas pelo Madeira Luís.

— A galeria terá funções comerciais?

— Não. A galeria servirá apenas como elemento de dinamização cultural divulgando as obras dos nossos artistas plásticos.

— Vocês não prevêem a profissionalização do grupo? Vão trabalhar só com amadores?

— Em princípio, apenas com amadores. Mas desejamos que os profissionais participem nos nossos espectáculos. Será com eles que os amadores virão a aprender. Por isso, encaramos a hipótese de fazermos espectáculos com amadores e profissionais a trabalhar conjuntamente. Não se trata da profissionalização do grupo, tratando-se da elevação técnica dos seus componentes amadores a partir do contacto directo com profissionais. Não basta ler livros para aprender a fazer teatro.

Actriz (voluntria) para a «Antígona»

— Prevêem a hipótese de fazerem intercâmbio com outros grupos?

— Sim, é mesmo uma coisa fundamental. A coordenação dos grupos de amadores — que ainda não foi feita — pode ser muito importante para o nosso teatro. Como, além disso, teremos tempos mortos, contamos aproveitá-los apresentando outros grupos. E esperamos poder retribuir essas visitas.

— Quando contam inaugurar?

— Calculamos que ainda em Maio ou Junho. No entanto, é impossível estabelecer uma data. Mas logo que tenhamos luz vamos começar. Estrearemos com a «Antígona». Terá musica de Jorge Peixinho; versos de Mário Castrim; arranjo de cena de Octávio Clérigo; encenação de Armando Caldas. Acima de tudo, será um espectáculo feito por todos.

— Em corolário do que se disse, desejamos insistir no seguinte: esperamos que os sócios nos proponham os seus programas. Formem grupos que elaborem planos que as respectivas comissões julgarão. Parece que já há pessoas que estão a trabalhar nesse sentido. O «Primeiro Acto» é um clube aberto.

— Teremos que estabelecer planos a longo prazo. Peças a representar, publico a procurar. Mas para já, os nossos esforços estão virados para a construção do teatro.

— Não queremos deixar de frisar este ponto: conseguimos que pràticamente todas as companhias de teatro de Lisboa concedam 50% de desconto nos seus espectáculos aos nossos sócios. Será de toda a justiça falar nessas companhias Amélia Rey Colaço, Teatro Vasco Santana, Vasco Morgado (espectáculos de teatro declamado), Teatro Villaret. É uma regalia para os nossos associados a ter em conta.

(Assim estivemos no «Primeiro Acto», em Algés. Ouvimos os seus responsáveis, vimos um teatro a fazer-se. Falámos com o próprio teatro e por isso não damos nomes: os responsáveis com quem gravámos os depoimentos identificam-se de tal maneira com o novo teatro que o anonimato é a melhor homenagem que lhe podemos prestar).

CARLOS PORTO

Alfredo Tropa vai

(Continuação da 5.ª página)

panorâmica da profissão. Entra-se em contacto com os Senhores da profissão, vêem-se milhares de filmes na «escola» de Langlois, também conhecida por Cinemateca.

— É obrigatório fazer filmes durante o curso?

— Vários. Como realizador. Quase todos em dezasseis milímetros, excepto o último, que é, digamos, a pedra de toque definitiva. É feito com todos os matadores: «décor», equipa completa, actores, 35 mm, som síncrono, etc., etc...

— Fizeste então o «Noël 1721». Qual é o tema?

— É baseado numa novela do Júlio Dantas, imagina. É a história duma freira que na noite de Natal teve um filho. Sonho? Realidade? Enfim, foi o grande golpe para o exame. Fi-lo para aqueles nomes que estavam no júri. Podia ter feito jogo mais limpo, mas isso era arriscar o trabalho de todo o curso. Por outro lado eu sabia que as grandes aventuras eram perigosas num júri como Jean Mitry e o Georges Sadoul, que tinham sido aliás meus professores.

LISBOA «REVISITED»

— Acabado o curso, Lisboa outra vez. «Revisited». Sai então «Ou Inverno ou».

— Foi uma experiência sobre possíveis ligações de sons e cores. A base musical, que é uma obra de François Couperin, sugeria ligações com cores nos subtítulos, mas sem indicar temas. Donde a necessidade de criar todas as imagens.

— O teu filme seguinte, «Num Mar de Moliço», foi ao Festival de Pesaro. Como é que arranjaste isso?

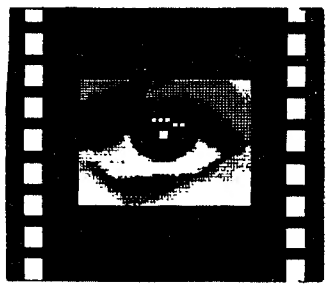
— Acho que esteve aqui por essa altura um delegado do festival. Viu o filme e indicou-o à direcção.

— Coisas posteriores?

— Retenho «Ceramica de Ontem e de Hoje» e «Regata». Por estrear estão «Minuto Zero» e «Águas Vivas». A propósito: a «Regata» foi uma brincadeira que eu decidi fazer porque já estava parado há muito tempo. A gente fica dois meses sem filmar e sente necessidade... E' assim uma espécie de angústia, de... Uma coisa que só passa quando se filma outra vez. Às vezes essa angústia é tão grande que até tem de se fazer filmes de publicidade chatos como o raio. Voltando à «Regata»: a seguir fiz os dois filmes por estrear, dois filmes industriais. Mas gosto do «Minuto Zero».

— Tema?

— Os dez minutos que antecedem a partida duma



corrida de automóveis de fórmula. Foram bestiais as filmagens. Era uma equipa formidável — Augusto Cabrita, director de fotografia e operador, Alexandre Gonçalves no som, e o Fernando e o João Matos Silva na produção. Depois a Tereza Olga fez a montagem. Foi o que se chama filmar com todo o prazer. Era o ruído dos carros, os tiques dos condutores, o calor, o pó, o cheiro da gasolina. À noite a gente chega ao hotel, toma um duche, fica limpinho e está feliz!

— Quanto filmaste?

— Uma hora, para no fim da montagem não ultrapassar treze minutos. Mas é uma fita muito rigorosa. Porquê? Em cada milhão de espectadores potenciais haverá meia dúzia que corre em automóveis, mas a minoria é muito importante para mim e por isso às vezes, em prejuizo de um bonito malabarismo cinematográfico, prefiro o acordo da tal minoria.

— Ainda uma coisa an-

(Continua na 7.ª página)

Campanha de Férias

Dardo

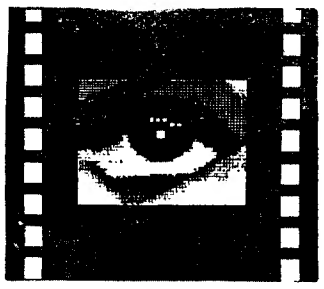
APENAS 100$00 MENSAIS DURANTE OS MESES DE VERÃO

Frigoríficos - Televisores - Rádios - Gira-discos - Gravadores - Alta Fidelidade - Discos - Máquinas de Lavar Roupa e Loiça - Aspiradores - Enceradoras - Fogões - Esquentadores - Máquinas de Cozinha - Candeeiros, etc., etc. - Mobiliário de Campo e de Praia - Mobílias - Maples e Sofás - Colchões - Alcatifas e Carpetes - Rádios de Automóvel

7 AUTÊNTICOS SUPERMERCADOS DE ELECTRODOMÉSTICOS

Dardo

Av. Liberdade, 131 — Av. Almirante Reis, 124
Pr. Londres, 7 — Rua S. Bento, 55
R. 1.º Maio, 146 (Sto. Amaro) — R. D. Estefânia, 193
R. Gonçalves Crespo, 26 (ao cimo do C. Redondo)



(Continuação da 6.ª página)

filmar Manuel Mendes

tes de falarmos do «Pedro»: como é que surgiu a vossa aventura da Média Filmes?

— Um dia o Fernando Lopes e eu chegámos os dois à mesma conclusão — em vez de trabalharmos para este ou para aquele produtor era melhor irmos mais longe e sermos nós próprios produtores, logo totalmente responsáveis — até nas «massas»...

— De onde conhecias tu o Lopes? Do Vává?

— Do Vává, claro.

— Olha uma coisa: a Média tem dado bons resultados?

— Sim, com muito trabalho. A Média soluciona o problema alimentar e a pouco e pouco sempre vamos fazendo os filmes que nos interessam. Depois é bestial trabalhar com malta amiga.

— No fundo pode viver-se do cinema em Portugal?

—É preciso ter um certo jeito de equilibrista. Cai-se muitas vezes na rede, mas esse é o grande treino. Eu sempre adorei o circo...

— E quanto a publicidade?

— Dá dinheiro, mas não me interessa.

ONDE SE FALA DA COOPERATIVA

— A ideia de fazeres um filme de longa-metragem é muito anterior, se bem percebo, à formação da falada Cooperativa.

— Claro. Mas na única longa-metragem que me interessou fazer antes do «Pedro» calculei mal o salto — por ingenuidade — e o produtor deu cabo dela. Depois desinteressei-me. Fazer uma longa-metragem custa muito dinheiro. E como eu não tenho no bolso os oitocentos ou novecentos contos necessários...

— Tiveste convites do chamado cinema «do parque»?

— Tive dois ou três que nunca me interessaram.

— Aceitavas fazer um filme com o Calvário?

— Gostava de fazer um filme *sobre* o Calvário.

— O Calvário é portanto um tema?

— É, mas difícil de concretizar.

— Voltando à Cooperativa: explica lá isso mais em pormenor.

— O C. P. C. é uma associação de cineastas, ainda em criação, digamos, a qual se destina a permitir a produção de filmes que dificilmente encontrariam apoio da chamada produção comercial.

— E de onde vêm as massas?

— Das entidades que as quiserem dar e nós quisermos aceitar.

— A Fundação Gulbenkian, por exemplo?

— Espero bem que sim.

«PEDRO»

— Vais fazer o «Pedro» aos trinta anos. Quantos anos de cinema tens à tua frente?

— Quinze. Quinze, no máximo vinte.

— Só?

— Não te aflijas, depois vem outra malta.

— Bem, entremos finalmente no «Pedro».

— Naquela prateleira da estante guardo os argumentos e os livros «possíveis», segundo o meu critério é claro. Li, tornei a ler. Mas ou não me agradavam muito ou eram coisa para custar mais de mil contos: limite dos limites!

— Quanto vai custar o «Pedro»?

— O «Pedro», aliás «Pedro Só» até mais ver, vai custar no máximo novecentos contos. Estávamos então na fase da escolha. Encontrei o «Pedro» do Manuel Mendes. O Manuel Mendes que morreu há bem pouco tempo... Aqui há dois meses fui ao Restelo falar com ele, pedir-lhe a necessária autorização para adaptar o livro ao cinema. Ele disse que sim e deu-me uma série de ideias — episódios — que não tinham sido aproveitadas e que serviram à maravilha para resolver vários problemas. Aliás ele apercebeu-se ràpidamente dos problemas que a adaptação levantava e ajudou-me muito. Propôs pessoalmente várias alterações. O livro era um filho dele e nenhum pai encara alegremente as intervenções cirúrgicas que os filhos têm de sofrer...

— O Manuel Mendes nunca te disse que gostava de cinema?

— A cozinha cinematográfica, como ele dizia, fascinava-o.

— Já tinha havido outros interessados no «Pedro»?

— Ele contou-me que sim, sem revelar nomes, mas acrescentou que fora há muitos anos. Depois fiz a adaptação, o Manuel Mendes aceitou, e escreveu-me (talvez umas das suas últimas cartas) a dizer para eu dar um pulo a casa dele. Infelizmente já não foi possivel.

— Uma pergunta: o que é que tu vês no «Pedro»?

— A riqueza humana da personagem, o homem rebelde e livre que decide ser vagabundo porque para ele aquela era a forma da liberdade.

— Em certas circunstâncias admites que serias tu mesmo como o «Pedro»?

— Por isso é que eu sou tão malcriado! Nós somos todos um pouco vagabundos. O «Pedro» vive em zonas rurais e isto — isto é um país rural. Não vês, as ovelhas no Parque Eduardo VII? É isso que eu vejo todos os dias...

— Não tens receio de ir tratar de perto o mundo rural, a província?

— Não. Julgo que nisso estou relativamente à vontade. Sob o ponto de vista de filmagens — de facilidade de filmagens — tentei fugir aos interiores. Ora como penso filmar cronològicamente as sequências estou-me um bocado borrifando na meteorologia. Aliás o «Pedro» não vive num determinado local, mas sim em vários locais sucessivos.

— Qual foi o «osso» mais difícil da adaptação?

— Articular todas as sequências e ter a noção exacta — o mais possível — do tempo cinematográfico que corresponderá a cada cena.

— A narração é seguida ou tem grandes intervalos de tempo?

—O filme narra cronològicamente quatro dias da vida dum vagabundo.

— Alterações fundamentais que introduziste?

— Pròpriamente nenhuma. Introduziram-se, contudo, alguns episódios de ligação.

— O Manuel Mendes contou-te quem era o «Pedro»?

— Foi assim: disse que constava que Bento de Jesus Caraça aprendeu a ler com um vagabundo, e aí está o «Pedro».

— Ainda há vagabundos do tipo do «Pedro» por aí fora?

— Tenho encontrado vários. Uns falam, outros não. São de abordagem difícil.

— Traços comuns?

— Independência. Rebeldia.

RECURSO A ACTORES UNIVERSITÁRIOS

— Onde é o mundo do «Pedro»? Manuel Mendes localizou-o, parece, em Trás-os-Montes.

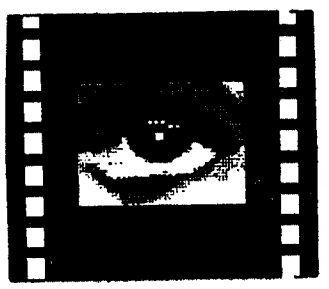
— Para mim é ao pé de Coimbra, na estrada da Beira. A seguir à ponte da Portela estão as aldeias do «Pedro».

— Não filmas então com base em Lisboa.

— Não. Do ponto de vista da produção é mais fácil filmar em Coimbra do que em Lisboa. Depois eu estou interessado nos elementos dos grupos universitários de Teatro. Vamos a ver.

— Vais reunir uma equipa numerosa?

— Uma equipa mínima. Seis ou sete técnicos. Não há dinheiro para mais, e além disso é também por uma questão de segurança. As equipas grandes são difíceis de controlar. Vendo bem, não se usam equipas grandes nas curtas-metragens — e o meu treino vem da curta-metragem e pouco mais. Por outro lado não quero estar preocupado com os problemas que sempre trazem as grandes equipas e os grandes equipamentos. Portanto poucos, mas bons, colaboradores.



— Já pensaste em alguém para o protagonista?

— A gente começa por pensar no Alec Guinness e depois raciocina à base dos nomes cá da terra. Há dois ou três, mas como ainda não resolvi em definitivo não vale a pena citar nomes. Bem, sempre adianto que eles estão entre os mais conhecidos do teatro profissional. Depois preciso de alguns outros (poucos) profissionais e o resto deve ser escolhido no teatro universitário.

— O que vais exigir à tua equipa?

— Começo por mim e acabo nos outros. Exijo pouca improvisação, quer dizer, não estou tentado a desenrascar a fita na sala de montagem.

— Controlarás então tudo durante as filmagens?

— Tudo, se bem que tenha muita confiança nos técnicos que levo comigo. Mas, por exemplo, o problema da fotografia parece-me fundamental. Vou trabalhar sempre com emulsões muito sensíveis, para não ficar preso aos problemas que os equipamentos de iluminação levantam.

— És capaz de pormenorizar a equipa técnica?

— Realizador, assistente de realização, «script», director de fotografia, assistente de focos, chefe de produção e mais um assistente e um estagiário, dois electricistas e dois maquinistas.

— Conheces bem os locais das filmagens?

— Tenho uma noção bastante exacta dos locais, apesar de ainda não haver uma escolha definitiva dos «décors» — já tenho até algumas ideias acerca do plano de trabalho.

— Entretanto foste gastando massas do teu bolso com a preparação.

— Três contos, fora a gasolina. De qualquer maneira não podia deixar de ter gasto essas massas, para saber se o filme seria realizável dentro do orçamento previsto.

— Quando arrancas?

— Se tudo correr bem, em Setembro, Outubro.

— Para estar pronto...

— ...em Março.

— Costuma perguntar-se «que realizadores prefere». Vamos fazer uma finta? Pergunto antes se viste nos últimos tempos algum filme fora de série. Melhor: um filme que te tenha impressionado, mas impressionado mesmo.

— «L'Amour Fou», do Rivette.

— Olha que grande ajuda, esse ainda não passou cá!

— Não, mas haja esperança...

— Pronto, isto está a dar o ré. Acabou-se a bobine. Mais coisas para dizer?

— Eu cá propunha finalmente um copo.

O tesouro na gaveta...
Faqueiros de Prata
TOPÁZIO
duplamente trabalhados
valem cada vez mais
Vendem as melhores Ourivesarias

O drama e o número

(Continuação da 8.ª página)

essencial que é o encontro da mulher Em *Hotel de Turismo,* são altivos e tonificantes perfis de raparigas que se erguem na sua evidência irrecuperável. E quem vai pôr a grande objecção ao movimento englobante e abstractizante que define o pensamento de Teilhard de Chardin? Não é o mal, que Teilhard omite, mas apenas uma «loirita bem gira por sinal / que trabalhava comigo nem sei onde»

Contudo se a mulher pode ser acidente, ela é também integração de todos os acidentes, movimento total de reunificação:

Caminho inexoràvelmente para ti:
Começo a descobrir a tua forma,
principio a ver-te,
síntese magnífica dos três reinos,
e suspende-me,
sustento-me na descoberta,
estático,
no ponto repouso do mundo em mo-
[vimento,
aí.
— É em ti que se fundem os dois
[reinos.
Amor, mulher!
Ó minha amiga!

PASSEMOS então para *A Viagem de Ícaro,* obra maior na produção do seu autor, sobretudo pela densidade temática que nela emerge. Trata-se, como é evidente, de um livro de transformação, onde o fim prefigura o começo. O gesto inicial é o de atravessar um pórtico que dá entrada na cidade apenas conhecida idealmente, e o poeta hesita como se a fusão dos dois reinos entrevistos pudesse constituir uma profanação.

Lúcido, receio penetrar
na cidade construída
entre lutas e vigílias,
no ideal.
Ah!, decide-te e caminha.
Breve o Sol porá sombra
onde a bandeira brilha.
As chagas desta porta lanceada
vão fechar seus lábios.
Penetra na cidade.

A passagem revela-se como vacilação. Ela é paragem, movimento detido, gesto suspenso:

Apoiado a um tempo que me não
[pertence,
membro rigoroso de outro corpo
[maior,
eis-me suspenso ou flagelado.
Uma espera superior a este momento
eterniza a luta e detém-me.
Suspensão biológica. Paragem até
no curso da alma.
Dependo de um olhar de Deus
ou de um gesto.
Pairo inciente num vago mar de
[vento
e o próprio vento ou mar incientes
[repousam
nessa suspensão dilatada: momento
[mensurável só
na eternidade.

O grande conflito para quem empreende a viagem em que se irá consumir é aquele que se trava entre a pureza do número e a nostalgia do drama (entre o ser e o existir). A «Históoutra», diz-nos a certa altura o poeta, tem uma ciência auxiliar que é a Aritmética. O número constitui o rigor do universo essencial. Mas o número exclui o drama que o exige. «Dormir fora talvez alternativa/ se dormir se pudesse.»

O fundo incontornável da origem aparece-nos na terceira parte do livro, em versos de grande vigor e firmeza. A génese do real e a génese da palavra são traçadas com uma lucidez admirável. Depois dá-se o encontro que se desenhara no uso do verbo «endereçar»: «Os pássaros voaram e a luz endereçou-se outros horizontes / Aí vozes mais puras e cantantes... e a palavra endereçou-se à vastidão informe». É então aí que a Palavra se cumpre. É aí também que ela emudece, desvinculada de um drama que o homem não sabe promover a tão alto plano:

Nós temos fome,
temos sede e frio,
temos olhos, temos corpo, temos
[sexo,
e a tua palavra existe num longín-
[quo plano
deserto, estéril ou esterilizado
pela nossa fraqueza
ou temeridade.

É ainda a mulher, na sua tripla versão de caule, flor e fruto, que estabelece a sutura frágil entre o número e o drama, entre a mudança do real e o movimento da essência, entre o ser e o devir:

Quem te encontrar saberá
que existe um corpo existindo na
[distância,
fora de nós,
para lá de Andrómeda,
contemporâneo do passado,
permanente na sucessão ilimitada
[e necessária,
uniformemente transeunte.

EDUARDO PRADO COELHO

(*)Fernando Guedes, **POESIAS ESCOLHIDAS (1848-1968)** — Editorial Verbo, Lisboa, 1968.

crítica

O DRAMA E O NÚMERO

por Eduardo Prado Coelho

É bem curioso percorrer numa só leitura toda a obra poética de Fernando Guedes: de 1948 a 1968, vinte anos (*). Sentimos, em primeiro lugar, a autonomia, a independência, a inegável singualiridade destes versos. Sentimos ainda a sua dispersão necessária, as diversas solicitações a que a obra tentou corresponder, os vários desvios que nela ocorreram. O próprio autor distribui a sua poesia em três ciclos claramente repartidos: o de *O Poeta*, o das *Vinte Canções* e um terceiro formado por *A Viagem de Icaro* e *Caule, Flor e Fruto*. Uma quarta secção reúne novos (e alguns antigos) poemas sob o título de *Hotel de Turismo*. Também aqui não só o tom como o leque de temas sofrem uma acentuada metamorfose.

Ao longo deste itinerário, há certas características que inegitàvelmente persistem. Talvez a mais marcada seja a de uma certa opacidade destes versos, que resulta duma simples mas decisiva circunstância; nunca (ou quase nunca) existe na poesia de Fernando Guedes um *elemento visual*. É certo que em alguns poemas (com predominância em *Vinte Canções* e em *Hotel de Turismo)* se verifica uma indicação muito clara de conjuntura prática que os motivou, dos lugares e dos protagonistas. Mas essas descrições são puramente descritivas — até que, por uma repentina desfocagem, a imagem «tem sùbitamente um tremor» (como muito bem observa Artur Anselmo no seu inteligegnte comentário) e engolfa-se num universo outro, feito de abstracções e essencialidade. Descrições desvalorizadas, desvirtuaddas na sua função de *dar a ver*. Por outro lado, quase todos os outros poemas andam próximos duma notação abstracta de elementos elaborados apenas no plano da sua inteligibilidade. Nas composições menos conseguidas, Fernando Guedes parece limitar-se a uma depuração de situações concretas. É então que mais se sente a ausência de um papel dinamizador da imagem, da sua função criadora, da sua existência irradiante. Esta poesia aparece-nos por vezes demasiado baça e artificial produto duma decisão que força as palavras e as frases. Procuro um exemplo:

O poente separa-nos, invocando
[a lei.
Depois, ficam a rua e a janela
donde acenar adeus ao meu do-
[brar a esquina.
Só no regresso à cidade
que dois habitantes demogràfi-
[camente preenchem
voltarei ao incomensurável do
[teu amor.

ACRESCENTE-SE um outro aspecto, que é o da total ausência de musicalidade nestes versos. Umas vezes pela sua construção muito elíptica e concentrada, outras por uma inabilidade na manipulação das palavras, o certo é que tal carência quebra um pouco a força e a naturalidade de um ou outro poema. Dou mais um exemplo:

Da lonjura da praia
que voz triste me chama?
Falo-te para não ouvir
essa voz, confuso apelo.
Longe, ao meio do mar,
Quem sugeriu a palavra?
Surdos, negam-se os ouvidos
ao que a alma não suporta.
Quem te disse a palavra?
Do silêncio quem te chama?
— Repousas no teu leito.

ACOMPANHANDO agora a génese da obra, passaremos por cima do livro *Esfera*, já bem pouco interessante, apesar de um poema como «Apenas». Chegando às páginas de *O Poeta*, sinto-me perturbado pela rarefacção que neste discurso poético se produz. São versos curtos, onde abundam as formas substantivas, onde os verbos não suscitam qualquer modo de acção, onde se cruzam diversos espaços perceptivos e reflexivos segundo leis que o leitor tem dificuldade em aprender. Esta configuração designa-se a si mesma no poema intitulado «H» (por um sistema de títulos segundo a ordem alfabética):

Nasce
dum corte metálico
a curva de indiferença
de pendente acentuada em excessivo.
Mundo e vida
permutam de plano.
Poeta.

DESDE logo se abre a dualidade que fende a linha destes versos e que no vocabulário de Artur Anselmo, se chama movimento-acidente. Indicá-la-emos por relação entre o real e o essencial, entre o existir e o ser, segundo as sugestões do próprio poeta:

Seguir
Absorver quanto os pés não sabem
[caminhar
Divide-se a alma entre ser e existir;
o corpo sobe.
Procuras cinzentas
interceptam o paralelismo recusado;
O som ergue gestos reprimidos,
a multiplicação envolve o espaço.
Para além das sensações
a permanência.

Encontramos ainda a mesma cisão num outro poema que nos fala das duas verdades (correspondentes à luz e ao sangue):

1. *A verdade que existe*
   não chega.
   Certa,
   a Verdade permanente
2. *Contornos morais*
   são luz.
   Sangue é mais
   e é pior.

NA fase seguinte, a de *Canções voltadas a Norte e outros poemas*, encontramos sobretudo versos de amor, que tornam por momentos mais cursiva e comunicante, mais humana e sensível, a expressão do poeta. Talvez este movimento se dê em prejuízo da originalidade. Não julgo estes poemas comparáveis à melhor produção de Fernando Guedes. Há, contudo, uma frescura súbita, uma alegria quase ingénua, que envolvem estas palavras trôpegas, e isso verificar-se-á sempre que ao poeta se lhe depare esse acidente

(Continua na 7.ª página)

Nas vésperas da 1.ª audição mundial de «La Transfiguration», de Olivier Messiaen

Serge Bando e Olivier Messiaen — presentes no «Coliseu dos Recreios»

A Orquestra de Paris

por António Ferrão

A ASSOCIAÇÃO da Orquestra de Paris surgiu em Junho de 1967, devido á iniciativa de André Malraux. O objectivo da sua formação não foi o de dar origem a mais um agrupamento sinfónico, mas antes o de fundar um de qualidade modelar para a divulgação de obras tanto clássicas como modernas, junto do grande público. Pretende-se mesmo que este seja cada vez mais numeroso.

Seguindo nesta linha de rumo, têm-se contado entre as suas realizações: uma série de manifestações na Sorbonne; concertos em várias associações de estudantes de Paris e locais vizinhos; e outros apresentados na região parisiense e na província.

A Orquestra de Paris é composta por 110 instrumentistas aprovados em concurso público que, inicialmente, era presidido pelo famoso regente Charles Munch, seu primeiro director, sendo conselheiro permanente outro nome bem grado no firmamento musical — Herbert Von Karajan. Actualmente é seu maestro permanente Serge Baudo, que, com os seus quase 42 anos, é já hoje muito conceituado, mercê das suas equilibradas versões de obras sinfónicas e musico-dramáticas. Deve-se-lhe, entre outras interpretações, a criação de obras contemporâneas como «Et expecto ressurrectionem mortuorum» de Olivier Messiaen, em Chartres, e a ópera de Darius Milhaud «La mère coupable», em Genebra.

Dentro de alguns dias, Serge Baudo e a Orquestra de Paris apresentarão aqui, em Lisboa, no Coliseu dos Recreios, mais uma primeira audição mundial — «La Transfiguration», também do já célebre compositor francês Olivier Messiaen.

Em Paris, os concertos desta Orquestra são dados no «Théâtre de la Musique» (o antigo Théâtre de la Gaité Lyrique), na Salle Pleyel e também no Théâtre des Champs-Elysées. Neste realizam-se, para além dos costumados concertos nocturnos, outros aos sábados de manhã, que são presenciados por um público numeroso e entusiástico, composto por franceses e estrangeiros — não nos esqueçamos que se trata de uma cidade bem cosmopolita. Ainda no passado mês de Abril, aí assistimos a magníficas versões de páginas de André Jolivet, Paul Hindemith e Serge Prokofieff, a uma hora bem matutina para a maior parte das pessoas que em Portugal estão habituadas aos concertos só a partir das 18,30 horas. Com efeito, ás 11,30 horas da manhã já a referida sessão musical estava terminada!

A campanha internacional deste agrupamento orquestral inclui já viagens artísticas através da U.R.S.S., do Canadá, dos Estados Unidos e do México, estando previstas actuações em Tóquio, integradas nas realizações culturais da Exposição Internacional de 1970. Não nos devemos esquecer igualmente do seu precioso concurso já dado a Festivais de Música nacionais e estrangeiros, sob a direcão de Charles Munch e de Serge Baudo.

A divulgação de autores franceses clássicos e contemporâneos tem sido sempre a sua palavra de ordem, o que muito tem contribuido para a perfeita audição de tais páginas, pois existem três princípios de organização, considerados essenciais, e que têm sido sempre equacionados para dar á Orquestra de Paris o carácter de exemplaridade que justifique a sua criação: a autoridade do seu director; a vigilância constante quanto á manutenção das supinas qualidades dos seus membros; e a estrita obrigatoriedade que os músicos da mesma têm de se dedicar exclusivamente ás tarefas da orquestra.

Só assim, com efeito, é possível produzir trabalho de valia, porque todos os detalhes são pensados a sério. Desta forma, tudo é organizado de forma a permitir aos músicos que trabalhem individualmente a sua técnica instrumental, ao mesmo tempo que se consegue uma coesão e homogeneidade perfeitas em cada naipe através de trabalho de pormenor.

No próprio seio da Orquestra existem elementos que formam pequenos agrupamentos de música de câmara, chamados regularmente para a realização de concertos, o que permite requintar ainda mais o estilo dos intérpretes.

Está estabelecido que todos os quinze dias a Orquestra terá de apresentar um novo programa, que será tocado cinco vezes em locais diferentes. Deste modo é possível trabalhar em profundidade, contribuindo para uma mais firme coesão e um maior equilíbrio, o que é da mesma forma desenvolvido devido ao contacto frequente com novas concepções de regência, através da presença de maestros de prestígio mundial que repetidas vezes se deslocam a Paris para a dirigir.